

Marília Guaragni de Almeida

“Eu Sei Tudo”: Representações das mulheres no contexto
inicial do movimento feminista no Brasil (1918-1939)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestra em História sob a orientação da Profa. Dra. Jacqueline Ahlert.

Passo Fundo
2021

CIP – Catalogação na Publicação

A447e Almeida, Marília Guaragni de
“Eu Sei Tudo” [recurso eletrônico]: representações das
mulheres no contexto inicial do movimento feminista no
Brasil (1918-1939) / Marília Guaragni de Almeida. – 2021.
3 MB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade
de Passo Fundo, 2021.

1. Feminismo - Brasil. 2. Gênero. 3. Entreguerras,
1918-1939. 4. Movimentos sociais. 5. Revista “Eu Sei
Tudo”. I. Ahlert, Jacqueline, orientadora. II. Título.

CDU: 396(81)

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Banca Examinadora do Mestrado

Profa. Dra. Marlise Regina Meyrer (PUCRS)

Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta (UPF)

Profa. Dra. Jacqueline Ahlert (UPF)

Agradecimentos

Agradecer nem sempre parece tarefa fácil, eu poderia simplesmente colocar alguns nomes, dizer suas importâncias e fim, o agradecimento seria direto e sucinto. Porém, só quem se dedica a um trabalho árduo e cansativo como escrever algo novo sabe o quão importante é cada pessoa, cada ato, cada momento na construção de uma dissertação.

Foram momentos difíceis, vários resfriados e dores de cabeças incessantes, uma cirurgia no joelho e um par de muletas, enjoos, crises de ansiedade e pânico, sem esquecer dos bloqueios de escrita e do medo aterrorizante de cada mensagem ou *e-mail* da orientação. Pude aprender que nem sempre a pressa é a melhor solução. Às vezes uma respirada, um cigarro, uma cerveja e uma conversa com algum amigo era melhor que jogar diversas palavras em uma página de *Word*.

Agradeço à Universidade de Passo Fundo – UPF, pela oportunidade de conhecer melhor a instituição, com estrutura e profissionais de extrema competência. À minha orientadora, professora Jacqueline Ahlert pela paciência e compreensão nas dúvidas e questionamentos, sendo uma guia de ensino, seja nas disciplinas e orientações, indicando o melhor caminho de maneira sempre tranquila e disposta a ajudar. Aproveito para pedir desculpas pela falta de respostas, pois o medo constante de críticas me privou de diversas ações.

Agradeço à minha mãe Ires que nunca desistiu de mim e que, sempre orgulhosa, dizia: “Minha filha faz mestrado”. Mesmo com as inúmeras críticas às minhas escolhas, quase sempre ela tendo razão, foi importante e essencial neste tempo. Aos meus irmãos Lucas e Gustavo, colegas de casa, de brigas e conselhos. Viram o meu pior e o meu melhor no mesmo dia. Aguentaram as paranoias e os choros como adultos. Vocês têm todo o meu amor! Muito de eu continuar é pura vontade de encher vocês de orgulho. À minha nona, Lorena, que desde pequena sempre me tinha como *girl power*, me incentivando e jogando futebol comigo.

Às minhas amigas Angélica e Karol que, quando no fundo do poço me viram, me jogaram cordas e com diversas partidas de futebol e canastra, me fizeram ver que além de me proporcionarem um time tricampeão, me deram mais, me deram irmãs para a vida! Falando em vida, o que seria da minha sem o Darlan, quando não tinha palavras para escrever, o silêncio e algumas cuias de chimarrão me fizeram esquecer dos problemas, criando espaço para voltar a ser quem eu era. Amigo, irmão e, às vezes, até pai, cuidando e preocupado com meu estado e com minha escrita, sem ti nada seria possível!

André e Lauren, amigos que o mestrado me deu, e que estarão juntos comigo por toda a vida! Conversas, dicas e auxílios cruciais para que eu pudesse chegar neste momento, com o divertimento em momentos de pânico, chamadas de vídeo e diversos memes. Vocês foram os achados mais raros! Gustavo, poderia te colocar em um agradecimento individual ou escrever um artigo, poderia ser uma tese de doutorado só sobre a importância que você teve e tem na minha vida: amigo, irmão, colega e mais todas as posições de “pessoa da minha vida”. Eu não só te agradeço como te afirmo a importância e necessidade que você tem na minha vida. Você é exemplo a ser seguido e se for estudado poderemos chegar à paz mundial! Bruno, Roberta e Maria Helena agradeço a compreensão pela falta de proximidade nestes dias! Como dinda e como amiga, obrigada por não deixarem de me amar e nem esquecer que, mesmo às vezes parecendo eu ter esquecido, o meu amor é incondicional.

Lucas, Darlan, Natael, Denílson, Jonas, Renan, Alexandre, Marco e Edson, obrigada pelas noites mais loucas e sem stress, com risadas, abraços e álcool, não importava o lugar ou as consequências. Juntos tudo sempre estava bem! Os manos fazem parte fundamental deste trabalho, pois diversas vezes me suportaram e me abraçaram nas piores horas. Amo vocês e, quando acabar, tem cerveja por minha conta!

À Dariane e à Eduarda que surgiram na minha vida como tsunami devastador e que me fizeram ter as melhores e mais absurdas conversas, mostrando como é possível encontrar a amizade e os melhores – ou não – conselhos. Agradeço a vocês pelas risadas e por me apoiar, nos bons e maus dias. À Gabriela, por momentos de guia espiritual com os melhores conselhos amorosos e outros... musa inspiradora por sua constante busca pela perfeição, força estrondosa como mulher feminista, amiga e sempre com os melhores diálogos frente à sociedade machista.

Foram anos em que me questioneei se realmente deveria concluir o mestrado. pensamentos de desistência pairavam sobre meu consciente. Tive dúvidas sobre temas, relatórios, apresentações e, principalmente, sobre a minha capacidade de conseguir findar esta etapa. Cada um e cada uma citado e citada aqui teve significativa importância e, em algum momento, foi a minha força para continuar. Agradecer é um ato pequeno para a importância de vocês na minha vida. Amo vocês!

Em todas as lágrimas há uma esperança.
Simone de Beauvoir

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar as menções aos princípios feministas – no âmbito das reivindicações da Primeira Onda Feminista –, e a ambivalência do discurso, expresso na manutenção do *status quo* dos papéis femininos, dentro da revista “Eu Sei Tudo”, entre os anos de 1918 e 1939, compreendendo o período Entreguerras. Apesar do descompasso temporal entre a publicação do magazine e o surgimento da Primeira Onda Feminista, ainda em meados do século XIX, consideram-se as publicações em termos dos assuntos pautados pelo movimento, tais a igualdade jurídica, o direito ao voto e o acesso à educação e às profissões liberais. Para tanto, foram analisadas 252 edições da revista, sendo doze edições por ano, ao final de 21 anos. O magazine em estudo foi lançado em junho de 1917, impresso pela Companhia Editora Americana S. A. sediada na então capital do Brasil, Rio de Janeiro. A linha editorial da revista buscava enfatizar assuntos nacionais e internacionais, tecnologias, inovações, literatura, entre outros; cada edição contava com cerca de 100 páginas. Para além da análise de conteúdo, o estudo problematiza os avanços e retrocessos dos ideais feministas na imprensa, ampliando as discussões dentro da área de gênero e feminismo, de um contexto no qual se introduzia algumas noções novas e bastante questionadas pela sociedade patriarcal e seus estigmas. Nesta perspectiva, a dissertação insere-se dentro dos estudos que versam sobre História das Mulheres, com ênfase no feminismo, através da compreensão da representação da mulher em um periódico de grande circulação. Juntamente com as informações de imprensa, foram analisadas as revistas que antecederam a criação do magazine, “Eu Sei Tudo”, além o contexto social, econômico e familiar da época. Para a análise destas fontes e otimização do tempo de pesquisa, utiliza-se como método a análise de conteúdo, dentro de uma perspectiva quantitativa e qualitativa, a fim de organizar as informações no sentido de arguição para o problema da veiculação de informações a respeito do movimento feminista dentro da revista, como meio de propagação das ideias de igualdade de gênero, e coexistência dos ideais patriarcais, de subalternidade feminina. Dentre os resultados se constatou que o feminino e o feminismo se confrontavam em algumas publicações, até mesmo em uma mesma página, gerando insegurança nas conquistas do movimento feminista. Desta forma, observou-se a continuação da reprodução do *status quo* presente nos anos anteriores, como também nas revistas antecessoras a “Eu Sei Tudo”. O trabalho aqui apresentado serve como meio de indagação dos avanços feministas dentro de um almanaque informativo, como instrumento de análise da sociedade do período do Entreguerras, perpassado pela História das Mulheres e consequências para estudos de gênero.

Palavras-chave: Revista Eu Sei Tudo. Feminismo. Feminino. Gênero. Entreguerras.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the references to feminist principles - within the scope of the claims of the First Feminist Wave - and the ambivalence of the discourse, expressed in the maintenance of the *status quo* of female roles, within the magazine “Eu Sei Tudo”, between the years 1918 and 1939, including the period Between Wars. Despite the time difference between the publication of the magazine and the emergence of the First Feminist Wave, still in the century XIX, publications are considered in terms of the subjects guided by the movement, such as legal equality, the right to vote and access to information. education and the liberal professions. To this end, 252 editions of the magazine were analyzed, twelve editions per year, after 21 years. The magazine under study was launched in June 1917, printed by Companhia Editora Americana S. A. based in the then capital of Brazil, Rio de Janeiro. The magazine's editorial line sought to emphasize national and international issues, technologies, innovations, literature, among others; each edition had about 100 pages. In addition to content analysis, the study problematizes the advances and setbacks of feminist ideals in the press, broadening discussions within the area of gender and feminism, in a context in which some new and highly questioned notions were introduced by patriarchal society and its stigmas. In this perspective, the dissertation is part of the studies that deal with the History of Women, with an emphasis on feminism, through the understanding of the representation of women in a widely circulated journal. Together with the press information, the magazines that preceded the creation of the magazine, “Eu Sei Tudo”, were analyzed, in addition to the social, economic and family context of the time. For the analysis of these sources and optimization of research time, content analysis is used as a method, within a quantitative and qualitative perspective, in order to organize the information in the sense of arguing for the problem of the transmission of information about the feminist movement within the magazine, as a means of propagating the ideas of gender equality, and coexistence of patriarchal ideals, of female subordination. Among the results it was found that the feminine and feminism clashed in some publications, even on the same page, generating insecurity in the conquests of the feminist movement. In this way, there was a continued reproduction of the *status quo* present in previous years, as well as in the magazines predecessors to “Eu Sei Tudo”. The work presented here serves as a means of inquiring about feminist advances within an informative almanac, as an instrument of analysis of the society of the period between the wars, permeated by the History of Women and consequences for gender studies.

Keywords: Eu Sei Tudo Magazine. Feminism. Female. Genre. Between Wars.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A importância da vestimenta.....	32
Figura 2 - Trecho retirado da revista “A Mensageira”.....	34
Figura 3 - Trecho inicial de um artigo publicado na revista “A Mensageira” de 1897 referente a presença feminina.....	34
Figura 4 - Informações contidas na primeira edição do Jornal das Senhoras	36
Figura 5 - Matéria da edição número 001 da Revista Eu Sei Tudo de 1917.....	39
Figura 6 - Anúncio do “Livro do Bebê” que fez parte da edição 011 de abril de 1918.....	59
Figura 7 - Matéria da edição 008 de 1918 a respeito da mulher e a relação com os filhos	61
Figura 8 - “A mulher mais feia do mundo”, exposta na edição de 1921	65
Figura 9 - Tipos de Beleza	66
Figura 10 - Atrizes fumando.....	69
Figura 11 - Exercícios auxiliando para não engordar	72
Figura 12 - Candidatas ao concurso que avaliaria o corpo mais bonito	74
Figura 13 - A inversão dos papéis um casamento polêmico	76
Figura 14 - Mulheres realizando trabalhos que antes eram tido como masculinos	79
Figura 15 - Figura importante na história, a primeira “impressora”.....	81
Figura 16 - A mulher mais bem paga do mundo	83
Figura 17 - Uma mulher homem na África	84
Figura 18 - A mulher e os esportes.....	86
Figura 19 - A mulher e os esportes.....	88
Figura 20 - Mulher praticando “basket-ball” algo considerado nada gracioso	90
Figura 21 - “A educação feminina”	97
Figura 22 - “A mulheres e os penteados”.....	98
Figura 23 - “Um mercado de noivas”.	99
Figura 24 - “A juventude da mulher”.....	100
Figura 25 - “Os suplícios que a mulher suporta para ser bonita”.	101
Figura 26 - “Jóias de mulheres e de bonecas”.	102
Figura 27 - “As atitudes essenciaes da mulher”.	103
Figura 28 - “Uma feira de casamentos no Alto Tonkin”.	104

Figura 29 - “Experiencias sobre a inteligência na mulher e no homem”.....	104
Figura 30 - “Onde as mulheres são vendidas a kilo e a prestações”.....	106
Figura 31 - “Os maridos oprimidos”.....	107
Figura 32 - “Divisão desigual”.....	109
Figura 33 - “A mulher e o véu”.....	110
Figura 34 - “A origem da mulher”.....	111
Figura 35 - “A razão da monogamia”.....	112
Figura 36 - “Concursos excêntricos”.....	112
Figura 37 - “Mulheres Frivolas”.....	114
Figura 38 - “As reivindicações femininas apoiadas por grandes homens”.....	115
Figura 39 - “Mentalidade Européia”.....	117
Figura 40 - “O Estado, agencia matrimonial – Uma escola de noivas”.....	118
Figura 41 - “A onde está a felicidade?”.....	120
Figura 42 - “As sete cousas de que uma mulher precisa saber para ser feliz”.....	121
Figura 43 - “Quatro e cinco”.....	122
Figura 44 - “Seis e sete”.....	122
Figura 45 - “O primeiro homem que não pode ficar solteiro”.....	124
Figura 46 - “Eleitoras”.....	126
Figura 47 - “O bom feminismo”.....	128
Figura 48 - “O cumulo do feminismo”.....	128
Figura 49 - “O bom feminismo”.....	129
Figura 50 - “Oh” Os homens”.....	132
Figura 51 - “A mulher é cinco vezes menos criminosa que o homem”.....	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participação feminina na história dos Jogos Olímpicos da Era Moderna	91
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
I. A INFLUÊNCIA DAS REVISTAS NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS NO SÉCULO XX.....	23
1.1 Introduzindo as questões de gênero e suas relações com a história.....	23
1.2 Os primeiros diálogos entre imprensa e questões de gênero no Brasil.....	30
1.3 As mudanças de postura das revistas com a chegada dos anos 20	44
1.4 A imprensa internacional e a atuação dentro da revista Eu Sei Tudo	48
II. A REVISTA “EU SEI TUDO” E AS REPRESENTAÇÕES AO FEMININO E FEMINISMO	52
2.1 Conteúdos e abordagens na revista “Eu sei tudo”	52
2.2 Representando mulheres.....	54
2.2.1 Maternidade e Casamento	59
2.2.2 Aparência e Vaidade	63
2.2.3 Vestimenta e forma física.....	70
2.2.4 Trabalho	77
2.2.5 Esportes	85
III. A AMBIVALÊNCIA DA REVISTA “EU SEI TUDO” AO EXPLORAR O FEMINISMO E MANTER <i>O STATUS QUO</i> FEMININO	93
3.1 <i>Status quo</i> presente na revista “Eu Sei Tudo”.....	93
3.2 A figura feminina e sua importância na revista “Eu Sei Tudo”.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	143

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar as menções aos princípios feministas – no âmbito das reivindicações da primeira onda feminista -, e a ambivalência do discurso, expresso na manutenção do *status quo* dos papéis femininos, na revista “Eu Sei Tudo”. Para tanto, será apresentada uma contextualização das ações atravessadas pelo movimento feminista no mundo e as consequências retratadas na revista. O recorte cronológico compreende o período Entreguerras¹, entre os anos de 1918 e 1939. A pesquisa não se configura apenas como análise de conteúdo, mas sim, como um estudo que problematiza os avanços e retrocessos dos ideais feministas na imprensa, ampliando as discussões na área de gênero e feminismo², tendo em vista um contexto no qual se introduziam algumas noções novas e bastante questionadas, como a igualdade entre homens e mulheres, o direito ao voto, a participação no trabalho e, principalmente, o lugar da mulher na sociedade.

O movimento feminista no Brasil, através da Primeira Onda Feminista, chega no século XIX, já mais forte na Europa por conta da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Deste modo, os desejos ficaram mais centrados na reivindicação dos direitos políticos, a votar e ser votada, trabalho remunerado, propriedades e direito à herança. A Primeira Onda veio de fora, veio dos anseios e desejos da mulher europeia por direitos, a ideia de utilizar o termo “Onda”, apregoa-se tanto a ideia de marco temporal como também a de continuidade de algo aplicado. Assim, as sucessivas ondas tanto aprimoram as anteriores, como lutam pelas causas ainda não conquistadas. Seguido então, a Segunda Onda ocorre após a Segunda Guerra Mundial, visando questões de gênero, como lutas por autonomia do próprio corpo, ao prazer e contra o patriarcado. A Terceira onda, se desenvolve nos anos 80 do século XX, movendo-se em prol do reforço aos pedidos realizados nas ondas anteriores, como também a discussão do papel da mulher na sociedade. Atualmente menciona-se uma Quarta

¹ Foi escolhido o período de 1918 até 1939, por ser o Entreguerras, momento onde findou-se a Primeira Guerra Mundial, até o princípio da Segunda. Este período é marcado pela reconstrução de diversos fatores, política, economia e sociedade se destacam pelas grandes mudanças. Assim, o período escolhido envolve uma significativa mudança no perfil social da sociedade, como também da mulher. Fator de grande importância neste trabalho. Também por não encontrar um grande número de trabalhos que envolvessem o período analisados (1918-1939).

² O feminismo consiste em um movimento social, que surgiu após a Revolução Francesa, momento onde as mulheres enfrentaram os mesmos desafios que os homens e não receberam a mesma valorização. O movimento feminista teve seu crescimento no século XIX, e expansão no século XX, visando a igualdade de condições entre homens e mulher, para que ambos possuíssem os mesmos direitos, em áreas como sociedade, trabalho, família, esportes, economia e as demais, com as mesmas condições. O conceito feminismo é utilizado de uma forma mais ampla dentro do trabalho por identificar-se algumas lacunas a respeito do tema dentro da revista. Ver: PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

Onda Feminista, com os debates que adentram aos anos 2000, bastante ativa nos países latino americanos, com o intuito de mais segurança para as mulheres.³

A fonte principal da presente dissertação é a revista “Eu Sei Tudo”, um almanaque ilustrado brasileiro, criado em 1917, que teve circulação até dezembro de 1958 pela Companhia Editora Americana S. A., com sede na cidade d Rio de Janeiro, capital do Brasil na época. Tinha como diretor gerente de publicação, Arthur Brandão.⁴ A primeira edição teve 150 páginas. As demais variavam entre 100 e 75 páginas, conforme o número de notícias, distribuídos em 26,5 x 17,5 centímetros em brochura, com algumas páginas coloridas, outras em preto e branco e as capas coloridas.

Na história do Brasil, vindo de um passado colonizado por Portugal, a educação feminina carrega atrasos se comparada à masculina. As leis de Portugal, aplicadas na colônia, traziam a mulher como *imbecilitussexus*⁵, traduzido do latim como sexo imbecil, aplicava-se ao grupo de mulheres, crianças e doentes mentais a ideia de que seriam incapazes de grandes feitos. As que possuíam algum conhecimento cultural ou intelectual ou que tivessem interesses sobre outros inúmeros temas relevantes eram entendidas como atrapalhadas e desnecessárias⁶. A mulher ideal deveria ser calada, respeitosa, passiva e boa para ser mãe de família. Esse padrão acabou permanecendo por longos anos e deixou fortes vestígios na história, os quais encontram consequências nos dias atuais.

Importantes figuras como Charles Darwin, Jean Jacques Rousseau, Aristóteles e livros como a Bíblia e o Alcorão apresentam a mulher como desigual. Frases carregadas de sexismo, machismo e opressão são constantes nos escritos que perpassam os anos. Os livros de história, ao retratar os fatos, acabam por deixar a parte referida às mulheres como mero complemento da história dos homens. Não proporcionando o devido valor, quando citam, é, via de regra, de

³ Data-se o termo Primeira Onda como os primeiros atos dos movimentos feministas frente a busca por igualdade entre homens e mulheres, com datas anteriores a 1857, citando a participação feminina na Revolução Francesa. Autoras como Joan Scott e Branca Alves citam datas anteriores. Ver: PEDRO, Joana Maria. 2005. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p. 77-98.

⁴ Circulava a edição avulsa pelo valor de 2\$000 em todo o Brasil, saindo as doze edições anuais pelo valor de 25\$000 e no exterior por 60 francos. Após as primeiras edições o valor foi elevado para 30\$000, anualmente.

⁵ Ver: RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

⁶ A literatura portuguesa mostra inúmeros versos que reforçavam a inferioridade da mulher, sendo escrito por homens que propagavam que o lugar da mulher era sempre ao servir ao marido, família e o lar. Ver: KRAUSE, C; KRAUSE, M. Educação de mulheres do período colonial brasileiro até a o início do século XX: do *imbecilitussexus* à feminização do magistério. **X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental**, 2016.

forma superficial, sucinta e sem grande importância⁷. Tem-se, então, muitos anos de desigualdade, não somente na busca por trabalho, mas também na educação e nos direitos⁸.

A revolução burguesa⁹ e o advento do capitalismo avultaram a presença das mulheres na sociedade, entretanto, George Duby e Michelle Perrot (1990) problematizam sobre os escritos da história das mulheres, sendo contraditórios e ausentes os fatos referidos a elas, fixados apenas nos campos doméstico e materno. Questionam a existência da história das mulheres e a importância das atividades femininas. Na mesma linha, Scott (1992) e Bourdieu (1995) afirmam que as regras da escrita da história foram formuladas e organizadas por homens de maneira predominante, relegando às mulheres o silêncio ou papéis auxiliares ou secundários. É nessa tradição de estudos, que procurou rever o protagonismo das mulheres na história, que se inspira esta dissertação, almejando trazer à luz a complexidade das transformações, em âmbito social, que se relacionam com o rompimento de paradigmas de gênero que, cristalizados há milênios, ainda encontram ecos no século XXI.

Jornais, revistas, folhetins e almanaques¹⁰ eram os meios de informações do período aqui examinado. Com isso, ao passo que eram o espaço de propagação de ideias, no âmbito representativo, de inúmeros símbolos do movimento feminista, ensinavam pontos novos de tricô e crochê¹¹, assim como reportavam notícias sobre o Brasil e o mundo, com informações sobre guerras e mercado financeiro, utilizando lindos modelos e belíssimas atrizes como retrato da mulher comum. As revistas buscavam modos de atingir um público amplo, que valorizasse todas as “categorias” de posicionamento feminino¹², tanto as que se diziam “femininas”, certas de que o lar era seu lugar, quanto às que se projetavam na posição de atrizes e modelos, circulando em anúncios de inúmeros produtos, até às “revolucionárias feministas”, decididas a quebrar as correntes do patriarcado e mostrar à sociedade quem eram: independentes e fortes sem deixarem de ser mulheres.

A oposição binária, feminino e masculino, acaba por dificultar o estabelecimento das relações. Opondo-se em diversos campos, tende a criar uma competição pela superioridade

⁷ Ver: FERRAZ, Salma. **Dicionário machista**: Três mil anos de frases cretinas contra as mulheres. Geração Editorial, Brasil: 2013.

⁸ As mulheres só obtiveram o direito ao voto no Brasil em 1934, com a constituição consolidada, no mundo como Estados Unidos e Inglaterra conquistaram o direito ao voto no final da década de 1919.

⁹ Revolução Burguesa é um processo histórico realizado pela classe burguesa atrelada ao comércio, com relação direta a economia e finanças. Revoluções como a inglesa e francesa fazem parte das revoluções que possuíam a burguesia como uma das idealizadoras. Ver: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. São Paulo: M. Fontes, 1996.

¹⁰ Alguns citados ao longo do texto são: O Patriota (1813), Espelho Diamantino (1827), Jornal das Senhoras (1852), Espelho das Brasileiras (1837), Jornal do Brasil (1891), Estado de São Paulo (1922), entre outros.

¹¹ Tricô e crochê mostram a diversidade de informações presentes no período.

¹² Nem todas as mulheres eram retratadas, negras, periféricas e portadoras de limitações físicas ou neurológicas não possuíam representatividade.

entre os gêneros. De modo a entender tais construções, problematiza-se a sociedade em que se encontram, baseada em um princípio patriarcal, heterossexual, branco, católico, de cultura ocidental e de inspiração eurocêntrica. As relações de poder perscrutadas na presente dissertação utilizam tanto Foucault (1979) Perrot (1988) e Bourdieu (1986) quanto autores e autoras brasileiras por meio de Dias (2016), Alves (1981), Buitoni (1981), Bicalho (1989), Floresta (1989), Luca (1999), entre outros e outras. Busca-se, a partir desse referencial, atentar, dentre outros aspectos, à divisão sexual do trabalho da mulher a algumas profissões masculinas e o sexo feminino atrelado à feminilidade representações identificadas nas páginas da revista “Eu Sei Tudo”.

As concepções políticas do feminino e do masculino são marcos da história e da construção dos saberes. O gênero é uma construção política e está diretamente ligado às relações de poder. Segundo Foucault (1979) e Scott (1995), existem distinções complexas de gênero e sexo, em que um se impõe sobre o outro, atrelados às relações do social, colocando o sexo como um efeito do gênero. Sua existência na sociedade só tem sentido e só pode ser efetivamente compreendida a partir de um olhar que é cultural, a partir de um discurso é historicamente construído.

A existência de fatores hierárquicos que envolve práticas presentes na sociedade, como a economia, o social, a cultura e o político baseiam-se diretamente nas representações Chartier (1991). Assim, a reprodução de fatos pré-determinados aplicados aos grupos, como no caso da revista “Eu Sei Tudo”, ocorre pelo cruzamento de representações, tanto inscritas como também produzidas no dia a dia, onde cada grupo reconhece suas particularidades, criando significados para o mundo social. As representações, deste modo, tornam-se parte constitutiva do discurso, sendo utilizadas nas matérias da revista também como forma de garantir os interesses específicos dos representantes comerciais da revista.

Nomes como Virginia Woolf¹³, Simone de Beauvoir¹⁴, Carlota Pereira de Queirós¹⁵, Dionísia Gonçalves Pinto¹⁶, anos antes de autoras como Joan Scott¹⁷, Joana Maria Pedro¹⁸,

¹³ Virginia Woolf foi uma conhecida escritora, ensaísta e editoria inglesa (1882 -1941), importante figura do modernismo que exaltava a figura da mulher.

¹⁴ Simone de Beauvoir foi uma escritora, ativista política, teórica e importante intelectual francesa (1908-1986). É considerada por inúmeros trabalhos como uma das mais importantes autoras que tratam do feminismo. Sua obra “O Segundo Sexo” foi importante para a análise da condição humana da mulher em todas as dimensões.

¹⁵ Carlota Pereira de Queirós foi a primeira mulher brasileira eleita deputada federal. Foi médica, escritora e pedagoga, ajudou a propagar ideias feministas e o movimento sufragista na Europa e no Brasil.

¹⁶ Dionísia Gonçalves Pinto nordestina, datada de 1810-1885, foi provavelmente a primeira mulher no país a publicar textos em jornais, escreveu Conselhos a minha filha (1842); Opúsculo humanitário (1853) e A Mulher (1859), sempre abordando a temática da desigualdade de direitos entre homens e mulheres.

¹⁷ Joan Scott é uma historiadora Norte-americana, nascida em 18 de dezembro de 1941 no Brooklyn, cujo trabalho, inicialmente, era dedicado à história francesa, movimento operário e história intelectual, e que

Gloria Steinem¹⁹, Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy²⁰, salvo diferenças pontuais entre suas obras, compreendem que a cultura é algo amplamente importante para o desenvolvimento dos ideais feministas e de igualdade de gênero. Assim, a História Cultural vem a ser um recurso importante para o entendimento do passado, acessando o presente para aproximar, ao invés de afastar, as abordagens culturais. Tendo em vista tais exemplificações, esta pesquisa se insere dentro dos estudos relacionados com História Cultural, mas sobretudo com a História de Gênero²¹. As autoras citadas não estiveram no mesmo período histórico, porém, em seu espaço de tempo, utilizaram-se de ferramentas e técnicas que auxiliaram nas experiências das reflexões sobre o feminismo e nos desejos de equiparidade social entre os gêneros. Para isso é necessário observar a trajetória social, histórica, cultural e temporal que as mulheres possuem. As revistas, jornais, magazines e almanaques são fontes importantes para observar as dificuldades encontradas dentro do movimento feminista para a sua expansão e aceitação.

A relação entre história e imprensa se faz presente nesta dissertação, por intermediar o diálogo entre as fontes, cruzando as informações e não apenas expondo os fatos reconhecidos, mas incluindo, também, as omissões e os silenciamentos, principalmente no caso analisado, da presença das mulheres na revista “Eu Sei Tudo”. Assim, é necessário observar os métodos utilizados em questões de imprensa, como neste caso a revista “Eu Sei Tudo”, para compreender as questões históricas, como também a temporalidade, com a distinção entre o fato e a notícia, isto porque nem sempre o fato/acometimento significa o mesmo que a notícia/construção do real (STEPHANOU, 2001).

Abreu (1996), assevera que muitos trabalhos que buscaram relacionar imprensa e poder chegam a afirmar que a imprensa seria o “quarto poder”. No Brasil, a imprensa pode ser considerada também um ator político importante, tendo em vista que é disseminadora de fatos, opiniões, vinculação de atos, etc. Enquanto fonte, a imprensa, na materialidade documental dos periódicos (jornais e revistas, especialmente), tem possibilitado reflexões

posteriormente foi direcionado, na década de 1980, para a história das mulheres a partir da perspectiva de gênero.

¹⁸ Joana Maria Pedro é historiadora, doutora em História Social, professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Instituto de Estudos de Gênero.

¹⁹ Glória Steinem é uma jornalista americana que engajou seus escritos ao feminismo nas revistas norte-americanas na década de 1960.

²⁰ Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy são importantes autoras brasileiras que escreveram a obra: “O que é Feminismo”, utilizado como uma das bases da escrita sobre o feminismo.

²¹ A utilização da imprensa como foto se mostra um meio importante para reconstrução de fatos já vivenciados, proporcionando uma nova análise sobre os acontecimentos. Através da difusão de informações como no caso de uma revista ou um jornal, importante veículo de circulação de informações do século XIX e XX, pode-se compreender as ações presentes na sociedade e identificar se constitui como fonte se mostra importante na construção de conhecimento histórico.

sobre os, limites estabelecidos pelo tipo documental, aliado a fatos como armazenamento, conservação, dificuldade de encontro da fonte e demais impasses.

Com a chegada da década de 20 e o sucesso comercial das revistas, pode-se observar que se encontrou uma espécie de brecha para remover a mulher da posição secundária da sociedade. A partir desse sucesso comercial das revistas, dentre outros fatores e mudanças ao longo do século XX, passou-se a questionar o espaço que as mulheres ocupavam nos grupos. Quais seriam as suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e nos diferentes grupos sociais. Dito isto, o presente trabalho busca contribuir para os estudos que se associam às perspectivas feministas, tendo em vista os possíveis avanços nas discussões sobre o feminismo no Brasil. Ao centralizar a análise na revista “Eu Sei Tudo”, busca-se situar as matérias que possuíam cunho feminista, compreendendo –as inseridas em um contexto de transformações do período entreguerras e interpelando o papel da mulher em uma sociedade onde os costumes ainda a colocavam em submissão ao homem.

A revista “Eu Sei Tudo” surge em uma época marcada pela hegemônica força do patriarcado, onde os homens se interessavam por assuntos científicos, históricos e políticos e as mulheres ficavam com os temas do lar, beleza e sentimentos. A revista, então, destinava às mulheres matérias sobre postura, romance, educação, cuidado dos filhos, roupas, receitas, inclusive com uma sessão especial para o tema, além de outras tarefas domésticas como crochês e bordados. As vestimentas e utensílios para a casa, na visão dos anunciantes, incitavam a algo extremamente lucrativo porque todas as mulheres desejariam a decoração apresentada na matéria: a agulha solicitada para a realização do ponto descrito ou a roupa elegante “para a senhora, para o senhor e para as crianças”.

Ao mesmo tempo, a revista não deixou de abordar o debate feminista no século XX. As formas pelas quais o editorial da revista “Eu Sei Tudo” abordou temas relacionados ao movimento feminista²² na Primeira Onda, datada anteriormente à criação do magazine em 1917, e na Segunda Onda²³, em um momento em que a revista já não circulava mais, pois foi finalizada no ano de 1958, demonstram que a revista não estava alheia a esse debate. Em ambos os momentos retratavam a presença e os feitos das mulheres em cenários específicos da história com debates acerca do feminismo e do feminino. Ou seja, ainda que os conteúdos pudessem versar sobre uma representação das mulheres circunscrita nas noções de dona de

²² O movimento feminista já existia durante o período de criação da revista, tanto no Brasil como no resto do mundo, entretanto era tratado apenas superficialmente em notícias e matérias, sem uma aplicação de ideias e desenvolvimento de ideias.

²³ Marca o segundo momento do feminismo, em que as mulheres ganham mais força e os periódicos passam a retratar a mulher em busca da igualdade entre os gêneros. Estudos datam dos anos de 1960 para 1990, todavia, possuem alguns registros nas décadas de 1940.

casa, esposa e mãe; houve também a produção de um conteúdo voltado a demonstrar uma representação da mulher que, pouco a pouco, reivindicava sua inserção em espaços sociais dos mais diversos.

Arelado a isso, o objetivo do presente trabalho é analisar cronologicamente o período Entreguerras²⁴ a partir do conteúdo da revista “Eu Sei Tudo” o que totalizou duzentas e cinquenta e duas (252) edições da revista, sendo doze edições por ano no período de 21 anos. Outra finalidade gira em torno de explorar o caráter ambíguo da representação feminina, entre o corpo dócil e a mulher que reivindica o espaço na sociedade. Concomitantemente, tem-se a pesquisa sobre as temáticas que a revista elencava, a forma como se dirigia ao público, as histórias que expunha, a importância no período, os marcos históricos do recorte temporal realizado, as classes que eram atendidas pela sua circulação, como o feminismo era exposto ou sugerido nas páginas e a representação dos costumes das mulheres na sociedade em geral. A fonte primária e principal consiste na revista “Eu Sei Tudo” que se encontra disponível no site da Biblioteca Nacional Digital do Brasil²⁵, digitalizada da primeira edição, em junho do ano de 1917, até a última em dezembro de 1957, edição número 484. Destaca-se a adversidade de um espaço de tempo longo em um estudo de dissertação, contudo, por se tratar de uma edição por mês, foi possível realizar um estudo comparativo de informações frente à temática feminina e feminista e das diversas formas como são abordadas. Além de levantar problematizações pertinentes à configuração do tema dentro da revista e a respectiva importância que a revista proporcionava ao tema.

Contando desde a primeira edição até a findada edição de 487, a Revista “Eu Sei Tudo” perdurou durante quarenta anos na imprensa brasileira. A predisposição da revista na história da imprensa brasileira mostra-se relevante na composição do quadro das convicções da sociedade e da imprensa brasileira da época. Por ser um grande espaço de tempo analisado, cerca 21 anos, a imprensa no Brasil enfrenta o período do Estado Novo, que a transforma em algo popular²⁶. Nesse contexto, por exemplo, é pertinente salientar que a mídia passou gradualmente a instigar a força do feminino, deixando para um segundo momento atribuição de direitos. Ao mesmo tempo, as revistas passaram a pregar os padrões de beleza através das capas e dos inúmeros concursos de beleza e dos produtos femininos, ainda que elementos que

²⁴ O período Entreguerras refere-se aos anos entre o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, e o início da Segunda Guerra Mundial em 1939. São 21 anos de pausa entre os acontecimentos e que foram carregados de novidades tecnológicas e avanços no campo das informações. Para maiores informações ver: HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

²⁵ As edições pesquisadas da revista “Eu Sei Tudo” encontra-se disponível no site da Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/eu-sei-tudo-magazine-mensal-illustrado/>.

²⁶ BUITONI, Dulcília Helena S. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. Edições Loyola, São Paulo, 1981.

pudessem caracterizar as lutas da classe feminina nem fossem citados. Alves e Pitanguy (2007) aplicam as definições de feminismo de modo cuidadoso, pois as raízes do passado estão muito vigentes, mesmo com o avançar do tempo, visto que existem diferenças, recessões, avanços, progressos e inúmeras permanências.

O trabalho se realiza por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011) e do discurso que as revistas apresentam nas matérias. Metodologicamente, as fontes foram organizadas pelo princípio da pertinência²⁷, sendo aglutinadas em macro indicadores²⁸, divididos em indicadores menores, como no caso da separação dos conteúdos que se voltam à figura feminina, exemplos de vestimenta, trabalho, esporte e demais. A abordagem da investigação ocorre por meio qualitativo²⁹, com relação prática com o mundo real e o sujeito, pela intertextualidade encontrada nas páginas da revista, por meio de análise e de forma quantitativa³⁰ por meio de tabelas ao longo dos capítulos, conforme a recorrência nas páginas dos exemplares analisados. As duas interpelações são empregadas pelo tempo analisado e quantidade de conteúdos que amalgama um tempo de grandes mudanças na sociedade. A investigação realizada teve caráter exploratório, descritivo e comparativo. O eixo exploratório e descritivo relaciona-se com os extratos empíricos concretos e verificáveis, que auxiliou na familiarização com o problema de pesquisa e com possíveis conjecturas dos registros encontrados no magazine. Também se descreve a forma pela qual a revista atingiu a população por meio das relações de poder encontradas, para então responder ao questionamento: de que modos aparece representada a figura da mulher no período do Entreguerras pela revista “Eu Sei Tudo”? O eixo comparativo da investigação, metodologicamente serviu para perscrutar as transformações e as mudanças do período analisado, identificando diferenças e semelhanças, mudanças e continuidades que auxiliaram a nutrir os acontecimentos daquele contexto. Comparou-se o número de matérias vinculadas ao feminino e ao feminismo no contexto e período cronológico analisado, considerando que o uso da comparação na concepção da análise social pleiteia implicações não somente no plano

²⁷ O Princípio da Pertinência consiste em uma classificação de acordo com o tema, desta forma, cada assunto foi colocado agrupado para facilitar a análise e possibilitar maior compreensão das fontes da revista. Ver: SOUSA, R. T. B. Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação. In: RODRIGUES, Georgete Medleg; LOPES, Ilza Leite (Org.). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. v. 2, p. 240-269.

²⁸ Macro Indicadores dividindo as fontes, que são aprofundados a partir de elementos apontados como passos operativos, como proximidade e pertinência das fontes para a pesquisa. Ressalta-se que ao se tratar de fontes de imprensa, como no caso da revista “Eu Sei Tudo”, é necessário observar as publicações na visão da revista no que diz respeito aos acontecimentos, sendo então, necessário a problematização da fonte.

²⁹ A análise qualitativa busca formas e modos de entendimento do comportamento dos leitores da revista através das matérias subsequentes e a temática feminista encontrada em nas matérias da revista.

³⁰ A análise quantitativa aqui empregada tem co o objetivo mensurar possíveis hipóteses, por ser mais concretas e com menos erros de interpretação para entender a dimensão do problema levantado no trabalho.

epistemológico, mas que também foi motivo de muitos debates na historiografia no campo da História Cultural. Isto é, as comparações entre um e outro número da revista servem para tentar compreender a ligação do conteúdo desses registros com o contexto no qual foram produzidos.

O primeiro capítulo circunscreve-se na contextualização do espaço sociocultural e de mercado que se delineou no Brasil a partir de fins do XIX e meados do século XX. Para isso, focaliza-se a trajetória de formação e disseminação de revistas brasileiras que antecederam criação da “Eu Sei Tudo”. Apresentando o contexto histórico dos magazines, busca-se compreender como as ideias feministas anteriores ao século XX aparecem representadas na imprensa. Outro ponto a ser destacado é o pensamento feminista da época e seus efeitos que se apresentavam nos costumes da sociedade. Nesse sentido, foi necessário analisar o contexto de reconfiguração d imprensa, como os eventos no Brasil e no mundo influenciavam, direta ou indiretamente os movimentos feministas. Mesmo com publicações anteriores ao movimento feminista de fato, e algumas notícias mais significativas nas revistas do período anterior ao analisado, foram encontrados sinais da luta das mulheres em todos os âmbitos, reivindicando igualdade. Ressalta-se que os acontecimentos veiculados não dão conta da totalidade da dinâmica sociocultural nacional e internacional, pois os indivíduos que produziam o material a ser veiculado nas revistas eram, em sua maioria, se não em casos de totalidade, masculinos, detendo assim os meios de produção e o poder aquisitivo de compra das revistas. Neste espaço de tempo, qualquer ato que identificasse a ascensão das mulheres de forma igualitária seria considerado uma ação contra os costumes tradicionais da família, período marcado pela base do sustento como do homem, sendo a mulher apenas como responsável pela casa. Os autores que norteiam a discussão como Alves (1990), Hahner (1981), Bardwick (1981) e Priore (1997), auxiliam na compreensão da busca da mulher na busca por espaço dentro da sociedade pré-“Eu Sei Tudo”.³¹

O segundo capítulo analisa a mulher das páginas da revista “Eu Sei Tudo” em alguns espaços como: família, vida social, vaidade, vestimenta, forma física, trabalho e esporte, escolhidas como categorias de análise nesta pesquisa. Verificou-se que a figura feminina nas páginas da “Eu Sei Tudo”, no período do Entreguerras, comportou relações com domínios que antes eram voltados mais exclusivamente aos homens, ao mesmo tempo que não deixavam de associar a mulher a elementos mais tradicionais como o ambiente doméstico, o mundo da beleza e da família. A categorização, como elemento da metodologia, demonstra-se

³¹ As fontes estão dispostas com livre acesso no site da *Hemeroteca Nacional Brasileira*, disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

interessante e relevante quando se considera um momento histórico de egresso feminino na esfera pública e não só no privado, como era, até então, mais recorrente. Assim, utilizando a perspectiva de Lakoff (1987), de que conceitos designam categorias, buscou-se a aplicação de categorias por meio das matérias encontradas dentro da revista.

O terceiro capítulo tem o intuito de problematizar a ambivalência nos discursos³² da revista e os avanços da mulher na conquista de direitos e espaço dentro da sociedade. O referido capítulo baseia-se nos primórdios da discussão de gênero quando a mulher começa a requerer seus direitos, assume o lugar de responsável pela família nos momentos de guerras, a conquista do sufrágio universal, trabalho, salário, escolha do parceiro, entre outras conquistas que são retratadas em diversos momentos da revista “Eu Sei Tudo” de forma direta e indireta, ora visando a informação sobre a feminilidade, ora sobre o feminismo que se espalhava pelo mundo. O capítulo abrange a forma como estas correntes revolucionárias foram apresentadas na revista “Eu Sei Tudo” e as consequências, analisado o contexto da época, e como era abordado o tema na revista.

A compreensão da influência da revista “Eu Sei Tudo” frente à desconstrução do padrão patriarcal aplicado na sociedade se dará por meio da análise categórica das matérias sequenciais da revista e a forma como elas foram tratadas com os avanços do movimento em prol da igualdade feminina, assim, vinculado um maior número de matérias, notícias e informações além do ambiente interno dos lares, alçando a mulher à vida socioeconômica.

Utiliza-se a prática do discurso como ferramenta de desconstrução do passado, como elemento de entendimento do presente, por intermédio de dados da análise do conteúdo das revistas, edição por edição, com elementos de ligação histórico-cultural que auxiliam na categorização da revista como importante mídia de propagação das informações feministas da época.

³² Os mobilizadores da problematização do discurso consistem nas análises de Michel Foucault (2012) que foi influência direta para Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau (2012) também utilizados. Tem-se também Norman Fairclough (2001) auxiliam na compreensão das semânticas do discurso utilizado na revista “Eu Sei Tudo”.

I. A INFLUÊNCIA DAS REVISTAS NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS NO SÉCULO XX

Este primeiro capítulo busca apresentar o contexto de produção e circulação de algumas revistas importantes do período anterior a primeira publicação da “Eu Sei Tudo”³³, contextualizando o espaço sociocultural e de mercado. Foi por meio desta incursão pelo contexto anterior ao surgimento da revista “Eu Sei Tudo” que foi possível criar e organizar as categorias analisadas no decorrer de toda a pesquisa, tarefa aliada às linhas teóricas que direcionaram o trabalho. O objetivo é entender as relações de poder encontradas nas páginas das revistas e como estas eram apresentadas para a sociedade, para introduzir uma breve consideração sobre as questões de gênero na historiografia.

1.1 Introduzindo as questões de gênero e suas relações com a história

De modo a deixar mais claras as temáticas presentes no trabalho, é necessário expor algumas teorias e estudos que podem ser considerados fundantes acerca da categoria/conceito de *gênero* e suas possíveis representações e construções no campo de produção historiográfica, com destaque a elementos que ilustram particularidades em relação ao trabalho de pesquisa aqui empreendido que tem como fonte principal a revista “Eu Sei Tudo”. Auxiliando, desse modo, a identificar no magazine a presença simbólica das mulheres, como as questões de gênero eram expostas e de que modos podem, afinal, se constituírem como conhecimento histórico, considerando, com base em Davis (1977) que os paradigmas historiográficos são afetados pelas mudanças do pensamento e o surgimento de críticas, entendendo a realidade da época, por meio das relações sociais, dos sentidos e dos sujeitos.

Scott (1992)³⁴ aplica que o gênero dá ênfase as noções relacionadas as elucidações regulamentadas à feminilidade. É através do gênero que passam a ser discutidos os exemplos tradicionais vinculados ao papel desempenhado pela figura da mulher na sociedade, de modo a questionar e a aplicar novas definições e reescrever as respectivas funções. O gênero

³³ O primeiro capítulo faz um levantamento de algumas das principais revistas encontradas no Brasil no final do século XIX e início do século XX e que possuíram um viés de profeminismo e auxiliaram na construção do movimento feminista. Também conhecido como profeminismo, nome dado ao imaginário político anterior a primeira onda feminista e que deu partida as lutas e conquistas da mulher.

³⁴ SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo, Unesp, 1992, p..64-65.

consiste em expor uma análise do sentido opressivo de um sexo sobre o outro, sua definição parte de construção da relação social fixada sobre as diferenças, ocorrido na história pela normatização de atos e reprodução de costumes relacionados ao patriarcado.

O dever transcende o interesse pela história dos homens e das mulheres, de modo que não dever-se-ia tratar somente do sexo sujeitado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses, por exemplo. O objetivo é compreender a importância dos grupos de gênero no passado histórico. Descobrir um leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, encontrando qual seria o sentido e forma mais precisa para se compreender como funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la (DAVIS, 1975, p. 72).

Em seus escritos, Angela Davis (1975) buscou problematizar o lugar da mulher na história, através de novas fontes de pesquisa e uma diferente forma de interpretação da história já escrita e amplamente conhecida. Às mulheres foi reservada as margens da sociedade, ou como Davis assevera: “excluídas da história”. Os estudos a respeito das mulheres não são apenas um acréscimo às preposições, mas sim uma forma de revisar o que já existe, de modo a aprofundar os estudos de gênero e repensar a questão da origem e manutenção das desigualdades fortemente enraizadas na sociedade. Todavia, o gênero como sistema de relações sociais não tinha aparecido para estudos acadêmicos. O termo “gênero” foi uma ferramenta utilizada pelas feministas para mostrar na sociedade a grande desigualdade entre mulheres e homens. Coloca-se que essa “efervescência” surgiu em um momento de mudança do padrão científico para o padrão literário entre pesquisadores sociais.

Scott (1995) intensifica que é necessário desconstruir os vícios do pensamento ocidental e relativizar as definições de masculino e feminino, buscando principalmente um novo olhar sobre os símbolos e as linguagens, explorando seus potenciais analíticos de desconstrução e ressignificação. Colocando, em perspectiva, gênero e sexo de modo atrelado para facilitar a compreensão e os estudos do mesmo, não os distanciando biologicamente.

Tanto o sexo como o gênero, na análise de Scott (1995), são formas de saber e conhecimentos sobre os corpos, com diferenças sexuais para com os indivíduos sexuados. São conceitos históricos que carregam uma historicidade própria, pouco a pouco construída sobre acontecimentos e indivíduos que os moldaram desta forma, retratando o próprio tempo e o espaço e favorecendo, sobretudo, aqueles que detinham os poderes. O meio do século XIX identifica um aumento bastante significativo na quantidade de periódicos dedicados à mulher e à família. Com isso ocorreu um aumento no número de notícias e de informações que circulavam pelo Brasil, desenvolvendo um espaço cultural mais amplo e adentrando à esfera

íntima das famílias. Com suas temáticas voltadas à mulher, como também a busca de maiores informações sobre outras mulheres e seus feitos, os periódicos ganharam visibilidade³⁵.

A construção de uma historiografia mais feminista se consolida a partir da década de 1970, como meio de desestruturar a falta de informações a respeito. O almanaque “Eu Sei Tudo” datado de 1917, cingiu um grande espaço de tempo envolvendo feitos das mulheres, colaborando em inúmeras questões teóricas que antes não eram discutidas. Retificadas as diferenças de tempo, organização, editorial, posição política, religião, classe social, público-alvo e região, o contexto das revistas indaga temas que contribuem para a base da historiografia que se desenvolve a datar da década de 1970.³⁶

Considera-se a reprodução e a sexualidade como uma peça-chave para o patriarcado. Segundo Catherine MacKinnon, ativista da causa feminista nos Estados Unidos da América, a sexualidade está para o feminismo da mesma forma que o trabalho está para o marxismo, sendo correlacionados. Como cita Scott: “é aquilo que mais nos pertence e que, todavia, nos é mais subtraído” (1995, p.77). Essa dificuldade se deu ao enfrentar o conceito de gênero no interior do marxismo, tratado apenas como subproduto das estruturas econômicas. Assim, a categoria gênero era considerada apenas dependente e impróprio quando relacionado às estruturas econômicas. Nos Estados Unidos, frente a essa temática destacaram-se também os nomes de- Nancy Chodorow (1990), uma das mais importantes psicanalistas da teoria feminista, que utilizava da ideia da divisão familiar como atribuição para compreender essa divisão de gênero.

Davis (1997) entende a história das mulheres a partir da compreensão das situações conflituosas que as mulheres enfrentam desde o passado até o presente. Para a autora a melhor forma de exaltar os feitos é utilizar-se das entrelinhas e esquecimentos para então fomentar a historiografia das mulheres. O propósito da autora é especificar o pensar sobre o gênero dentro das relações sociais e institucionais para conseguir uma reflexão a respeito do tema e mostrar que o gênero não é apenas um campo, e que possui o significado de ajudar na percepção da história das mulheres através dos fatos realizados e da valorização da participação feminina. O gênero é uma forma de desmitificar e de compreender as relações humanas. Os historiadores buscam analisar de diferentes maneiras o conceito de gênero. Para

³⁵Para maiores informações ver: BICALHO, Maria Fernanda Baptista. O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Rebeldia e submissão**: estudos sobre condição feminina. São Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais/Fundação Carlos Chagas, 1989.

³⁶A escola historiográfica francesa, dentro do campo da história cultural, difere-se da americana por se basear no estruturalismo e pós-estruturalismo de Freud, com a teoria da linguagem. No entanto, as duas escolas voltavam-se à busca pela identidade do sujeito, para isso analisavam todo o desenvolvimento das crianças com a finalidade de encontrar vestígios da composição da identidade de gênero.

legitimar e construir relações sociais e também para compreender a reciprocidade de gênero na sociedade. Muito disso se dá pela utilização errada do termo, sempre como forma de crítica.

O caminho da valorização do papel da mulher no Brasil teve uma relação de ambivalência. Em determinados momentos ela era abonada, exaltada e possuía destaque, tanto na sociedade como na família. Em outros momentos era direcionada a não possuir direitos e nem voz. Essa incerteza de lugar era colocada justamente para confundir, de fato, o espaço da mulher na sociedade. Proporcionava-se a ideia de atribuição de valor e em seguida aliava-se esta “nobreza”, como ponto importante para não se envolver com os demais assuntos. Se tratando de uma sociedade em desenvolvimento e avanços em questões globais, sociais e econômicas, por exemplo, a incerteza se mostrava um meio de entrave para a figura feminina na sociedade (HAHNER, 1981).

Identifica-se, assim, uma barreira, ao propor igualdade entre homens e mulheres, sinaliza-se uma inversão de valores que o século anterior não dispunha. As relações de poderes passam a ser questionadas e colocadas como dúbias e propícias a transformações. Michel Foucault (1979) propõe uma série de questionamentos para estudos a respeito do feminismo, alegando uma incompatibilidade, levanta-se a dúvida nos estudos foucaultianos sobre as implicações normativas que desconsideram algumas questões sobre quem faz parte do processo político e, conforme as desconsiderações, podem acarretar exclusões. Isso ocorre, em alguns casos, por carregar um teor de subjetividade e se mostra sem a permissão de resistência e o feminismo tem suas raízes em resistir.

A abordagem arqueológica, com base em Foucault (1979), busca apontar as linhas do pensamento inanimado, investigando como são criados alguns tipos de saberes em momentos históricos específicos, para desvendar as estruturas que foram formadas no passado e que podem tornar as mudanças mais compreensíveis. Ademais, é utilizada para práticas do discurso, de forma mais local e específica. No âmbito genealógico, é necessário observar o seu foco em rupturas, levantando questões de prática, instituições e categorias do momento e que vieram a ser o que são. Por fim, a ética, que lida com a subjetividade e as concepções do sujeito, aplica escritos com relação às práticas sociais que envolvem redação, expressão de verdades e autoavaliação. As três abordagens supracitadas conversam com o saber, o poder e o sujeito, pontos estes de suma importância para o melhor entendimento da influência das revistas para o movimento feminista.

A mulher brasileira, durante o período que antecede a revista “Eu Sei Tudo”, era direcionada a questões de educação, porte e funções que deveria exercer, segundo a

sociedade. Assim, as mulheres não se envolviam, profundamente, em temas como escravidão, voto e igualdade social, fixando-se mais em ações femininas.

Algumas mulheres eram envidas por membros masculinos de clubes abolicionistas às portas de cemitérios e igrejas para angariar fundos. Embora essas atividades exigissem uma certa resolução e determinação para suportar o desconforto físico, tal como permanecer na chuva durante todo o dia, também podiam reforçar a imagem feminina de nobreza e auto-sacrifício (HANNER, 1981, p. 46).

Foi com o século XX que a mulher alcançou maior ascensão, em termos de representação, na sociedade, quando comparado ao longo da história, de maneira a gerar novos padrões de comportamento. Del Priore³⁷ (2001) enfatiza que o questionamento sobre o lugar social da mulher foi o responsável pela criação dos primeiros movimentos feministas. Anteriormente, existiam mulheres fazendo história, porém, eram deixadas na subalternidade, e por meio de enfrentamentos intrínsecos, passou-se a questionar a autenticidade social das primeiras ações feministas através de reivindicações. Precedentemente às historiadoras, foram as feministas as precursoras da historiografia das mulheres. O silenciamento do sexo feminino na história foi o alicerce para o princípio da luta por reconhecimento (DEL PRIORE, 2001).

É necessário tomar o devido cuidado com as colocações referentes à presença da mulher na historiografia, o que se dá pela presença delas em documentos que evidenciam suas ações, porém não possuem a sua devida relevância. Utilizam-se termos como “personagens silenciadas” ou como dispõe Perrot (1988), “Os excluídos da história” como tentativa de proporcionar reconhecimento aos que se fazem presentes, mas que não levam o devido crédito, de forma a chamar atenção e enfatizar as personagens femininas na história.

Perrot (1988) coloca que as mulheres construíram sua própria história, mesmo após os homens já a terem escrito há tempos, de modo a perpassar anos em silêncio, por falta de voz e espaços de expressão. A figura feminina não era vista em ambiente público, mas sim em seus lares, com o cuidado direcionado à família. Falava-se das mulheres, mas não se proporcionava a representatividade que elas precisavam. Falava-se nelas, mas sem a sua presença e por intermédio da voz masculina. Costa (2003)³⁸ atrela o conflito entre feminino e masculino às relações históricas de poder:

Nessa perspectiva, as relações entre o masculino e o feminino só se tornam reconhecíveis, em toda a sua extensão, quando associadas aos muitos outros sistemas de poder e subordinação; eis a sua dimensão política. Para além das

³⁸ COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

relações ente os sexos – atributos diferenciados e estritamente biológicos –, os gêneros masculino e feminino, associados a outras relações sociais revelam experiências de dominação e de subordinação de homens e mulheres. Diferentes graus de igualdade/ desigualdade sociais adquirem visibilidade histórica, quando se admitem esses parâmetros. Não há, pois, como descartar a historicidade dessas relações; em outras palavras, não há como ignorá-las nas condições concretas de existência dos sujeitos históricos (COSTA, 2003, p. 196).

Por se tratar de um sujeito homem, que fala do sujeito histórico, aprofunda-se mais a desigualdade nas relações sociais. Bourdieu (2003) ao debruçar-se sobre o poder do masculino sobre o feminino, utiliza-se da ideia de “des-historicização”³⁹ para questionar os fatos históricos, em que a reprodução e a perpetuação da ordem de gênero se mantiveram por tempos, através de três pilares sociais: a família, a Igreja e o Estado, que foram cruciais para manter o poder masculino.

Michelle Perrot (1988) relaciona a posição da mulher na sociedade, aplicando a ideia do poder como influenciador direto da sua importância:

As relações das mulheres com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavras. ‘Poder’, com o muitos outros, é um termo polissêmico. No singular, ele tem um a conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que com um ente se supõe masculina. No plural ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a ‘influências’ difusas e periféricas, onde as mulheres têm a sua grande parcela (1988, p. 167).

Tanto Perrot (1988), como Bourdieu (2003) e Costa (2003), em seus respectivos trabalhos analisam direta e indiretamente a presença feminina na história, seja de forma factual, como também no enquadramento de memórias. Ao referir-se à história das mulheres no campo da História Cultural⁴⁰, através de estudo como grupos sociais, detendo o papel de objeto e sujeito da história, Perrot desenvolve seus ideais e suas ideias.

A possibilidade de constituir-se como leitora e agente histórico é elucidativa das problemáticas supracitadas. Se a educação formal, no Brasil, direcionava-se aos homens brancos das classes elevadas, visando à formação de uma elite culta e religiosa; à mulher cabia aprender o que era considerado como bons costumes, técnicas de costuras, aperfeiçoamento da vida ao lar e a alimentação. Ribeiro⁴¹ (2000) coloca que mesmo aquelas

³⁹Des-historização é utilizado aqui como um meio de desconstrução da história, a fim de modificar os fatos históricos e reescrever a histórias das mulheres.

⁴⁰História Cultural é um termo abordado por Peter Burke que identifica as tradições da cultura popular e as interpretações da experiência humana para maiores informações, ver: BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

⁴¹RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

vindas de Portugal eram analfabetas e as que sabiam um pouco, liam apenas orações e alguns escritos na Bíblia, não tendo condições de propagar o pouco que entendiam.

Nos primeiros anos da colônia o objetivo principal da presença feminina branca, no Brasil era a reprodução do padrão europeu ligado à família e à igreja, que associavam a fraqueza feminina ao erro cometido por Eva⁴², proporcionando ao homem o poder de ser a autoridade inquestionável⁴³. São indagações relevantes ao se tratar da crença e do conhecimento, pois ao acreditar em algo, nem as respostas mais concretas, respondidas por estudiosos, são capazes de dissuadir um indivíduo. O que coloca a mulher como figura dependente não apenas da figura do homem, mas também da história religiosa da humanidade que a cultura ocidental carrega, pois ela tende a receber o julgamento de uma crença que é passada de geração para geração, que reforça a ideia de pecado, erro e necessidade de correção das falhas de suas antepassadas.

Foi a constituição de 1824, primeira constituição do Brasil, que externou o ensino a todos os cidadãos⁴⁴, partindo da aplicação do ensino primário o chamado de fundamental, buscou desenvolver o ensino da população como meio de progresso social. A aplicação das leis buscou desenvolver tanto os ambientes escolares, como os ordenados, currículo, disciplinas e horas-aulas, todavia, as mulheres não obtiveram as mesmas oportunidades dos homens, a elas eram dirigidos os afazeres do lar, como bordado, corte e costura. Foi apenas em 1870 no Brasil que meninos e meninas passaram a dividir a mesma sala de aula, época em que as mulheres foram liberadas a entrar nos cursos normais, o magistério, abrindo espaço para o trabalho feminino, com maiores possibilidades de emprego, proporcionando forma ao estereótipo que prevalece até os dias de hoje que a mulher tem vocação natural para o magistério⁴⁵, cargos superiores e públicos ainda pertenciam aos homens. Mesmo sem parâmetros de distinção de gênero⁴⁶, o governo passou a contratar somente homens, aumentando a disparidade entre homens e mulheres no vínculo profissional. Os mecanismos de reprodução de papéis naturalizam as questões de gênero, ao exemplo de uma criança criada

⁴² Na Bíblia a expulsão de Adão e Eva do paraíso é atribuída à curiosidade da figura feminina em provar o fruto proibido e levar a masculina junto, a cometer o pecado.

⁴³ Ver: ARAÚJO, Emmanuel. **A Arte da Sedução**: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010

⁴⁴ Ao referir-se a todos neste ponto não considerava os negros e indígenas como indivíduos que deveriam ter educação formal, ou seja, a alfabetização.

⁴⁵ Alguns discursos aplicavam a ideia de que a mulher possuía um grande desenvolvimento nas áreas domésticas e maternais, o que facilitaria a aprendizagem dos alunos envolvidos pelo magistério. Ver: ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na escola**: algumas reflexões sobre o magistério feminino. Depto. de Didática da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP- Araraquara. São Paulo: 1996.

⁴⁶ BOURDIEU (2002), coloca uma possível revolução paradoxal na maneira de abordar a história das mulheres, por meio das mudanças nas condições femininas baseado nas relações de dominação entre os sexos que se baseia na relação de forças material e simbólica, por inúmeros padrões de distinções.

observando a figura materna a realizar todo o trabalho doméstico, compreendia-se que a figura feminina é responsável por esse tipo de atividade, acarretando repetições nas gerações seguintes (BARDWICK, 1981).

Assim, na década de 30, através de lutas intensas, as mulheres conquistaram o direito ao voto no Brasil, como também atuar em profissões que eram exclusivamente masculinas, escolher suas roupas, com quem iria se relacionar, a participação na política e tantas outras conquistas, fundamentadas por fatores que foram cruciais no crescimento do movimento feministas e que são utilizadas até hoje. Todavia, essas conquistas eram bem limitadas no período de 30. Os ideais foram fixados na busca por direitos iguais, questões como a hierarquia, o paternalismo, trabalho mal remunerado e as possíveis explicações de como a figura da mulher é vista e tratada. Ressalta-se também, que o trabalho feminino, além de ter pouco reconhecimento, refletia-se nos valores, vindo a ser inferior ao trabalho masculino. E isso acontece até hoje, ainda que com proporções menores, mas no século XXI permanecem condições senão igual, pelo menos, semelhantes⁴⁷.

Por se tratar de uma ampla era de avanços, em todas as esferas, o momento histórico que compreende o estudo, cinge conquista de direitos e avanços tendo em vista maior igualdade, traz o advento das mídias⁴⁸ e, sucessivamente, a propagação de novas ideias que até aquele momento não eram questões discutidas. A mulher passa a ter magazines direcionando-as para diversas temáticas. Muitas figuras femininas que eram tidas apenas como interesse dos homens, em algum momento da história, conforme Soihé⁴⁹ (1997) acabam por “usurpar papéis masculinos”, identificando a marcante presença das mulheres em campos antes desconhecidos.

1.2 Os primeiros diálogos entre imprensa e questões de gênero no Brasil

A imprensa feminina no Brasil tem seu surgimento na metade do século XIX, abordando temas ditos “femininos”, como poesia, bordados, roupas, horóscopo, receitas de bolos e comidas, corte, costura e assuntos relacionados ao sentimentalismo, segundo Hahner (1981). Adelante, seguindo os caminhos das revistas e jornais, temos como precursores da

⁴⁷Em pesquisa realizada em 2010, pelo IBGE, a desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres era de R\$1.390,99 para o sexo masculino e R\$ 983,37 para o sexo feminino. IBGE. Censo 2010: resultados gerais amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

⁴⁸Mídia vem de Meios, planejamento, desenvolvimento e divulgação através de fontes de informação. Para maiores informações ver: VERONEZZI, Jose Carlos. **Mídia de A Z**. 2ed. São Paulo: Flight, 2004.

⁴⁹SOIHET, R. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. In: SAMARA, E. M.; SOIHT, R.; MATOS, M. I. S. de (Org.). **Gênero em Debate**: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997.

revista os magazines “Correio das Modas” (1840), “Recreio do Bello Sexo⁵⁰” (1854) “O Sexo Feminino⁵¹” (1873), “A Estação⁵²” (1879), “A Mensageira”(1897), “A Família” (1888) e “Fon-Fon⁵³” (1907), “Eu Sei Tudo” (1917), os quais foram importantes meios de informação que aprimoraram e ajudaram a fortalecer a história das mulheres. Com a educação como ponto principal, os periódicos direcionavam-se ao público feminino com a intenção de “combater a ignorância”, baseados na Primeira Onda.

O simbolismo que a figura do homem representa através da história remete a de masculinidade, segurança, cuidados, proteção, força e honra. Não é à toa que a historiografia mostra inúmeras obras retratando os atos valentes de guerras, revoluções ou conflitos. Abaixo, a figura 1 é uma charge retirada da revista “O Malho”, do Rio de Janeiro, que circulou de 1902 até 1953, com teor humorístico que busca utilizar-se da ironia sobre temas relacionados à política e à situação econômica do Brasil. Na imagem, percebe-se dois pontos cruciais que se fizeram presente no que antecedeu a revista “Eu Sei Tudo”, a presença das mulheres como acompanhantes sem destaque e que recebem ordens dos homens.

As rédeas da sociedade, via de regra, estiveram nas mãos de homens, onde governos, exércitos, nações, cidades e casas preponderavam vozes masculinas. Ao adentrar no século XX, não eram mais só vozes de homens que podiam-se ouvir, as mulheres passaram a ocupar lugares que antes não se pensava conquistar. Iniciou-se um processo de substituição da força física, considerado o atributo necessário para a sobrevivência e liderança⁵⁴ para o período da qualificação, ou seja, quanto mais conhecimento, informação e formação a pessoa obtiver, mais chance de adequar-se as novas demandas da sociedade.

Os magazines que antecederam e as que circularam concomitantemente a “Eu Sei Tudo” foram de grande importância como fator mediador entre o espaço e o tempo da história das mulheres. Um exemplo é a figura 1, da revista brasileira “O Malho”, cuja imagem expressa uma relação de poder, subalternidade. O mesmo acontece com referidas notícias que tratam a semelhança da mulher com Eva, como casamento, religião e demais temas bastante elucubrados na sociedade da época.

⁵⁰ **Recreio do Bello Sexo.** Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/recreio-bellosexo/700070>. Acesso em 23 de mai.2019.

⁵¹ **O Sexo Feminino.** Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/sexo-feminino/706868>. Acessado em: 23 de mai. 2019.

⁵² **A Estação.** Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estacao/709816>. Acesso em: 23 de mai. 2019.

⁵³ **Fon-Fon.** Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm. Acesso em 23 de mai. 2019.

⁵⁴ Os atributos físicos sempre foram importantes para a sobrevivência dos indivíduos, baseados em sobrevivência e liderança, desde as épocas primitivas, passando por diversas épocas onde não possuir força não era importante. Para maiores informações, ver: BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. **Um olhar sobre o corpo:** o corpo ontem e hoje. Psicologia & Sociedade, Porto, Portugal, 2011.

A modernidade foi uma das principais responsáveis pelas mudanças na sociedade, as construções enraizadas passaram a ser questionadas e já não possuíam as afirmações incontestáveis de antes.

Figura 1 - A importância da vestimenta⁵⁵



Fonte: O MALHO, edição 04, 1902, p. 8.

Na propagação das ideias em diferentes espaços, a informação, sendo ela nova ou pretérita, sempre foi um elemento importante. A chegada das revistas no Brasil ocorreu no século XIX, tendo como a primeira revista impressa⁵⁶ “As Variedades ou Ensaios de Literatura”, em 1812. Com um conteúdo variado e debates sobre costumes e valores, esta passou a ser uma ferramenta intelectual da elite. Após, as revistas vieram seguindo o mesmo padrão de conteúdo, a exemplo de “O Patriota” (1813), e “Espelho de Diamantino⁵⁷”, a

⁵⁵ A imagem mostra a preocupação com as roupas, mostrando a ideia de vaidade, o homem quer a mulher bem vestida e limpa.

⁵⁶ DOURADO, Tânia. **A revista “As Variedades ou Ensaios de Literatura” e os primeiros indícios de jornalismo especializado**. Bahia; 2012;

⁵⁷ Espelho Diamantino disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/espelho-diamantino/700312>. Acesso em 23 de mai. 2019.

primeira revista feminina brasileira, datada de 1827. Nos meados do século XIX, surgem revistas e almanaques⁵⁸ com o cunho feminino e feminista, escritas por mulheres, sendo a primeira destas “O Jornal das Senhoras⁵⁹” (1852). Outras revistas se direcionavam à figura feminina, porém eram escritas por homens, como no caso de “Espelho das Brasileiras” (1831), “Museo Universal: jornal das famílias brasileiras⁶⁰” (1837) e “Correio das Modas⁶¹” (1939). Mais próximo ao início do século XX temos outra importante revista, datada de 1897 a 1900, “A Mensageira⁶²”, que enaltecia os feitos da mulher tanto dentro de seu lar como nos outros campos que não eram tidos como femininos. Trazia como subtítulo “revista literária dedicada à mulher brasileira”, a referida revista possuía seu editorial voltado às mulheres⁶³.

Na edição de 1897, número 01 de “A Mensageira” na página 3, com o título “Entre amigas” a matéria discorria sobre o “querer mais” da mulher, que está deveria se impor mais em sociedade, querer mais, fazer mais. O artigo enfatiza a figura da mulher dentro da família, sua importância e a forma como elas são tratadas frente a conquista de direitos. E ao mesmo tempo, reforça que a mãe é a responsável pela educação correta do filho, e que toda a instrução que obtiver, é para melhorar a relação familiar.

⁵⁸O termo almanaque tem sua história ligada aos almanaques de farmácia, tidos como mais compreensíveis para a população, tanto para os que sabiam ler como para as pessoas analfabetas. Com associação de texto-imagem facilitava a chegada das informações a todas as camadas da população. Para maiores informações ver: PARK, Margareth Brandini. **Histórias e Leituras de Almanques no Brasil**. São Paulo: 1999. Mercado das Letras Fapesp.

⁵⁹Jornal das Senhoras possui algumas edições on-line e disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per700096/per700096_anuario.htm. Acesso em 23 de mai. 2019.

⁶⁰Museo Universal: Jornal das Famílias Brasileiras disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/museo-universal/339369>. Acesso em: 23 de mai. 2019.

⁶¹Correio das Modas possui todas as edições online e disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per700053/Correiodasmodas1854.htm. Acesso em 23 de mai. 2019.

⁶²A Mensageira possui algumas as edições online e disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per352438_contente/per352438_item1/index.html. Acesso em 23 de mai. 2019.

⁶³ O momento histórico reflete a escrita das revistas para mulheres da elite brasileira, que possuíam poder aquisitivo de compra e utilização dos produtos expostos nas revistas. Também, o valor de comercialização das revistas era significativamente alto o que restringia o público-alvo.

Figura 2 - Trecho retirado da revista "A Mensageira"

Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora dos seus deveres, marcará, funda, indestructivelmente, no espirito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. Parece-me que são esses os elementos de progresso e de paz para as nações.

Fonte: A MENSAGEIRA, edição 01, 1897, p. 03.

Figura 3 - Trecho inicial de um artigo publicado na revista "A Mensageira" de 1897 referente a presença feminina.

A mulher brasileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode fazer mais, do que até aqui tem feito. Precisamos comprehender antes de tudo e affirmar aos outros, atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de acção prejudicial á mulher na familia, que é a bem da propria familia, principalmente d'ella, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem feita.

Os povos mais fortes, mais practicos, mais activos, e mais felizes são aquelles onde a mulher não figura como mero objecto de ornamento; em que são guiadas para as vicissitndes da vida com uma profissão que ampare num dia de lucta, e uma boa dose de noções e conhecimentos solidos que lhe aperfeiçõem as qualidades moraes.

Fonte: A MENSAGEIRA, edição 01, 1897, p. 03.

O período aqui descrito abrange uma época marcada pelos desenvolvimentos de novas tecnologias. A informação⁶⁴ passa a chegar a cada vez mais lugares, gerando uma maior competitividade entre as revistas. Por ser um ramo lucrativo, acaba-se por gerar um aumento no campo editorial, publicitário e de notícias.

Em 1917 a revista “Eu Sei Tudo”, criada na esteira das transformações proporcionadas pelas revistas anteriores, buscou inserir uma nova forma de informação. Em estilo almanaque, com imagens e textos, tinha o objetivo de alcançar um maior número de pessoas e, sucessivamente, o mercado consumista, que no momento era pertencente tanto a homens como mulheres. Antes da revista “Eu Sei Tudo”, o “Jornal das Senhoras” já buscava fixar ideias que defendessem os interesses das mulheres, vindo a ser um dos percussores e influenciadores do feminismo no Brasil⁶⁵, mesmo sem a utilização deste termo. Com textos dedicados a emancipação feminina, mas que ao mesmo tempo a prendiam à sociedade patriarcal, o “Jornal das Senhoras” adentrava ao ramo publicitário com temáticas variadas compactadas em suas páginas. Antes disso, os periódicos direcionavam as mulheres a temas como contos, poemas, romances, receitas, atividades de costura e domésticas.

O Jornal das Senhoras, redigido por uma senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher (JORNAL DAS SENHORAS. 1852, p.1).

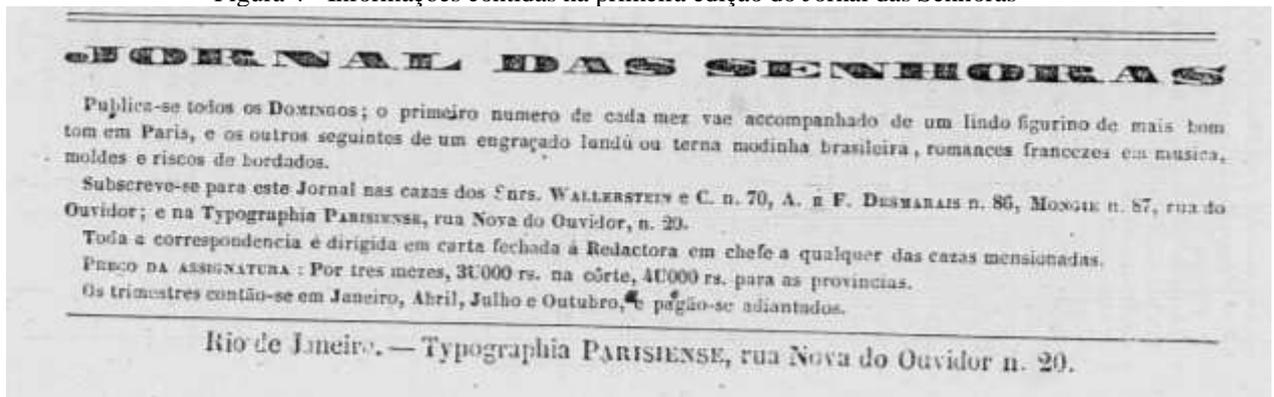
Se destaca na primeira edição a grande dificuldade de se ter mulheres frente a uma redação de jornal, como os inúmeros empecilhos que isso acarreta. A fundadora do jornal, Joana Paula Manso de Noronha⁶⁶ cita que existem mulheres à frente de jornais pelo mundo, e que a América do Sul não pode ficar para trás.

⁶⁴ Mesmo com o aumento na vinculação de informações é importante ressaltar que neste período mais de metade da população brasileira é analfabeta. No ano de 1900, segundo o IBGE, a taxa de analfabetismo era de 65,3% da população, no ano de 1920, de 65%, 1950 de 50,6. Ver: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3> Acesso em 21 de dez de 2019.

⁶⁵ O Jornal das Senhoras possuía sua sede no Rio de Janeiro com circulação na América Latina aos domingos, de modo trimestral, a informação se encontra no editorial de todas as edições.

⁶⁶ Joana Paula Manso de Noronha foi escritora, tradutora, jornalista e importante propagadora de ideais feministas no final do século XIX. Nascida na Argentina, seus trabalhos circulavam pelo Brasil, Uruguai e Argentina.

Figura 4 - Informações contidas na primeira edição do Jornal das Senhoras



Fonte: JORNAL DAS SENHORAS, edição 01, 1852, p. 08.

As revistas da época, bem como as anteriores, construía e constituía o seu público através da informação. Em um momento exórdio do movimento feminista na conquista de espaço e direitos, as revistas possuíam papel significativo na afirmação e expansão das ideias femininas. Essa afirmação e expansão podem ser interpretadas com base nas formulações de Bourdieu (1986)⁶⁷. Pela ordem social que se encontravam, as mulheres reproduziam a violência simbólica que recebiam, retiradas dentro de casa, direcionadas a uma temática família e matrimonial. O poder simbólico, com fundamentação nas ações hereditárias e patriarcais da sociedade, sendo estas diretas ou indiretas, partem das ações de dominação do mais forte para o mais fraco, sendo esta força de simbologia tão forte como a física, gerando atos invisíveis de poder, exercido através do discurso, reconhecido e legitimado pelos demais devido à posição social de quem o aplica. O *Habitus*, que se reproduz de forma mental e corporal, sendo tanto produzida como reproduzida de forma inconsciente e repassada em forma de violência simbólica, ou seja, um gênero sobre o outro, como no caso aqui exposta, do homem para com a mulher, a induzindo a agir conforme o mesmo deseja⁶⁸. Isto se dá partindo do pressuposto da dominação masculina retratada como submissão paradoxal, ou seja, incoerente, pois a vítima, do sexo feminino acaba por naturalizar a inferioridade do gênero de modo a reconhecer a submissão e a aceitá-la. O princípio simbólico conhece e reconhece tanto do dominante como do dominado a necessidade de ser inferior, fazendo com que a mulher passe pela própria segregação frente à presença na sociedade arcaica⁶⁹. As revistas acabavam por aplicar atos indiretos de submissão da mulher frente aos costumes reproduzidos da época, pois estes eram exercidos pelos homens desde o princípio.

⁶⁷ O caso de análise brasileiro é específico, sendo diferente dos analisados por Bourdieu.

⁶⁸ Ver: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.

⁶⁹ Ver: SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria de habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, mai/ago., p. 60-69, 2002.

Desta forma, a história das revistas de cunho feminino e feminista se entrelaçam com a história da imprensa no Brasil aliada à disseminação das informações da época. Capelato⁷⁰ (1988) coloca que houve uma divisão da imprensa na primeira metade do século XX, com transformações na sequência. O documento-jornal, no princípio do século referido, era tido como sem crédito ou de fontes suspeitas, isso acontecia pela forma como eram construídos os jornais que visavam agradar anunciantes e a elite da época. Após, essa concepção de não ser genuíno cai por águas, pois cabe a quem interpreta, observar os fatores e o contexto histórico para dar relevância ao periódico. A autora auxilia na compreensão da análise da imprensa, já que questiona pontos-chaves para a identificação das entrelinhas, entre eles estão os proprietários, a época, o público-alvo, objetivos, força ativa, poder de atuação, alianças políticas, oposição, principais consequências dentro da sociedade, etc.

Anterior ao período da revista “Eu Sei Tudo”, é possível encontrar algumas matérias que procuravam debater assuntos feministas, retratando os avanços, conquistas e as próximas pautas a serem debatidas. Os ideais são fixados na busca por direitos iguais, problematizando questões como a hierarquia, o paternalismo, trabalho mal remunerado e as possíveis explicações de como a figura da mulher é vista e tratada.

A figura 5 é uma matéria da revista “Eu Sei Tudo” de 1917, a qual trouxe como debate a presença feminina na substituição da mão-de-obra masculina. Com o título “As consequências da guerra – um novo perigo”, a edição trouxe a questionável presença das mulheres como navegadoras, trabalhadoras de fábricas, guerrilheiras e tantas outras profissões que eram apenas masculinas. É utilizada esta edição, após levantamento das edições e as matérias que envolvem o tema; é a primeira que fala sobre feminismo de fato, vindo a ser uma importante fonte ao referido tema. É algo cultural e que perpassa anos da existência, de modo que ainda não foi possível desconstruir, plenamente, este estereótipo. Ao ser um fator preestabelecido nas residências e no inconsciente dos indivíduos, que dificultam a aceitação das mudanças, este processo de assimilação e apropriação acontece conforme a maneira que se aborda o tema e sucessivamente como este é passado adiante, seja na concepção oral ou escrita.

A revista, suas matérias e os anúncios representam aspectos importantes da sociedade na primeira metade do século XX. São universos onde os símbolos da ficção se adaptam e se integram ao contexto histórico da época em que se encontram, tornando-se uma ferramenta de grande importância para a valorização do produto, independente do gênero ou do público que

⁷⁰ Ver: CAPELATO, Maria Helena; PRADO Maria Ligia. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

ia atender. Além de informar, as revistas formavam um vasto campo de opinião o que gerava um grande interesse por notícias que se encontravam além do status nacional.

imprensa. [...] O Sexo Feminino aparece, há de lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido. O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais da metade dos males que os oprimem é devida ao descuido que eles tem tido da educação das mulheres, e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste de casa. [...] Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa, etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina doméstica, a puericultura a literatura (ao menos a nacional e portuguesa), a filosofia, a história, a geografia, a física, a química [...]; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: “Se meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!” (SEXO FEMININO, 1873, p. 1).

Os magazines que antecedem o século XX acabam por carregar em seus editoriais uma carga feminista discreta, porém de grande importância. Editoriais que requestavam pela emancipação da mulher, defesa dos direitos, menção ao direito ao voto, participação feminina na política, notoriedade em profissões tidas como masculinas, divórcio, trabalho e família, passaram a ter tais assuntos como pauta e a conquistar o interesse da população, alguns defendendo os anseios e outros totalmente contra a quebra do tradicionalismo da sociedade. Com revistas variando o teor de suas informações, o público-alvo acaba por ter uma maior quantidade, com um vasto campo de exploração de conteúdo.

Figura 5 - Matéria da edição número 001 da Revista Eu Sei Tudo de 1917

AS CONSEQUENCIAS DA GUERRA - UM NOVO PERIGO




Uma «timoneira» em serviço num dos grandes lanchões do porto de Manchester.

Uma escola de motoneiras em Glasgow. Como se vê, as pretendentes ao logar praticam em apparatus especiaes, até que obtenham perfeito conhecimento da manobra. Só depois d'isso é que se lhes confia a direcção de um bond.

18 Temos mulher ao leme! Eis como se transformou a velha afirmação tranquillizadora com que nossos avós asseguravam a confiança na direcção de um barco.

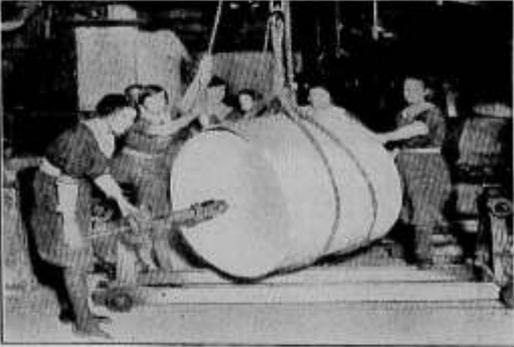
Quando se dizia «Temos homem ao leme» isso significava que todos podiam dormir socegradamente porquanto a direcção estava garantida e não havia o risco de desnortheio ou desorientação. Mas que dizer agora que tantas embarcações, sobre tudo nos serviços fluviaes de França e de Inglaterra estão entregues a equipagens femininas?

Sem duvida ha nessa novidade, que não se limita ao trabalho de navegação, um grave e alarmante perigo. A guerra, tornando indispensavel a mobilisação militar de todos os homens em idade de prestar serviços rudes, desorganizou ou paralysou subitamente quasi todas as industrias e tambem serviços publicos, que não se poderiam interromper sem produzir um intoleravel colapso na existencia dos povos. Como viver sem tramways, sem correios, sem telegraphos?... Os governos appellaram-se para a mão de obra feminina e improvisaram *chauffeuses*, *carteiras*, *amanuenses*, *telegraphistas*, etc. em uma especie de mobilisação femi-

nina. Como era de justiça, e tambem para atrahir as dedicações indispensaveis, começaram por estabelecer que as mulheres, substituindo os homens nos trabalhos indispensaveis ao publico, teriam ganhos e regalias eguaes aos de seus maridos, pais ou irmãos que assim substituiam.

novas para seu sexo, pericia irreprehensivel. Agora eil-as habituadas a viver com o seu trabalho bem remunerado, a gosar a independencia que lhe vem de honorarios fartos, ganhos com os seus proprios esforços... Estarão ellas dispostas a abrir mão subitamente de todas essas vantagens quando, terminada a guerra, os milhões de operarios hoje mobilizados nas linhas de frente voltarem á vida civil?

Todos esses homens hão de reclamar seus logares nas usinas, nas companhias de tramways, nas repartições publicas, assim como em todos os mercados de trabalho que as mulheres invadiram. E ninguem pode afirmar que ellas tenham a resignação necessaria para voltar á existencia dependente e subalterna em que vegetavam antes da guerra.



Uma «equipe de impressoras» em Londres. A imprensa foi a industria que mais sofreu no inicio da guerra. A mobilisação geral privou quasi todos os jornais de suas «equipes» de impressores; alguns tiveram por isso que suspender a publicação; outros sahiram durante algum tempo com impressão de mulheres. Hoje todos esses serviços estão aos cuidados de mulheres.

Ora, aconteceu depois que a guerra se prolongou muito além do que haviam imaginado os mais pessimistas. Quasi trez annos se passaram... Durante esse tempo, as mulheres invadiram todos os ramos de actividade e, com intelligencia admiravel, com facilidade de assimilação maravilhosa, ganharam em todas essas profissões,

SOBERANOS
COLLECCIONADORES

Par mais illustres que sejam, os soberanos são o que nos somos e, como qualquer um de nós, têm suas manias, na maior parte das vezes inoffensivas. (felizmente!...)

Assim o Imperador Francisco José, colleccionava cuidadosamente todos os menus dos banquetes em que tomava parte e podemos assegurar que chegou a possuir gavetas cheias.

O rei da Grecia tem por costume guardar os bilhetes de passagem dos trens.

A rainha Maud da Noruega collecciona objectos de marfim, tendo já uma grande quantidade de dentes de leão, jacaré e phoca.

Fonte: EU SEI TUDO, edição 01, 1917, p. 18.

Pode-se identificar, por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2016)⁷¹ que atrás de frases como: “Não sirva de cuidado aos pães que suas filhas, assim educadas e instruídas, não sabem coser, levar, engomar, cortar uma camisa, etc...” e “A riqueza intellectual produzirá o

⁷¹ Partindo do pressuposto do aperfeiçoamento do material com o imaterial e das aplicações na prática, se obtêm tendo um discurso aparentemente figurado e com mais de um sentido, e que acaba por esconder uma mensagem a qual precisa ser desvendada.

dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades” (SEXO FEMININO, 1873, p.1), entranhava-se uma crítica indireta à importância que a sociedade do final do século XIX prendia a mulher aos afazeres do lar e cuidados do marido, ao invés de incentivar a autonomia e a intelectualidade do sexo feminino. A análise de conteúdo sintetiza, então, como o escrito na revista afeta diretamente a figura feminina em sociedade, ela tende a seguir os indicativos da revista como forma de reprodução das ações das mulheres, o conteúdo analisado expressa diretamente as necessidades que a mulher deve seguir. O mesmo ocorre como forma de análise de discurso, pois este era o dito pela sociedade em que as revistas estavam inclusas, ou seja, tendenciam as análises a forma de cada responsável pelas matérias.

Beauvoir (1970) coloca que: “Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade” (1970, p.9), enfatizando a falta da necessidade do sexo masculino em expor sua importância. O homem possui seu lugar na história e nunca foi questionada a sua relevância, e são os fatos que nos dão certeza sobre o tema, o próprio Código Civil⁷², do Brasil, do início do século XX, que colocava a mulher como dependente do pai ou do marido, a qual poderia tomar alguma atitude munida de autorização destes responsáveis.

Tal fato veio a proporcionar ao sexo feminino novas áreas de aprendizagem, o que lhes eram negadas⁷³, pois a educação⁷⁴ feminina visava os bons costumes, casamento e o ambiente da casa. Não obstante, as revistas tratavam destes temas, mas também traziam notícias sobre economia doméstica, medicina caseira, agricultura e informações sobre a sociedade.

Tendo em vista o impacto causado pelo jornal “Sexo feminino” o campo passou a ter um número significativo de revistas que, em algum momento, substituíam os temas de moda, culinária e bordado, por espaços que enfatizavam as lutas e conquistas das mulheres. Ao fechar o século XIX e adentrar o século XX, o papel da mulher, questionado nos meados da época que passava, passou a fomentar a busca por maior presença feminina além do lar.

⁷²Os artigos 186, 204 e 380 do Código Civil de 1916 colocam a mulher como dependente total do sexo masculino: “Art. 186. Discordando-os entre si, prevalecerá a vontade paterna, ou, sendo separado o casal por desquite, ou anulação do casamento, a vontade do cônjuge, com quem estiverem os filhos”, “Art. 240. A mulher assume, pelo casamento, com os apelidos do marido, a condição de sua companheira, consorte e auxiliar nos encargos da família”, “Art. 380. Durante o casamento, exerce o pátrio poder o marido, como chefe da família (art. 233), e, na falta ou impedimento seu, a mulher”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm. Acessado em 22 maio. 2019.

⁷³ O período aqui descrito possui uma alta taxa de analfabetismo no Brasil, da mesma forma que não se pode basear o número de leitores pelas tiragens, visto que uma revista poderia ser lida por mais de uma pessoa. Reverberando que a grande parte das leituras era realizada por pessoas da elite branca.

⁷⁴ As taxas de analfabetismo no Brasil, nas primeiras estatísticas do século XX mostram uma taxa de 74,6% de não alfabetizados, segundo BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Estatística da Instrução. Primeira parte: Estatística Escolar, v.1, 4 seção, 1916 (Introdução de Oziel Bordeaux Rego).

Mesmo tendo circulado pelo curto período de 1897 a 1900, a revista “A mensageira” foi uma ferramenta importante na elucidação do empoderamento feminino. Com um editorial formado por mulheres que buscavam elevar os feitos do sexo feminino, tanto no ambiente dos lares, como pelo mundo, a revista aplicava em suas páginas, quinzenalmente, lutas avançadas para o período, como o direito ao voto da mulher, abolição da escravidão⁷⁵ e a educação feminina como princípio fundamental. Tais temas, que antes eram de difícil acesso e que geravam amplas discussões e debates, passaram a ser pautas e fatos fundamentais para a disseminação de avanços frente às novidades que estavam por vir no século que se aproximava.

Mostrando o desejo de informar a respeito dos avanços dos movimentos feministas com o título “Entre Amigas”, na página 03, a revista expressava: “(...) ou que passe no sopro ligeiro dos dias curtos, esta revista assinala um facto, digno de atenção de que o movimento feminista vae desenvolvendo a força das suas azas, no Brasil” (SANTOS, 1897, p.3). De complemento, anteriormente, a revista já se pronunciava:

Que a nossa revista seja como que um centro para o qual convirja a inteligência de todas as brazilleiras! Que as mais aptas, as de merito incontestável, nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas paginas com as suas produções admiraveis e bellas; que as que começam a manejar a penna ensaiando o vôo altivo, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta: e que, finalmente, todas as filhas desta grande terra nos dispensem o seu auxilio e um pouco de boa vontade e benevolencia (DE ALMEIDA, 1897, p. 2).

Fazendo parte de um avanço que busca a conquista de direitos, “A Mensageira” ainda trazia em suas publicações fatores que expunham o abismo entre os gêneros feminino e masculino. A mulher, mesmo sendo tratada como importante, com páginas que lhe exaltavam, era questionada quanto ao seu papel no ambiente social, retificando o papel de mãe, esposa, filha e responsável pelo lar. É o que Bardin (2016) coloca como luta contra a evidência exposta, pois é necessário observar as escritas das revistas com base no momento histórico vivenciado. E assim, encontra-se uma indeterminação, pois luta-se por direitos e empoderamento, e ao mesmo tempo acaba por robustecer o lugar-comum da mulher, como sexo frágil, dependente, do lar, sem autonomia e amplamente sensível. Conjuntamente, conformada com oscilação de um princípio do feminismo, a revista foi de grande importância

⁷⁵ A abolição já tinha acontecido, todavia a revista mostrava informações referente ao período escravista e as formas como os governos aplicavam suas forças, também como ocorreu a abolição de modo a informar a população sobre este importante fato histórico.

para fomentar o interesse pelas causas feministas⁷⁶, mesmo com as disfunções presentes na sociedade baseada no patriarcalismo.

No século XX, novas revistas passaram a circular, absorvendo ideias, princípios, organizações e aplicando as inovações que os avanços tecnológicos apontavam. Os magazines do período possuem quase a mesma estrutura, ora com artigos de opinião, ora com informações sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo. Datada de 1907 a 1945, a revista “Fon-Fon” fornecia informações para o gênero feminino, onde as mulheres, além de estarem em suas casas com seus respectivos afazeres, apareciam praticando esportes, passeando pela cidade, participando de grandes bailes e mostrando uma vida social bem ativa. Desta forma, vê-se a crescente informação à grande população de mulheres sobre moda, estilos, sociedade, alimentação, concursos de beleza e consumismo, ilustrando com imagens roupas, cortes de cabelo e apetrechos, como “seriam os anos que estavam pela frente”.

O período que compreende parte da circulação da revista acaba por cruzar com o Almanaque da “Eu sei tudo”, vindo a ter inúmeros pontos em comum. Ambas as revistas circulam em um período de reestruturação dos papéis sociais, tanto dos homens como das mulheres. As mulheres passaram a ter um maior espaço, novos hábitos, novas condutas e portando-se de forma mais livre, o que passa a gerar questionamentos de pertencimento e quebra de antigas tradições. Tem-se como exemplo a participação em eventos noturnos, esportes e no mercado de trabalho.

É necessário utilizar da análise de conteúdo de Bardin (2016) para identificar os pontos mais relevantes encontrados nas matérias, como assuntos e autoras das primeiras revistas para entrar na genealogia e retirar as informações pertinentes ao princípio do feminismo. Para então, no momento intermediário, em que a “Eu sei tudo” passa a ser a vinculadora de informações sobre e para as mulheres, definir o posicionamento da mesma.

Conforme Foucault:

(...) falar é fazer alguma coisa – algo diferente de exprimir o que se pensa, de traduzir o que se sabe e, também, de colocar em ação as estruturas de uma língua; mostrar que somar um enunciado a uma série preexistente de enunciados é fazer um gesto complicado e custoso que implica condições (...) e comporta regras (...) (2000, p. 237).

⁷⁶ Exististe uma dificuldade historiográfica de identificar se a revista tinha o feminismo como uma das suas principais pautas, porém, é possível identificar matérias com este cunho. Por chegar a um determinado público não significava que ela era lida, ou não, por sua temática. Assim, limita-se a análise de público, mas amplia a análise sobre a revista.

Por se tratar de revistas com assuntos variados, é necessário observar fatos ocorridos no passado, como os fenômenos que ajudaram a aprofundar o assunto com base na cronologia, identificando os sujeitos, o social e os elementos que intervêm na aplicação dos temas que norteiam os caminhos dos editoriais. Beauvoir (1970), ao aplicar suas ideias no livro “Segundo Sexo”, parte das conquistas realizadas pelas mulheres e que conduzem as análises da conduta da mulher na sociedade:

Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: "Sou uma mulher". Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (1970, p. 9).

A autora narra acontecimentos comuns no dia a dia da mulher no século XX, onde mesmo avançando em conquistas, ainda se questionava o papel da mulher na sociedade⁷⁷. E, ao obter êxito em campos antes masculinos, geravam questionamentos sobre essa inversão de papéis, o homem sentia-se ameaçado e acabava por dificultar os avanços do movimento feminista. O medo do desconhecido, o machismo⁷⁸ e o receio da substituição de lugares, são fatores determinantes para o debate de gênero, que se percebe como um assunto delicado e que envolve todo tipo de indivíduo.

As revistas passaram a proporcionar aos leitores um maior campo de visão de mundo, proporcionando diferentes maneiras de se observar a sociedade, com uma nova estrutura cognitiva e social sendo construída, quebrando paradigmas e modificando a sociedade preestabelecida na qual se encontravam. Isso ocorre através da vinculação de informações, como também por meio de questionamentos. O que antes era imutável, agora passa a gerar dúvidas, que aliadas às lutas por igualdade são de grande significância nos avanços das correntes feministas pelo Brasil.

⁷⁷ É necessário compreender que o Brasil vivenciou um atraso em relação às conquistas femininas, cada qual com suas particularidades, todavia Beauvoir auxilia na compreensão do movimento.

⁷⁸ O termo machismo é tratado como um termo filosófico e social que coloca a mulher como ser inferior ao homem com relações de superioridade em todos os campos. Está ligado historicamente à estrutura patriarcal e hierárquica que a sociedade está fixada e que coloca o pai/homem como detentor do poder. Segundo Drumont (1980) coloca em uma palavra a representação de poder. Para saber mais ver: DRUMONTT, Mary Pimentel. **Elementos Para Uma Análise do Machismo**. Perspectivas, São Paulo, 1980.

1.3 As mudanças de postura das revistas com a chegada dos anos 20

O século XX é tido como o século de significativas mudanças nos cenários político, econômico, cultural e social⁷⁹. Rocha (1985) classifica as alterações das revistas em duas partes: a que atende a feição material de forma periódica, e a outra com uma temática. A primeira parte costuma ser direcionada a jornais, pois são mais diretos e apresentam uma maior obrigatoriedade de datas. A segunda parte atende mais às revistas, que direcionam seu foco a uma temática, neste caso, a feminina.

Despentes (2016) menciona que a mulher sempre existiu nos romances escritos por homens, atendendo aos desejos do público. Desejava-se encontrar em livros, jornais e revistas modelos de mulheres que fossem elegantes, bem quistas e consideradas bonitas. A partir dos movimentos encetados sobretudo ao longo da década de 1920, a mulher exemplar passou a ser relacionada também àquela que fosse capaz de equiponderar tanto a vida profissional como a familiar, conciliando ainda as horas para cuidar da saúde e praticar esportes. Foi iniciado um processo de adaptação social amplamente explorado pelas revistas da época, tanto nas notícias como nas propagandas.

Um dos principais motivos da mudança de comportamento nas revistas ocorria pela demanda de modernização do país. A “Revista Feminina⁸⁰”, periódico de circulação entre os anos de 1914 a 1936, com suas matérias e seus discursos publicitários, foi fundamental para veicular informações a respeito do corpo da mulher, dos costumes e o papel que o sexo feminino deveria assumir na sociedade. Os relatos apontam a falta de revistas que trouxessem mulheres falando para mulheres, sobre acontecimentos, dúvidas e questionamentos femininos. Com os dizeres de leitura “sã e moral” visava a educação doméstica e a orientação do “espírito feminino” na educação das meninas.

Para as classes mais elevadas, a mulher não deveria trabalhar fora, cabia ao marido realizar este tipo de trabalho. Buscava colocar a importância de falar sobre o tema trabalho, mas não como obrigação. Desta forma, mantinha as classes altas interessadas no magazine e

⁷⁹Para maiores informações ver: HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁸⁰ Revista Feminina circulou no Brasil no período de 1914 a 1936, escrita e dirigida por mulheres, inteiramente voltada ao público feminino, não foi a precursora no Brasil, porém adentrou as residências pelo nome de e Virgínia Salles de Souza que organizou em um trabalho minucioso organizou um arquivo com cerca de 60.000 endereço de mulheres brasileiras que poderiam criar algum interesse pela revista, distribuindo a Revista Feminina até a edição nº 7 gratuitamente como forma de criar o interesse pela temática. Ver: SOARE, Barros. As propagandas da revista feminina (1914-1936): a invenção do mito da beleza. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.7, n.1, jan./jun. 2014, p. 106-120.

ainda conquistava a classe média-baixa que se interessava por saber das notícias mais importantes.

Outro ponto que passa a ser crucial no período de 1920 é a relevância da imprensa feminina no Brasil. Anteriormente, os homens eram maioria nos editoriais. A mudança de comportamento colocou as mulheres nas páginas das revistas não mais somente como pautas. Elas passavam a ser escritoras e responsáveis por matérias, como também passaram a receber remuneração por este trabalho.

Com a existência já relativamente longa da Revista Feminina, que se acha no quinto ano de sua publicação, e já perfeitamente consolidada do ponto de vista material, pode se considerar uma realidade a imprensa feminina no Brasil. Seu corpo de redação, bem como muitas de suas colaboradoras, recebem salário fixo, o que implica o jornalismo feminino como profissão. Sua fundadora, durante seus últimos anos de vida, viveu de seu jornal, fazendo dele profissão exclusiva, o que implica a existência do jornalismo feminino como profissão (REVISTA FEMININA, 1918, p. 7).

A “Revista Feminina” priorizava valorizar a mulher em todas as faces, principalmente no que dizia respeito à família, ao bem-estar do marido, ao lar, ao doméstico e, se pudesse, à vida social. Decorações, eletrodomésticos, roupas, acessórios e flores eram importantes para coroar o estilo de vida dos anos 20, que se tornava tema, assunto e publicidade nas páginas dos magazines.

Os anos 20 foram marcados pela presença de fortes críticas políticas, e que possuíam efeitos diretos nos periódicos. “A Careta”⁸¹ (1908), passou por reformulações⁸² e tomou um novo rumo de editoração no ano de 1921, polemizando logo na primeira edição após a mudança, batendo de frente com nomes políticos fortes, como no caso do Presidente Affonso Penna. Outra revista importante e que passou a inovar em suas publicações foi a “Cigarra”⁸³ (1914), trazendo textos e matérias assinadas por escritores como Oswald de Andrade, Monteiro Lobato e Olavo Bilac. Com o percebimento da atração das imagens e fotografias, um novo meio de vincular informações passou a circular entre o público. A utilização de fábulas, como no caso da cigarra e da formiga, que nomeia a revista, como lê-se em sua primeira edição: “Consolemo-nos pensando que, para esta Cigarra, de quinze e quinze dias será verão e ella cantará ao sol” (A CIGARRA, 1914, p. 11), fazendo referências a luz que a

⁸¹ A revista “Careta” foi um periódico com temáticas humorísticas e políticas que circulou com datas de 1908 a 1960.

⁸² Em um primeiro momento a revista tratava de forma mais ferrenha sobre política, utilizando de caricaturas de personalidades do governo, de forma satírica e humorístico. Com muitas imagens e fotografias, antes da reformulação, a sátira política era o tema central.

⁸³ A revista **A Cigarra** tem sua origem em São Paulo e circulou de 1914 a 1948 voltado aos comportamentos da época e com uma significante tiragem quinzenal de doze mil exemplares.

revista traria ao público. As mulheres eram destaque em seções direcionadas à vida doméstica, bailes, espetáculos e atividades da vida social. Autores como Azevedo (2002), Buitoni (1986) identificam este período como um ponto diferencial nas ideias feministas. A revista passara por transformações partindo do princípio de uma temática mais variada e de interesses gerais, indo para o campo de satisfação do feminino.

Coloca-se como hipótese que dez anos depois do lançamento, a revista já contava com uma seção sobre moda, intitulada “Chronica das Elegantes” e assinada por um nome francês, Annette Guitry. Na condição de que Annette era mesmo francesa, ou ainda, se era mesmo mulher não se sabe ao certo. Afinal, ao contrário da literatura, em que mulheres eram obrigadas a assinar nomes masculinos para publicar seus escritos, na imprensa feminina foram os homens que tiveram que inventar pseudônimos com nomes de mulher. Isso se devia, em parte, à escassez de mulheres nas redações. O fato é que um nome francês lhe daria mais credibilidade para falar de moda, aumentando o interesse em torno da seção.

As revistas que adentram a década de 1920 e também se aliam a um perfil similar com a “Eu Sei Tudo”, possuem cernes de uma cultura que colocava a mulher apenas como participante da história, não como protagonista. O passado é o maior fator que determina e propaga essa ideia de submissão, expondo as diferenças não apenas na vivência masculina, mas também na participação das mulheres na construção do passado.

Um exemplo é Revista Feminina, que circulou de 1915 até 1936, com uma vasta produção literária, a editora e dona da revista, afirmava que o periódico visava o altruísmo feminino, e mesmo que foque na educação doméstica, atentava-se a educação da mulher em si. As preocupações em relação ao ensino da figura feminina eram ponto importante expostos nas páginas da revista, como também ideias revolucionárias atreladas a poemas, contos e histórias, que possuíam o objetivo de proporcionar a mulher uma nova espera de imaginação, vivenciado experiências através das palavras. Todavia, ainda se encontra fortes indícios da figura masculina, ora com a reprodução de ações que agradem os homens, com a família, marido e lar, ora com crônicas escritas pelos mesmos representando os anseios e vontades dos homens (LUCA, 1999).

Em certos momentos da história da imprensa feminina, as mulheres tiveram de se esconder atrás de pseudônimos masculinos, ou em alguns casos, nem assinavam as matérias. Próximo aos anos de 1920 e com o advento de inúmeras revistas voltadas ao público feminino, foram os homens que se viram obrigados a assinar nomes de mulher. Muitos dos autores até colocavam nomes estrangeiros para aumentar a credibilidade ao falar dos assuntos de maior destaque. Todavia as mulheres possuíam algum espaço nas revistas, com crônicas, histórias,

relatos, fotos, participação em concursos e “novidades” que eram expostas para os leitores. Assim, as mulheres mesmo que de forma mais lenta passaram a fazer parte dos editoriais das revistas⁸⁴, aumentando a necessidade de distinção, mas não de dominação.

No que tange a construção de sentidos relativos as mudanças sociais, o respectivo papel dos dois sexos passa a ser um ponto que divide opiniões e passa a ser questionado no avanço do ramo dos magazines em geral:

As mulheres sofrem de uma dupla ausência na história devido a sua posição de dominada nas relações de gênero: pelo pouco espaço que têm ocupado na vida pública e pelo sexismo da historiografia, que cuidou de apagar os rastros dos dominados, entre eles as mulheres e quando não o fez, os reduziu a uma classe proletária, branca, masculina, idealizada e com missões preestabelecidas a cumprir (DIAS, 2016, p. 13).

A mulher passa a conduzir, em partes, suas escolhas, o que a deixa mais exposta como sujeito social. Anteriormente se condicionavam à vida doméstica e de ser mãe; para quebrar este paradigma, muitas optaram por campos relacionados à educação, como o magistério, atrelado a isso, para alçarem um lugar no espaço público acabam por entrar cada vez mais no ramo de revistas. A teoria do patriarcado⁸⁵ nos faz analisar toda a subordinação que esta teoria nos remete. Para Aguiar (1984), que desenvolve o conceito de patriarcado a respeito das relações de poder:

No caso brasileiro, a teoria do patriarcado tem servido para a análise das relações de dominação que antecederam a emergência do sistema capitalista. Como relação de poder, teóricos do liberalismo desenvolvem esta perspectiva para discutir formas alternativas de resolução de conflitos e de desenvolvimento do processo decisório na relação entre Estado e Sociedade Civil. A família patriarcal e o modelo de relações políticas derivado da família estão no cerne dessa questão (AGUIAR, 1984 p. 318).

Isso acontece porque as mulheres são vistas como objetos de satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Portanto, diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também enquanto grupo, envolve prestação de serviços sexuais aos seus dominadores/opressores.

Webber (1991)⁸⁶ e a ideia de ser uteis na conquista por espaço:

⁸⁴ Estudos a respeito da revista “A Cigarra” mostram relatos de homens que se passavam por mulheres para escrever, e assim conseguir reconhecimento e leitores. Ver: AZEVEDO, L. H. de. Mulheres revistas: educação, sociabilidade e cidadania na revista. 2002. 13 f. Artigo apresentado no **XXV INTERCOM** em setembro de 2002.

⁸⁵ Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1936].

⁸⁶ Ver: WEBER, Max. Sociologia da dominação. In: WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1991. p. 187-223.

Por ‘dominação’ compreenderemos então, aqui, uma situação de fato, em que uma vontade manifesta (‘mandado’) do ‘dominador’ ou dos ‘dominadores’ quer influenciar as ações de outras pessoas (do ‘dominado’ ou dos ‘dominados’) e de fato as influências de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (obediência) (1991, p. 190).

A sociedade mostra a falta de divisão das tarefas entre homens e mulheres. Deixa a criação dos filhos, os afazeres domésticos e demais obrigações para a mulher e o homem fica encarregado pelo sustento e ordem familiar. O questionamento aparece na origem dessa divisão sexual do trabalho, e dos motivos pelos quais se coloca a virilidade acima da feminilidade. Para Jacques Lacan (1999)⁸⁷ a linguagem é a responsável para construir a identidade de gênero, e ao propagarmos a ideia de que a mulher é do lar e o homem do mundo, as crianças subsequentemente seguem essa ideia.

Portanto, existe sempre um conflito entre a necessidade que o sujeito tem de uma aparência de totalidade e a imprecisão da terminologia, a relatividade do seu significado e sua dependência em relação à repressão. Esse tipo de interpretação torna problemáticas as categorias “homem” e “mulher” sugerindo que o masculino e o feminino não são características inerentes e sim construções subjetivas (ou fictícias) (SCOTT, 1995, p.82).

Scott (1995) coloca que a história do feminismo é a negação hierárquica da relação entre masculino e feminino, dentro de cada contexto, como ainda uma tentativa de reverter a forma como está instaurada. E para que se quebre essa posição, as historiadoras estão empenhadas para desenvolver o gênero como categoria profunda e o século XX trouxe consigo a emersão teórica com o gênero, e que veio a tomar forma a partir de semelhanças com a oposição entre masculino/feminino, alguns se voltaram a reconhecer ser uma “questão feminina”, outras na formação da identidade sexual relativa.

1.4 A imprensa internacional e a atuação dentro da revista Eu Sei Tudo

Inúmeras publicações pelo mundo formaram os veículos responsáveis por aproximar os continentes e as informações. Revistas como *American Journal of Science*⁸⁸e, do Estados

⁸⁷ Jacques Lacan foi um importante nome para as feministas da escola francesa, para maiores informações, ver: LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Seminário ministrado em 1957-58).

⁸⁸ Considerado o periódico científico mais antigo dos Estados Unidos voltado as ciências naturais.

Unidos da América em 1818, *Scientific American*⁸⁹, também dos Estados Unidos e datada de 1845, a revista Inglesa *Nature*⁹⁰ de 1869, que possuíam a aplicação de seus conteúdos pelo mundo. Através da disseminação das informações, diversos grupos sociais puderam acompanhar os avanços históricos, sociais e tecnológicos em movimento. Com a informação ultrapassando os continentes em prol de alcançar um maior número de indivíduos, as revistas em geral viram um campo atrativo e lucrativo ao explorar informações além de suas fronteiras geográficas.

Buitoni (1990) identifica práticas que contrastam a imprensa global com a feminina, utilizando da primeira como séria e prestigiada e, a segunda, apenas com o cunho de entretenimento. A autora parte do pressuposto da necessidade de separação das duas para compreender a inserção da mulher neste campo, através de temporalidades atreladas à época que se encontram.

Poesias, receitas de bolo, reportagens, figurinos, consultório sentimental, artigos de psicologia, entrevistas, testes, horóscopos, contos, fofocas, maquilagem, plantas de arquitetura, moldes, saúde, educação infantil, tudo parece caber dentro da imprensa feminina. Sua área de abrangência parece infinita: embora frequentemente ligados ao âmbito doméstico, seus assuntos podem ir da dor de dente no filho de sete anos à discussão da política de controle da natalidade, passando pelos quase inevitáveis modelos de roupa e pelas receitas que prometem delícias (BUITONI, 1990, p. 8).

As revistas passam a ser um refúgio do mundo real, adentrando ao campo da culinária, com receitas que o proletariado não teria os ingredientes, a viagens a lugares onde o dinheiro não seria suficiente, a roupas que eram moda nos desfiles mais luxuosos, embelezando-se para participar de concursos que elegeriam as mais belas mulheres. Para completar o vazio existencial criado pelo momento de recuperação do Entreguerras, as revistas passaram a investir no entretenimento, seja da mulher, do homem ou da criança. Isto se deu pelo excesso de carga de trabalho e acúmulo de funções, ora no ambiente interno, como dona de casa, ora como trabalhadora, no mundo que era, então, externo ao ambiente doméstico. Assim, produtos, meios de economizar, apetrechos que proporcionariam um melhor conforto, saúde, beleza, higiene, automóveis e alimentos estampavam as páginas das revistas, importando não só os produtos de outros países, mas também as notícias e informações que por lá chegavam antes. Se na moda e na beleza a mulher devia estar sempre atualizada, as revistas passaram a

⁸⁹ Revista dos Estados Unidos de divulgação de notícias e avanços científicos, conhecida pela forma clara como explicava suas matérias.

⁹⁰ Revista britânica que trata de assuntos científicos e de interdisciplinaridade, sendo sempre citada em diversos artigos.

incentivar as mulheres a se interessarem por um maior número de áreas criando um campo maior de exploração.

O Brasil possui certo atraso tecnológico no que tange a qualidade dos impressos e sua disseminação de conteúdo. Este conservadorismo afetou principalmente os avanços feministas no Brasil, de modo que o sufrágio só veio a acontecer em 1934, enquanto na Inglaterra e Estados Unidos, datada de 1918 e 1919, respectivamente⁹¹. A questão de trabalho também mostrou disparidade, como salário e divisão de tarefas, e ao adentrar em um meio dominado pelo sexo masculino, dos editoriais de revistas, buscando através da reescrita de novos paradigmas a respeito das mulheres, o espaço da leitura feminina. Como contraponto e com a intenção de expandir o pensamento feminista, a revista “Eu Sei Tudo” buscou informações sobre o tema em publicações internacionais, isto porque o movimento gerava atenção, as intenções que o mesmo ocorresse em âmbito nacional não se fazem presentes na revista.

Para Buitoni (1990) a imprensa utilizou-se da necessidade de entreter a mulher como também de fixá-la em um espaço que poderia ser vantajoso:

Nos periódicos para a mulher, as fotos de pessoas que possam ser individualizadas, seja a artista famosa ou a mãe de família, buscam documentar a realidade. Porém, as fotos de moda, beleza e decoração são percebidas antes como fantasia, corporificação de um ideal a ser imitado. Poderíamos contrapor as fotos que seriam persuasivas – ou sugestivas; recheadas de ilusão e imaginação, elas estimulam, induzem, conduzem (BUITONI, 1990, p.19)

Termos como “separatistas”, que se opunha ao sistema patriarcal e “diferencialistas”, que buscavam desenvolver diferenças das já existentes na sociedade, puderam ser lidos através de matérias que representavam as lutas das mulheres pelo mundo. Passou-se então a reunir mulheres que visavam quebrar a doutrinação que seguiam. Nomes como o de Agatha Christie⁹² estampavam crônicas, textos e narrativas que saíam mensalmente, em outras mídias, concursos, análise de mulheres de outras nacionalidades e costumes eram expostos, questionando o padrão estabelecido. Não era mais tão estranho ver mulheres em trabalhos braçais, dirigindo aviões ou na propaganda de cigarros, a influência da cultura internacional se fez presente de modo crucial para a elevação da mulher como membro ativo da sociedade brasileira.

⁹¹ Neste ponto se faz uma comparação do Brasil com duas potências mundiais após a Primeira Guerra Mundial, Estados Unidos e Inglaterra, isto ocorre pela grande influência que a cultura inglesa aplicava sobre a revista “Eu Sei Tudo” e na população brasileira. A Revolução Francesa e a Revolução Industrial, na qual as mulheres participaram, acaba por influenciar e desenvolver ações em prol da luta por direitos das mulheres, alavancando os movimentos fora do Brasil de forma mais veemente e com antecedência aos atos brasileiros.

⁹² Agatha Christie (1890- 1976) foi uma importante escritora inglesa que escreveu mais de oitenta livros com histórias de drama, mistério e suspense.

Nísia Floresta⁹³, considerada como a primeira feminista do Brasil, jamais teve seu nome vinculado a revista “Eu Sei Tudo”, e mesmo sem o devido reconhecimento, foi de grande importância para a história das mulheres no Brasil. Outros nomes foram negados de (re)conhecimento, deixando de lado a história das brasileiras para retratar o feminismo estrangeiro. Muito disso se dá pelo viés americanizado⁹⁴ que os periódicos da época pregavam, como também o capital investido e o maior número de notícias a serem compartilhadas. Retratar figuras dos Estados Unidos, Inglaterra, França e demais países auxiliava na busca pelas ideias mundiais, seguindo os exemplos das grandes potências para aplicar na federação. Deste modo, as lutas que aqui aconteciam ficavam em segundo plano, e quando noticiadas chegavam com atrasos.

A imprensa internacional foi um meio de se aplicar no Brasil alguns dos ideais feministas que se espalhavam pelo mundo. Não ocorreu de forma constante, pois as revistas veiculavam as notícias em momentos afastados, ou em lugares menores das páginas, todavia, para um momento histórico que desfavorecia a figura feminina como independente, qualquer informe a respeito de triunfos sobre a sociedade patriarcal, prontamente era considerado um avanço da causa.

⁹³ De nome Nísia Floresta e pseudônimo de Dionísia Gonçalves nasceu no Rio Grande do Norte e tem em seus relatos uma vida atrelada aos costumes da época, causar cedo e cuidar do marido e da casa. Questões como a hierarquia, o paternalismo e o trabalho mal remunerado, hoje debatidos, tiveram seu primeiro sopro de esperança com Nísia, para assim, voltarem-se à explicação de como a sociedade se formou e de como a figura da mulher é vista e tratada desde os primórdios. Para maiores informações, ver: FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

⁹⁴ As revistas sofriam grandes influências do padrão americano de notícias e informações.

II. A REVISTA “EU SEI TUDO” E AS REPRESENTAÇÕES AO FEMININO E FEMINISMO

O objetivo principal deste capítulo consiste em apresentar a análise, tendo como pano de fundo o período de Entreguerras (1918- 1939), das duzentas e cinquenta e duas (252) edições da revista “Eu Sei Tudo”, tendo em vista identificar as principais representações do feminino e do movimento feminista ao longo desse período. Para realizar a análise, foram criadas categorias que servissem para compreender e identificar a presença de temáticas que abordem o feminino, o feminismo e, em alguns momentos, os dois temas de forma concomitante

A respeito da categorização, foram analisadas as categorias: *representando mulheres, matrimônio e maternidade, aparência e vaidade, vestimenta e forma física, trabalho e esporte*, tendo nas páginas da revista, matérias que representassem cada categoria. Apoiando-se na análise quantitativa, foi possível selecionar, a partir de cada categoria, as matérias que fizeram parte da análise qualitativa. Por meio de observação das informações dispostas, em ambas as situações, pode-se afirmar que as matérias buscavam inteirar os leitores acerca da presença feminina em cada uma das categorias elencadas, de forma a dialogar com público leitor. Aliada à análise qualitativa, buscou-se, também, contextualizar histórica e historiograficamente o teor das matérias analisadas, tendo em vista a construção de uma espécie de acervo, cuja base historiográfica fosse capaz de apontar a efetiva compreensão do maganize em seu contexto de surgimento e produção.

2.1 Conteúdos e abordagens na revista “Eu sei tudo”

A revista possuía um conteúdo bastante amplo, com uma linguagem leve e direta. Circulava com informações do período, dissertava sobre a literatura e política. Frequentemente, contrapondo o teor mais sério das matérias, apresentava também em suas páginas enigmas, caricaturas e até mesmo charges caçoando dos conflitos que, na época, a população enfrentava e das situações políticas. Informava os avanços da sociedade moderna, abordava aspectos da utilização da fotografia, do avião, do rádio e tantas outras invenções criadas no período e, ao mesmo tempo, não deixava de tecer críticas ao que o editorial achasse conveniente. Utilizando-se de ilustrações, para informar novos assuntos de maneira educativa, a revista permitia-se, inclusive, criar diálogos que possibilitavam o desenvolvimento de

conversas entre opiniões diferentes, que atrelavam tanto a modernidade como os antigos costumes. Para Tania Regina de Luca (2010. p.8)⁹⁵ as revistas tiveram papel importantíssimo em várias faces de disseminação dos costumes em geral: “[...] tiveram um papel fundamental não apenas na difusão de hábitos, costumes, valores e sociabilidades urbanas [...] mas também na constituição da visualidade e sensibilidade modernas”. Isto se dava pela necessidade de compreender o que se passava no Brasil e no mundo, com o intuito de gerar um sentimento de curiosidade no público leitor, o que alavancou a comercialização deste tipo de impressos em âmbito nacional.

Atenta aos fatos e demandas comuns que a sociedade de renda média-alta seguia⁹⁶, a “Eu Sei Tudo” levava aos leitores brasileiros informações sobre os eventos em pauta ao redor do mundo: o derretimento das calotas polares, a possibilidade das viagens espaciais e até a existência de seres extraterrestres. É possível perceber que, em cada década, um grande número de assuntos, acompanhados de grandes expectativas em relação aos avanços tecnológicos e às transformações da sociedade no século XX, aparecia combinado com conteúdos voltados à área da saúde, não apenas no campo propriamente científico, biologicista, mas também, na visão holística e na crença na utilização de chás e ervas, por exemplo. Não só textos objetivos, mas também relatos orais e literatura, portanto, ocupavam as páginas da “Eu Sei Tudo”. Na revista, é possível ler notícias sobre o ocorrido nas guerras, mas também notar o seu apoio à educação militar. Pôsteres de figuras políticas como Getúlio Vargas, Adolf Hitler e Benito Mussolini também aparecem, junto a matérias que ressaltavam as práticas e as principais ações dessas lideranças.⁹⁷ Pode-se dizer que a revista era um produto de sua época, do contexto em que surgiu e dos diferentes contextos que, ao longo do século XX, circulou entre os leitores brasileiros.

A “Eu Sei Tudo” procurou retratar e divulgar os esportes, principalmente, o atletismo e as lutas, além da participação do país em copas do mundo. Destacou expedições e aventuras, assunto que chamava a atenção dos leitores brasileiros, além de, no plano econômico, fomentar o incentivo ao turismo. Por fim, expôs temas polêmicos como questões trabalhistas e de higiene, temática que era tratada com cuidado por jornais e magazines, frente a isso, sua tendência era falar a respeito do que os leitores gostariam de ler sem deixar de tecer textos ou matérias críticas quando seus editores achavam conveniente.

⁹⁵ DE LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora contexto, 2010.

⁹⁶ Identificou-se por meio da análise de conteúdo, teor das matérias e o valor das edições da Revista “Eu Sei Tudo”, que está direcionada-se as classes média-alta da sociedade, do período analisado.

⁹⁷ As práticas aqui descritas visavam a solidificação dos personagens políticos importantes na época, com matérias, imagens e feitos realizados pelos personagens descritos.

Os magazines foram, e são, uma mídia de instrumento que serviram à mudança na organização comportamental dos indivíduos, principalmente ao longo dos séculos XIX e XX, pois se tratam de veículos que aprimoraram a ideia de valorizar, equiparar e exaltar a informação como algo significativo na sociedade. Em termos de comportamento, a revista “Eu Sei Tudo” mostra, em seus textos e matérias, uma grande diferença no teor das notícias direcionadas aos homens e às mulheres, como também ao movimento feminista. Beauvoir (1970) assevera que o homem necessitou afirmar-se através do sexo feminino, colocando-o enquanto um objeto dependente e submisso, o que se mostra presente na forma como a revista expunha as informações referentes à mulher de modo geral. O processo de categorização, que exigiu leituras exploratórias, inicialmente, e, posteriormente, leituras atentas ao contexto histórico/recorte cronológico no qual a revista circulou, resultou em uma quantidade significativa para cada categoria analisada. *Representando Mulheres* possui 167 matérias; *Aparência e Vaidade* possuem 209 matérias; *Vestimenta e forma física* têm 193; matérias relacionadas ao *Trabalho feminino* foram 96; o *Esporte* comportou 30 matérias e o *Matrimônio e Maternidade* totalizou com 184 matérias.

2.2 Representando mulheres⁹⁸

Pode-se dizer que os momentos em que a revista circulou ao longo do século XX estiveram marcados pela ideia de que a presença feminina na sociedade estava voltada ao ambiente doméstico, ao mundo privado. Não se dava ênfase à existência de mulheres no *front* e na retaguarda das batalhas, em posições de importância nas lideranças das tropas, tanto na Primeira como na Segunda Guerra Mundial. Isso acontece, porque a história é geralmente contada por homens. Suas figuras simbólicas relacionadas à força e à virilidade estampam os maços de cigarros e propagandas de cervejas encontradas em jornais e revistas até muito recentemente. Os rostos das mulheres, ao contrário, não se fizeram presente na história das guerras. A elas fora reservado o espaço da casa ou, no contexto das guerras, a substituição dos homens no mercado de trabalho. A partir daí, foi que as revistas passaram a expor a imagem da mulher de uma forma mais ampla, destinando-a não apenas ao lar, mas também à vida social de forma mais participativa em eventos, atividades. As mulheres passaram a ocupar espaço significativo na publicidade, nas matérias e notícias em jornais e revistas, sobretudo no século XX do período Entreguerras.

⁹⁸ Expõem-se macro indicador com a representação da mulher em categorias como trabalho, esporte, lazer, política (diretos) e em campos de atuação em geral.

Ao falar sobre os conteúdos encontrados na revista, no momento do Entreguerras, a “Eu Sei Tudo”, enfatizava assuntos variados, tanto nacionais quanto internacionais. Tecnologias, informações e inúmeras dicas a respeito do cotidiano de homens, mulheres e crianças. A revista era organizada em seções⁹⁹, com artigos especiais, inúmeras publicidades, ciências, contos, novidades e invenções que circulavam o mundo. Artes em geral, esportes, romance, drama, teatro, nacionalismos, cotidiano, assim como tantos outros assuntos e temas que faziam a circulação do magazine ser uma das mais importantes no país. A “Eu Sei Tudo” foi uma das mídias que circulou numerosos tipos de anúncios dirigidos às mulheres, contando com ilustrações de mulheres junto a produtos de beleza, utensílios para a casa, penteados, entre tantas outras.

Representar mulheres dentro de campos considerados exclusivamente masculinos foi algo significativo, que atingia algumas classes, como no caso da classe média-alta e a alta¹⁰⁰. Aos olhos do século XXI, pode parecer pouco, mas em uma época em que as mulheres passaram a ser importantes após os homens servirem em guerras, e assim, realizaram de forma satisfatória o trabalho, até então realizado pelo sexo masculino. Conquistar uma matéria repleta de fotos, informações com cerca de duas páginas, era algo importante para os almejos das correntes feministas.

No contexto do Entreguerras, valorizou-se a mulher na medida em que se precisava dela. A lógica era: se a sociedade precisa de mulheres no lugar dos homens, é necessário solidificar as mídias no sentido de moldar uma representação da figura da mulher, tendo em vista o convencimento da sociedade em acreditar que elas seriam capazes de realizar funções anteriormente reservadas apenas aos homens. Com o retorno dos homens, as mulheres novamente retomam a vida doméstica e o espaço privado, tradicionalmente associados às suas funções em seus lares, cuidando do marido e dos filhos. Assim, a publicidade passava a incentivar o consumismo estético, produtos de beleza feminina e produtos para a casa são exemplos dessa publicidade. A par disso, encontra-se, também, nas edições desse período, matérias referentes a ações que envolviam o movimento feminista associadas às transformações que ocorriam na sociedade.

Perrot (1988), em “Os excluídos da história” questiona concepções naturalizadas historicamente que sugerem ou afirmam que a mulher possui uma inferioridade física e

⁹⁹ Seções consiste em uma forma de organização por temas dentro da revista.

¹⁰⁰ É necessário ressaltar que no período pesquisado, no início do século XX, o Brasil possuía uma média de 74,6% de analfabetismo. Para maiores informações ver: BOMENY, Helena. **Quando os números confirmam impressões**: desafios na educação brasileira. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

intelectual, atrelada a um sofrimento constante, colocada como um ser incompleto, segundo a fundamentação bíblica, que retrata Eva originada de uma costela de Adão. Identifica-se uma “dependência histórica” que a mulher teria do homem:

As relações das mulheres com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavra. “Poder”, como muitos outros é um termo polissêmico. No singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalentes a “influência” difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela. Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes. No Ocidente contemporâneo, elas investem no privado, no familiar e mesmo no social na sociedade civil. Reinam no imaginário dos homens, preenchem duas noites e ocupam seus sonhos (PERROT, 1988, p.167).

Mudando os parâmetros, com analogias que fomentem questionamentos, novos temas relacionados à mulher, vinculando informações sobre e para o feminino, percebe-se, na revista, uma tentativa de quebra do *status* preestabelecido de um sexo superior ao outro. Questionamentos sobre a infelicidade feminina eram constantes, os quais se referem à frustração feminina que é dita como “constante e indefinida”, os termos empregados se dão pelas ditas queixas das mulheres. Colocando como poderiam estar infelizes, se estas possuem cozinhas modernas, carros na garagem, uma família feliz e segura economicamente. Não atribuindo novas possibilidades que acarretassem esta intempérie, pois a mulher, até então, tinha sua vida baseada em casa, marido e família.

Em vista disto, questionamentos e comparações sobre a dona de casa e a operária são levantados ao referir-se à felicidade, assunto bastante recorrente na revista “Eu Sei Tudo”. A manutenção da condição condescendente ao homem como responsável pelo corpo social é um dos fatores que se encontram explanados em matérias, pois a palavra felicidade passa a ter significados diferentes para as mulheres, e o homem passa a querer intervir sobre o que deve ser a felicidade feminina. Não possuir felicidade plena se mostra identificada pela forma como a revista fazia a exposição das mulheres, o que vai ao encontro do que Scott (1990) coloca como ponto importante da presença feminina: “Para os/as historiadores/as das mulheres, não tem sido suficiente provar que as mulheres tiveram uma história, ou que elas participaram das principais revoltas políticas da civilização ocidental” (SCOTT. 1990 p.74).

O “Livro do Bebê¹⁰¹ - uma obra dedicada ao amor paterno”, e que segundo os editores, passaria os anos e os filhos se lembrariam dos feitos realizados pelo pai, como se fosse algo fraternal, amoroso e extremamente significativo. Compreende-se que, através da

¹⁰¹ O livro do Bebê foi anunciado em inúmeras edições da revista “Eu Sei Tudo” para que seus leitores pudessem adquiri-lo, na época, pelo valor de 8\$000.

aquisição do livro, mesmo não sendo uma assiduidade paterna efetiva, presente e participativa através do “Livro do Bebê” o filho, ao atingir certa idade, saberia da importância masculina que obtivera desde os seus primeiros dias. Entretanto, mesmo tomada à interpretação da época, os homens que fossem participativos eram tidos como ídolos e detentores do direito de possuir um livro que, no futuro, os pais poderiam mostrar o quão presente foram na criação dos filhos.

Como contraponto a esta aplicação da presença masculina nas relações que eram tidas como femininas, a revista mudava o teor de suas matérias conforme o interesse dos anunciantes e dos leitores mais assíduos. Os anúncios muitas vezes utilizavam-se das matérias para informar e aumentar a procura pelo produto, gerando um maior interesse de vincular notícias a um produto. O “Livro do Bebê”, figura 07, foi anunciado em mais de dez edições da revista “Eu Sei Tudo”, tendo sua primeira aparição no ano de 1917. Ao referir-se ao amor paterno, como forma de lembrança dos recém-nascidos aos acontecimentos que o pai se fez presente, relacionando a sentimentos de memória, saudosismo, bagagem sentimental, recordações, histórias e feitos realizados pelo sexo masculino na vida dos filhos.

A revista retratava a mulher como responsável pelos cuidados dos filhos, mas esta não encontrou em nenhuma das edições um produto como o “Livro do Bebê”, uma obra dedicada exclusivamente ao reforço da participação paterna na criação das crianças. Em análise, busca reforçar a importância que o homem dava a participar, em teoria, da criação dos filhos, como meio de fortificar sua importância nas lembranças. Isto ocorre por se tratar de uma criação doméstica da mulher frente à educação dos filhos, já o homem desejava mostrar sua presença, de alguma forma, na caminhada dos herdeiros. Assim, o livro seria uma forma de reforçar esta participação, mesmo que não ocorrendo de fato, para então reforçar a ideia do patriarcado como estilo de vida a ser seguido e aplicado. A constante utilização de repetição, a comercialização e a própria linguagem afetiva retratada na publicação eram importantes na fixação destes ideais patriarcais na sociedade.

Neste ponto, a análise do “Livro do Bebê” se baseia no que Calonga¹⁰² (2012) coloca como “fonte documental de aplicação e ênfase do discurso”. Pois o agente histórico oferece grande influência na propagação das ideias presentes na linguagem do produto, assim fomenta-se a necessidade de possuir, pois através dele se reforça o conceito de participação na iniciação da vida dos filhos. O objetivo da Editora Americana, ao comercializar o livro, era de expor conteúdos que influenciassem a sociedade da época a adquirir o produto e ainda crer, de

¹⁰² Ver: CALONGA. Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? Universidade Federal de Dourados – MS. 2012.

fato, na presença paterna na educação e na rotina dos filhos¹⁰³ ao exaltar, por exemplo, “a recordação emocionante dos primeiros anos de vida”, “O documento que cada pai deve querer legar a seus filhos”, e tantas outras afirmações que aplicam a participação paterna na vida dos filhos (LIVRO DO BEBÊ, 1918. p.01).

A utilização da revista ilustrada “Eu Sei Tudo” através do anúncio do “Livro do Bebê”, auxilia na percepção de uma característica muito significativa relacionada a um marcador de classe social: são conteúdos que buscavam agradar a elite brasileira, influenciando de maneira positiva, ou seja, o que os leitores gostariam ou já esperavam encontrar em suas páginas. A própria composição do periódico possibilita perceber o reforço das ideias refletidas nos costumes europeizados e que costumavam ser adotados pelas elites na sociedade brasileira, mesmo que não condizente com sua cultura.

¹⁰³ É necessário ressaltar que alguns pais eram presentes na educação e no desenvolvimento dos filhos, toda via, a grande maioria das atividades relacionadas à família e a aos filhos cabia a mulher, e é este ponto que é levantado no presente trabalho.

Figura 6 - Anúncio do “Livro do Bebê” que fez parte da edição 011 de abril de 1918

UMA GRANDE NOVIDADE LITERARIA

O LIVRO DE BÉBÉ

UMA OBRA DEDICADA AO AMOR PATERNO

— Tendes filhos? — Compre “O Livro de Bébé”

O QUE É “O LIVRO DE BÉBÉ”?

O archivo dos acontecimentos que compõem a historia encantadora da infancia;

O documento que cada pae deve querer legar a seus filhos;

A recordação emocionante dos primeiros annos da vida;

O livro de memorias do amor paterno!

Em luxuoso formato in-folio, com bellissima capa em percalina, illustrações coloridas de D. Raquel Gameiro Ottolini, e deliciosos commentarios em verso pelo poeta Delfim Guimarães, O LIVRO DE BÉBÉ destina-se a ser o diario da vida da criança, desde o nascimento, e onde os paes vão inscrevendo todas as phases da existencia infantil de seus filhos, até á primeira lição de leitura. Assim, a primeira pagina é destinada á inscripção do nascimento, filiação, data, etc. e será assignada pela mãe e pelo pae. Seguem-se a tabela para a pesagem da criança até ao 12.º mez; a pagina em que se inscreverá a data do primeiro passo; o assento de baptismo; a data do primeiro sorriso; do apparecimento do primeiro dente; da vaccinação; dos primeiros passos; da primeira palavra; a pagina em que será consignada a data em que foi balbuçada a primeira oração; as molduras para os primeiros retratos, etc. etc.

Cada uma das paginas d’O Livro de Bébé é artisticamente illustrada com uma formosa composição colorida e acompanhada de uma poesia allusiva ao assumpto.

O Livro de Bébé constitue o mais lindo presente do padrinho ao seu afilhado. Em cada familia, O Livro de Bébé representará uma reliquia, e, mais tarde, para cada pessoa, a recordação do amor paterno e a historia documentada da sua infancia.

O volume, formato album, luxuosamente encadernado e impresso a côres, profusamente illustrado **8\$000**

Pedidos á **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
12 - Praça Gonçalves Dias - 12
RIO DE JANEIRO

Fonte: EU SEI TUDO, edição 011, 1918, p. 01.

2.2.1 Maternidade e Casamento

A revista “Eu Sei Tudo” possuía seus objetivos voltados a veicular a informação para toda a família, isso se comprovava pelo conteúdo das matérias que traziam além de notícias, dicas de vestimenta, acessórios, culinária, esportes, desenhos e a cultura, de modo a abarcar a

família na sua formação tradicional: pai, mãe, filhos. Na primeira edição analisada, a de número 08 de 1918 do mês de janeiro, por exemplo, foi possível identificar o total de dezoito (18) matérias que envolviam a mulher, direta ou indiretamente, a contar de propagandas, matérias nacionais ou internacionais.

Os jornais e revistas que antes direcionavam suas matérias para um determinado público, começavam, no período Entreguerras, a explorar novos assuntos, colocando a mulher como importante membro da sociedade para além do espaço familiar, ainda que, via de regra, a associação da figura da mulher ao espaço da família, ao mundo doméstico e privado se mantivesse predominante. Michele Perrot (2005) já dissertava que a mulher tinha sua educação voltada à família e que seus escritos e leituras deveriam ser voltados aos chamados “bons costumes” e a sua linhagem de modo a serem valorizados.

O uso [da escrita], essencial, repousa sobre o seu grau de alfabetização e o tipo descrita que lhes é concedido. Inicialmente isoladas na escrita privada e familiar, autorizadas a formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...), elas se apropriaram progressivamente de todos os campos da comunicação e da criação: poesia, romance sobretudo, história às vezes, ciência e filosofia mais dificilmente. Debates e combates balizam estas travessias de uma fronteira que tende a se reconstituir, mudando de lugar (2005, p.13).

Um exemplo em que se observava o direcionamento da revista “Eu Sei Tudo” para a mulher na categoria família é a presença de matérias, na edição supracitada de 1918, 008, na qual as mulheres apareciam retratadas como vaidosas, carentes e que desejavam maior destaque como um possível auxílio do homem. Todavia, a edição chama atenção para a matéria das páginas 65 e 66 intitulada “Como as mães carregavam os filhos”. De forma a valorizar os laços afetivos entre mães e filhos, a matéria visava os cuidados e a proximidade entre os modos como se carregavam as crianças e a relação de seus aspectos históricos. Assim, o que chama a atenção é a forma como a matéria aplicou a ideia de a mulher já nascer sabendo ser mãe, sendo preparada desde cedo para acalentar em seu colo os filhos, e, deste modo, ser a responsável por carregá-los ao longo da história¹⁰⁴. Em parte da matéria abaixo é possível identificar, tanto pela escrita quanto pelas imagens, a necessidade em mostrar o quanto seria antiga a relação da mãe para com o filho. Isso se mostra como uma estratégia que visava reforçar que a mulher tinha a família como o bem mais precioso, associando os ideais femininos com indivíduos familiares preocupados no que diz respeito ao lar parental.

¹⁰⁴ Ao longo da história se refere a matéria que coloca como exemplos de mulheres carregando os filhos desde as épocas mais longínquas, períodos nômades, outras culturas, como ainda, diferenciando-se uma das outras, sem deixar de leva-los, independe de suas origens.

Figura 7 - Matéria da edição 008 de 1918 a respeito da mulher e a relação com os filhos



Fonte: EU SEI TUDO, edição 08, 1918, p. 75.

Em edições posteriores, como por exemplo a de junho do ano de 1918, nº 013, uma matéria tratava sobre a idade correta da mulher para casar. Com o título “Qual o motivo que as mulheres nunca são idosas demais para casar” remetia a quebra da ideia pré-estabelecida sobre a necessidade de as moças casarem cedo com pouca idade. Dentro do texto o autor, que não é nomeado, coloca que tempos antes ao chegar aos 21 anos e não ter realizado um bom casamento arranjado, a mulher teria passado da idade própria para constituir família e, automaticamente, teria que viver sozinha, sem um marido, portanto, pelo resto de seus dias¹⁰⁵. A matéria buscou dissertar sobre outro viés, quebrando esta ideia da necessidade de casar cedo, citando “Hoje em dia o casamento precoce ou ainda até aquém dos considerados limites é mais uma exceção do que regra geral” (EU SEI TUDO, 1918, p.114). À vista disso, o número de casamentos “arranjados” também diminuiu, criando laços afetivos que se pode escolher o parceiro, a matéria exemplifica isto ao informar “(...) Outras vezes, o encontro só se dá em períodos mais tarde da vida”, indo ao encontro da questão relacionada à idade e aos casamentos efetivados por amor.

O que antes era algo aplicado pelo sistema patriarcal como sinônimo de matrimônio, passava, pouco a pouco, a ser questionado, proporcionando à mulher uma maior autonomia na formação da família. A revista satiriza, nesse sentido, o enlace matrimonial com charges que expunham mulheres mais novas junto de homens mais velhos. Ou, ainda, casamentos realizados por dotes, bens e desejo dos pais e da família como uma forma de questionamento

¹⁰⁵ Ocorrendo em culturas diferentes, pois a revista desenvolve matérias em amplo teor de culturas distintas.

a respeito do tema. Assim, o público leitor acaba absorvendo a temática de forma irônica a respeito dos antigos costumes, possibilitando a elaboração de um questionamento sobre essas condições

Outro exemplo é encontrado na edição 016 de setembro de 1918, na matéria “O propósito do casamento”. Ao referir-se, na época, à intenção do matrimônio, visava desenvolver ideias a respeito da união entre homens e mulheres. A matéria cita uma pesquisa que teria sido realizada por W. L. George¹⁰⁶ cujo tema era a felicidade dos indivíduos nos casamentos. Foram analisados 150 casos e apenas nove casais afirmaram ser felizes na relação, aplicando que uma das causas da infelicidade seria a relação com os filhos. O trecho selecionado abaixo auxilia na compreensão da matéria e do posicionamento da “Eu Sei Tudo” ao se tratar da categoria família:

Os filhos são elementos de união ou de desunião dos casaes. Influem sempre sobre as relações entre paes, mas nem sempre da mesma maneira. Ocupam um grande logar na casa: fazem barulho e o barulho ora agrada ora aborrece. Os paes dividem-se em duas categorias: os que gostam dos filhos e aquelles que os suportam simplesmente. Os homens em geral não gostem das criancinhas de collo, quando as mulheres preferem estas. Os nervos do homem fatigado não suportam os gritos dos filhos e não raro procuram o repouso nos ~clubes~ ou na rua. Por outro lado o homem que presenteou a mulher com tantas daquelas joias que envaideciam a mãe dos Gracchos não podem compreende o cansaço que demonstra a mulher á noite depois de haver durante o dia dado aos filhos uma dúzia de banhos e de refeições e respondido a uma centena de perguntas sobre os mais variados argumentos, desde a existência de Deus até o funcionamento de uma machina a vapor. Ella gosta muito dos filhos para atribuir-lhes o seu estado de irritabilidade nervosa. Dahi quem carrega as culpas é sempre o marido (EU SEI TUDO, 1918, p.75).

Ao final da matéria, o texto salienta que o casamento seria uma incógnita. Uma incógnita que geraria dúvidas que regulam uma ampla relação com os filhos. Ao mesmo tempo reforçam as ideias que consistem em ter a mulher como responsável pela família e seu desenvolvimento público e particular, ressaltando o perfil masculino como sem paciência para os filhos, voltados mais à rua, sem necessidade de aplicar o gosto pelos ensinamentos aos descendentes. Já a figura feminina foi tratada como amorosa, dedicada e atenciosa aos filhos, compensando a falta de participação dos homens.

Em suma, pode-se dizer que a escolha de *maternidade e casamento* como uma categoria nesta pesquisa sintetiza, os seguintes questionamentos centrais: Quem fala? A revista “Eu Sei Tudo”. Para dizer o quê? Para informar sobre a relação da mulher referente

¹⁰⁶ Walter Lionel George foi um escritor inglês (1882-1926) que escreveu sobre diversos temas, que incluem ficção popular, temas feministas, de trabalho, relacionamento como outros temas. Era bastante comum encontrar textos de W. L. George em revistas que circulavam pelo mundo, utilizado como referência em algumas matérias da revista “Eu Sei Tudo”.

aos atos direcionados à família. Para quem fala? A população brasileira que lia a revista “Eu Sei Tudo”. De que modo é dito ao público? Por meio de matérias informativas e alusivas a temas/assuntos polêmicos que pudessem gerar algum tipo de curiosidade no público leitor em geral. Qual a finalidade? De explicar a figura da mulher como importante membro da sociedade frente à temática familiar¹⁰⁷.

2.2.2 Aparência e Vaidade

A revista “Eu Sei Tudo”, em suas tantas edições, trouxe a mulher como figura central das capas como forma de chamar a atenção de ambos os públicos para a compra¹⁰⁸. Em suas capas, colocava as chamadas dos conteúdos presentes no periódico, assim os leitores tinham ideia e, comercialmente falando, maior vontade de adquirir o produto. As capas¹⁰⁹ por si só já contam histórias, e possuem espaço figurativo bastante significativo na revista. São inúmeras as pessoas que passaram a colecionar e organizar acervos próprios da revista. Não só compravam, portanto, os produtos anunciados, como visitavam os locais aos quais as matérias se referiam, buscando decorar suas casas conforme as novelas e os livros retratados. Defendiam ou se opunham aos partidos citados. Escolhiam lado nas guerras. Definiam um padrão de beleza. Tudo isso passava, gradualmente, a formar a opinião do público leitor conforme a visão do editorial.

Expor mulheres em capas e nos conteúdos variados da revista passou a ser considerado um meio de inserção social. Passou-se a observar quando mulheres figuravam em colunas específicas, em diversas áreas, especialmente quando relacionadas à beleza, culinária, vestimenta e vaidade. Coluna como “Dedos de fada”, “Educação feminina”, “A arte de ser bela”, “Cantenho de uma gulosa”, “Mulheres notáveis”, “Tipos de beleza”, “A educação da mulher moderna”, “Economia doméstica”, “A evolução feminina”, “A mulher e os esportes”, “Concursos de beleza” e tantas outras, refletiam e tratavam de aplicar o perfil principal que essa categoria busca exemplificar: de mulheres vaidosas, bonitas, educadas, voltadas aos lares, com dotes culinários, saibam bordar e ainda tenham conhecimentos sobre a sociedade atual.

¹⁰⁷Esta classificação se baseia numa definição original de Lasswell (1987), ver: LASSWELL, H. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, G (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

¹⁰⁸ Ver: CARVALHO, Fabio Reynol de. **Ciência de Almanaque**: como as imagens de Eu Sei Tudo construíram uma guerra. Campinas, SP: 2011.

¹⁰⁹ Durante a edição de 1918 aconteceu um concurso de capas no mês de outubro.

Este delineamento explana a necessidade que as mídias em geral buscavam em adotar padrões e tornar a mulher algo exemplar, seguindo ideias que fossem coniventes com os costumes da época e, assim, comercializar os produtos que se encontravam na revista “Eu Sei Tudo”. Isso é percebido ao observar em um vasto número de edições, com chapéus, bolsas, vestidos, espartilhos, sapatos e tudo que era relacionado à vaidade feminina. Muitos dos artigos escritos seguiam o estilo descritivo em relação ao caráter normativo, atrelando a figura da mulher a assuntos como casamento, família, corpo, beleza, infância e bons costumes. Isso ocorria devido a necessidade de construir saberes condizentes com a época. A parte científica não era explorada, a intenção era usar as informações em prol do consumismo.

A relação com o sexo também passou a ganhar espaço no contexto Entreguerras. Martin (2006)¹¹⁰ cita a hierarquia e a desigualdade que são carregados os corpos, neste ponto não somente o ato sexual, mas as constantes diferenças aplicadas à força e à forma física de homens e mulheres. O autor ainda afirma que a temática gênero-sexo não é utilizada e nem adota a mesma importância para homens e mulheres. Esta questão foi bastante abordada na “Eu Sei Tudo” quando a revista tratou de concursos de beleza. A observação se dá por encontrarem-se diversos concursos, dos mais variados a respeito da beleza feminina, dos pés até os penteados de cabelos, todos muito valorizados pelo magazine. A própria revista criou um concurso no ano de 1923, na edição 79.

As páginas da revista regularmente retratavam as mulheres afluindo o lado vaidoso e a suas variadas venustidades, para exaltar o padrão de beleza da sociedade se avilta o que não condiz com a feição desejada. Um exemplo encontrado na “Eu Sei Tudo” do ano de 1924, edição 87, página 69, com o título “Para não ser feia”, informa e exemplifica maneiras de auxiliar a mulher a não ser desprovida de beleza. O que chama a atenção é a temática voltada tanto para a questão da beleza física como a personalidade, no trecho abaixo observam-se temáticas como ciúme, orgulho, ódio, rancor e egoísmo. “O ódio, o rancor, um mau pensamento desfiguram a face, como faria uma tintura horrenda. Tudo isso afasta de nós almas. Ao passo que a doce quietude, o desejo sincero da felicidade dos outros, ah! Com que doçura nos atrai!” (EU SEI TUDO, 1924, p.69).

Completando:

A vaidade, o orgulho e o egoísmo são inimigos da beleza. Um pensamento orgulhoso ou mesquinho que nos invade o espírito, lança sobre nossa fisionomia uma sombra avilante. Um dos mais temíveis d’esses vitriolos espirituais, que desfiguram homens e mulheres, é o ciúme. O ciúme nada tem a ver com o amor; é o egoísmo exasperado.

¹¹⁰ MARTIN, Emily. **A mulher no corpo**: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

Se pudessem calcular a deformação que esse sentimento traz áphysionomia, haviam de repelir-o com horror. Enternecer-se sobre si mesmo é igualmente destruir a beleza. Se os que lastimam a própria sorte soubessem como se tornam repelentes! (EU SEI TUDO, 1924, p.69).

Dando sequência ao assunto relacionado à beleza e paradigmas determinados, encontra-se na edição de 1921, 64, página 53, intitulava-se “A mulher mais feia do mundo”, descrevia e expunha a imagem de uma mulher, conhecida como Duquesa Margarida de Coríntia que viveu na Inglaterra no século IV.

Figura 8 - “A mulher mais feia do mundo”, exposta na edição de 1921



Fonte: EU SEI TUDO, edição 46 1921, p. 53.

Mesmo se tratando de uma matéria de referência à uma figura que não está presente no cotidiano da época de circulação da revista, 1921, a matéria enfatizava a falta de beleza de uma mulher. O texto utilizou-se de palavras que difamavam a imagem como horrenda e feia, tendo em vista exemplificar o que não seria considerado belo ou bonito em relação às mulheres. A imagem serve para completar o texto. A revista exaltava a mulher em alguns

aspectos, como conquistas, expansão feminista¹¹¹, trabalho e áreas que envolvessem o espaço reservado à beleza e à vaidade. Porém acaba aplicando um perfil feminino empregado por terceiros e que acabava por criar uma linha de costumes a serem adotados.

Nesta mesma linha e no mesmo ano, na edição 050 do mês de julho, e em um vasto número de edições uma seção com o título de “Tipos de beleza”, informava por meio de imagens com mulheres brasileiras e estrangeiras os modelos de belezas que deveriam ser apreciados e seguidos:

Figura 9 - Tipos de Beleza



Fonte: EU SEI TUDO, edição 50, 1921, p. 15.

As edições anteriores e mesmo posteriores traziam mais mulheres com tipos de belezas a serem admirados pelos leitores. Curiosamente, após as edições de 1921 e 1922, a coluna não se encontrava mais presente, informações a respeito de vaidades em geral

¹¹¹ O presente trabalho desenvolve, nas páginas seguintes, uma categoria específica a respeito da expansão feminista.

continuaram a ser perpassadas ao público, porém juntamente a outros assuntos, como um alto número de matérias a respeito do crescimento do movimento feminista¹¹².

Seguindo as ideias aplicadas na categoria *vida social e vaidade*, constata-se que os temas passam a ser expostos de maneira mais direta, informativa e sem filtros. Isto ocorre por meio da verificação das fontes da revista “Eu Sei Tudo”. Seus assuntos passaram a caracterizar a figura da mulher tendo por base as noções de fisionomia, estrutura corporal, costumes, dotes, vestimenta e educação. O termo feiura é utilizado como uma característica que define a mulher. Ou a mulher possui as características que a sociedade aplica como padrão de beleza; ou ela faz parte do grupo das satirizadas e que precisam utilizar-se de outros métodos para estar dentro do grupo feminino de destaque.

Matérias como a da edição de 1919 números 028, página 100, é exemplar de que em determinados momentos históricos a beleza pode se tornar o ponto chave de debates e conversas. Intitulada “De noite não existe mulher feia”, o texto reafirma que beleza e feiura são pautas que geram o interesse do público. A matéria exemplifica determinadas ideias de ser a mulher apenas citada como feia e que o horário – noite ou dia, escuro ou claro – é capaz de modificar o pensamento e a visão sobre um indivíduo (nesse caso a mulher), fazendo referência a diminuição de luz e que, respectivamente, acaba por não mostrar com destaque a aparência das mulheres.

O ditado conhecido desde a antiguidade grega “Quando se tira a lâmpada, as mulheres não diferem uma das outras” (EU SEI TUDO, 1919, p.100) é utilizado para colocar a mulher de forma paradoxal, induzindo o leitor a entender que tanto o amor como a escuridão são capazes de tornar qualquer mulher atraente, mesmo que esta não seja considerada.

Identificar que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza, performance e sexualidade são construções históricas que, em diferentes tempos e culturas foram associadas aos homens e/ou às mulheres, produzindo, ainda, representações de masculinidades e feminilidades” (GOELLNER, 2007, p.183).

Scott (1995) enaltece que o debate de gênero é uma importante ferramenta para compreender os fatos históricos, relacionado neste ponto a categoria de vaidade e beleza, mesmo que na época da revista estas discussões estejam apenas em seu princípio. As ligações sociais identificadas nas matérias são percebidas como relações de poderes aplicadas entre os

¹¹² Não é possível identificar pela revista “Eu Sei Tudo”, se a diminuição de matérias femininas tem relação direta com o desenvolvimento do movimento feminista que buscava explicar outras áreas e temas. Todavia, é uma constatação de análise da autora do presente trabalho, pois ao observar as revistas, detalhadamente, percebe-se uma mudança na forma de informação para as mulheres. Os temas femininos continuaram presentes, porém abrem espaços para as asserções feministas que também geravam interesse do público.

sexos e que norteiam o caminho da sociedade em relação aos costumes empregados tanto no ambiente da vida social das mulheres, como no mais íntimo de sua vida privada.

Belo, bonito, beleza... Todas as palavras têm uma história; são diversos os símbolos, significados e interpretações que recaem sobre certos conceitos e relações. Ficar alheio a tal caráter social e historicamente elaborado pode se constituir num grande erro ao se trabalhar com o conceito de gênero, cujo ponto chave é fugir de explicações acerca das desigualdades fundamentadas nas diferenças físicas e biológicas, concentrando-se no seu caráter social, histórico e político (NICHOLSON, 2000 citado por VIANNA & UNBENHAUM, 2004; SCOTT, 1995).

Complementando a ideia de Scott (1995), a revista “Eu Sei Tudo” traz um comparativo da mulher de hoje, no caso a de 1924, para com a mulher do passado. A edição analisada se encontra na revista 085 e confronta, já no título, o presente e o passado da figura feminina “Mulheres de ontem e de hoje”. Em um primeiro momento defronta as mulheres dos dias atuais com suas avós, com argumentos que conduzem o diálogo da matéria em fatores que incentivam as mulheres de hoje, como também saúdam as mulheres de antigamente. Elementos como roupas, citadas até como “vestimenta de modo racional”, enfatiza a diminuição dos tamanhos e até a masculinização, por meio de calças e camisas mais largas, outros dois aspectos apresentados são os cortes de cabelos e o hábito de fumar. Em relação aos penteados, não somente nesta matéria como em um considerável número de edições, a revista “Eu Sei Tudo” informava ao público as modas que faziam a cabeça da população mundial, exaltando os cortes de cabelo e utensílios utilizados, criticava as antigas modas do século XIV. Desta forma se fortificava a beleza atual, deixando como retrógrada e desatualizada as modas das mulheres antecessoras. Na mesma linha de presente/passado, de modo comparativo, cita-se um tema polêmico, o cigarro, e a utilização deste¹¹³ completa a ideia de vaidade, pois nos anos aqui retratados o tabagismo era sinônimo de ascensão social, sendo algo comum ao ser consumido por homens que possuíam importância na sociedade.

De forma a desconstruir o estereótipo criado da mulher para com o cigarro¹¹⁴, este produto passa a ser utilizado nas páginas da revista “Eu Sei Tudo”, ora com imagens de atrizes famosas fumando, outras com matérias alusivas à mudança de antigos hábitos que antes eram tidos como pejorativos e masculinos. Dito isso, a análise da categoria vaidade se

¹¹³ Desde o início da ocupação europeia em 1498, na América, o tabaco passou a fazer parte da vida dos indivíduos, tanto em menções publicitárias como no cinema e nas guerras como produto indispensável e lucrativo. A introdução da mulher a comercialização e consumo de cigarro está amplamente ligado a Primeira Guerra Mundial e a entrada de forma mais concreta no mercado de trabalho, vindo a ter marcas direcionadas exclusivamente para uso feminino. Em um primeiro momento o cigarro ao ser utilizado por mulheres era rotulado como, segundo Haglund (2000) era associada à falta de moral, à pornografia e à prostituição.

¹¹⁴ O cigarro era algo voltado ao público masculino, por isso é levantada a hipótese de quebra de estereótipos, tanto na análise aqui exposta, como nas revistas, voltada a comercialização do produto.

aplica a duas matérias específicas e que chama a atenção, uma com a figura 11, que se utiliza de figuras importantes do ramo artístico e do cigarro como reforço dos novos costumes da sociedade. Na imagem abaixo¹¹⁵ pode-se observar uma figura importante da época, Glasys Cooper, miss e atriz inglesa, fumando cachimbo enquanto é fotografada. Por meio de pequenas imagens e publicações que mostravam famosos utilizando o cigarro (ou cachimbo), passa-se a relacionar o mesmo com elegância, status, vaidade e ascensão social.

Figura 10 - Atrizes fumando



Fonte: EU SEI TUDO, edição 66, 1922, p. 28.

No ano de 1925, na edição 094 do mês de março, a revista trouxe a matéria com o título “O direito às calças e a o cigarro”, após o governador de Wisconsin, nos Estados Unidos sancionar uma lei que permitia a mulher os mesmos direitos que os homens ao se tratar de calças e cigarros “Se vestirem como os homens, e como elles, fumar se assim o desejarem” (EU SEI TUDO, 1925, p.53). O notável da matéria é a comparação de um acessório, como no caso de uma calça, ser considerado uma vestimenta masculina, atrelado ao consumo de cigarro, vindo a ser legalizado de forma equipolente apenas em 1925, para que as mulheres pudessem usufruir de ambos. Outra forma de compreender a figura da mulher na revista “Eu Sei Tudo” é analisar como o magazine tratou da vestimenta que as mulheres usavam e como os homens, criavam e arbitravam sobre esse tema.

¹¹⁵ Imagem retirada da edição 066 de novembro de 1922.

2.2.3 Vestimenta e forma física

A mulher brasileira foi frequentemente pré-julgada por ser considerada, dentre outros aspectos, resultado de uma mistura de culturas e possui inúmeras características que aos “olhos” do mundo são únicas. Os reflexos são encontrados nas informações que a revista repassava acerca da mulher, seja por sua vestimenta, forma física e também pelos modos como se porta.

Em termos metodológicos, a intenção de categorizar os temas vestimenta e forma física se deu pela constante presença nas matérias, mesmo que indiretamente. O público tinha curiosidade a respeito da moda que deveria seguir, por exemplo. Nas edições da “Eu Sei Tudo” pode ser encontrado esse registro voltado à consolidação da imagem da mulher através da observação de novos padrões da sociedade.

No moral, nunca desmente a Brasileira sua honrosa fama de modesta, o que mais resalta ainda quando a comparamos com o afan de ostentação por vezes exagerado, que domina o bello sexo de outros paizes do nosso continente. Há sempre nella intenso carinho por seus filhos e sua preocupação constante é dar ao esposo todo o cuidado que necessita. Ama com delírio amusica e a dança, sendo seus cantos muito sentimentaes e de infinita volupluousidade. Quando, nas noites de luar, cruzars a Bahia sempre tranquilla do Rio de Janeiro, ouvis canções tão melodiosas que mais parecem trino de aves do que cantares de ser humano (CARAS Y CARETAS, 1919 citado por EU SEI TUDO, 1919, p.78).

A citação exposta faz alusão à menção encontrada na revista Uruguia e Argentina, Caras y Caretas¹¹⁶ que coloca a visão da mulher brasileira sob a perspectiva do editorial de uma das revistas mais conhecidas da América do Sul. A revista “Eu Sei Tudo” cita um artigo publicado no mesmo período, em que a mulher brasileira aparecia referida a partir das características de boa esposa, cuidadosa, amorosa e voltada aos amparos que sua família precisa. Indo de encontro do retrato compreendido como o da mulher que mora no Brasil, as mulheres que consumiam os produtos da revista “Eu Sei Tudo” se viam como indivíduos a serem invejados por outros países. O trecho acaba por exaltar a figura e o caráter da mulher voltada ao lar e aos costumes patriarcais/tradicionais. A escrita referente à vestimenta se baseia em uma cronologia histórica do vestuário, fazendo menção às roupas utilizadas pelos homens ao longo da história, exaltando a perfeição com que estas vestem os homens

¹¹⁶ Revista semanal publicada tanto no Uruguai, de 1890 a 1897, como na Argentina de 1887 a 1941. Após um período sem publicações voltou a circular de 1982 a 2005. Com sua temática volta aos conhecimentos gerais, vinculava algumas informações a respeito dos países vizinhos, como no caso do Brasil. No ano de 2015 teve suas edições digitalizadas pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional da Espanha, estando disponível em: <http://hemerotecadigital.bne.es/details.vm?q=id:0004080157>. Acesso em 27 de nov. de 2019.

contemporâneos, mesmo quando relacionada ao passar do tempo e às mudanças de costumes, justificando essas assertivas a partir de pequenas mudanças biofísicas do sexo masculino. Se aos homens era reservada certa ideia de permanência, às mulheres coube a noção de mudança ao tratar das vestimentas. “As mulheres de hoje em não têm mais ombros estreitos e caídos; seus talhe se tornou mais robusto e em geral ellas são mais altas e fortes que as mulheres da Edade Média e Renascença” (EU SEI TUDO, 1934. p.93). O complemento da citação aqui referida se dá ao longo das demais colocações expostas pela revista, que aplicam ainda mais a ideia de que o homem se manteve forte e robusto ao longo dos tempos, algo que lhe facilitou a prática esportiva sem o atraso que a mulher teria sofrido, sobretudo pela demora de adaptação do corpo feminino.

Avançando na análise da revista, amparando-se nas afirmações de Pierre Bourdieu (2002)¹¹⁷ argumenta-se que gradualmente as mulheres foram rompendo as normas tradicionais que eram aplicadas a elas. O corpo foi e continua sendo algo não totalmente liberado, sendo este subordinado, via de regra, a partir do ponto de vista masculino. O período aqui evidenciado utiliza-se do corpo feminino enquanto meio de vinculação de informações, como pode ser demonstrado na alusão às roupas e à forma física relacionadas a determinados padrões.

Encontra-se uma numerosa quantidade de notícias e matérias que expõem a forma física da mulher como algo a ser debatido e avaliado pela opinião dos leitores, sendo julgada pelos editores da revista. Uma amostra aparece na edição 107 de 1926 do mês de abril com uma página direcionada ao peso, com a denominação “Para não ser obesa”.

¹¹⁷ O conceito utilizado aqui retorna a ideia de *habitus*, de Bourdieu, ao sistema de ações e disposições dos indivíduos que foram adquiridos com as experiências sociais, seja no material, simbólico ou cultural. Isto ocorre, principalmente, pela estrutura que os indivíduos estão inseridos sendo estes o estilo vida, os julgamentos, a moral, a estética, entre outros, que são constantemente expostos nas páginas da revista “Eu Sei Tudo”.

Figura 11 - Exercícios auxiliando para não engordar



Fonte: EU SEI TUDO, edição 107, 1926, p. 72.

De forma sucinta, a matéria em foco trouxe ao público imagens da atriz mexicana Julia Tendron demonstrando alguns exercícios que auxiliariam as mulheres a manter a forma física desejada, padronizada. Assim, o padrão a ser seguido caracterizava-se como sendo o de Júlia. Ao fomentar a ideia de “não ser obesa”, as leitoras e leitores veriam no exemplo, tanto em imagem quanto em texto, formas de colocar-se dentro do molde que a sociedade cinge. Com o objetivo de compreender o utópico presente na ideia de “sujeito mulher” e o papel que desenvolvia na sociedade, por meio de sua representação, nota-se que a revista “Eu Sei Tudo” normatiza o regime de padronização por meio da veiculação de um estereótipo específico. O discurso da revista, nesse sentido, tratou de reforçar as particularidades que pareciam mais convenientes tendo em vista estimular a sua comercialização e a dos produtos de sua publicidade. Bourdieu (2002) coloca que a aplicação de modelos, sejam eles físicos ou intelectuais, através de outra opinião que não a opinião do “sujeito mulher”, é considerada uma relação de poder.

Aos que objetariam que inúmeras mulheres romperam atualmente com as normas e formas tradicionais daquela contenção, apontando sua atual exibição controlada do corpo continua, de forma bastante evidente, subordinado ao ponto de vista masculino (como bem se vê no uso que a publicidade faz da mulher ainda hoje, na França, após meio século de feminismo): o corpo feminino, ao mesmo tempo oferecido e recusado, manifesta a disponibilidade simbólica que, como demonstraram inúmeros trabalhos feministas, convém à mulher, e que combina um

poder de atração e de sedução conhecido e reconhecido por todos, homens ou mulheres, e adequado a honrar os homens de quem ela depende ou aos quais está ligada, com um dever de recusa seletiva que acrescenta, ao efeito de “consumo ostentatório”, o preço da exclusividade (BOURDIEU, 2002, p.20-21).

Bourdieu (2002) demonstra como homens e mulheres são diferenciados por, em sequência, lado exterior e lado úmido. O exterior consiste no público, com direitos, seco, alto, sem continuidade, voltado a ações de efeitos como guerras, aplicados à lavoura como responsáveis e donos das atitudes. Já a mulher é o interior, baixo, doméstico, invisível e considerado até vergonhoso: “(...) que elas estão destinadas ao abaixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc” (BOURDIEU, 2002, p.21). O sociólogo francês exemplifica e caracteriza atos e características que a sociedade impõe à mulher e os reproduz através dos tempos.

A revista “Eu Sei Tudo” incorpora em suas páginas o discurso patriarcal que o corpo social então vigente acaba por desenvolver, reproduzir e reforçar. Ao se tratar da forma física, por exemplo, os textos acabam por estabelecer diferenças entre homens e mulheres, exposto com charges que mostram homens acima do peso, perto de mulheres magras. Só a mulher não tem a permissão para engordar, em síntese. Ao homem isso parece suficientemente aceito e permitido. A revista traz matérias e outros textos contando com termos como “O terror de engordar” (1926, edição 106 de março), “Para emagrecer” (1928, edição de 128 de janeiro), “Beleza padrão” (1930, edição 159 de agosto), “Onde está a beleza feminina?” (1931, edição 167 de abril), como tantas outras. o teor das matérias revela, em boa parte, um reflexo da sociedade em geral, ora exaltando a força que a mulher estava alcançando, ora fomentando o julgamento frente a roupas e forma física.

[...] revistas representam épocas. [...] só funcionam em perfeita sintonia com seu tempo. Por isso, dá pra compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizaram grupos de pessoas (SCALZO, 2003, p.16).

Isto ocorre por se tratar de um momento em que o capitalismo crescia e levava consigo a necessidade de comercialização de informações. A mulher, por estar sempre em transformação, torna-se o alvo das publicidades em geral, como no caso da edição de 1933, número 188 de janeiro. Um concurso de beleza que avaliava o corpo da mulher. Para que os juízes não fossem influenciados pelo rosto e apenas julgassem os corpos, as candidatas desfilarão com máscaras de tecido no rosto para “garantir a imparcialidade”, O concurso foi realizado na Inglaterra e contou com um grande número de concorrentes.

Figura 12 - Candidatas ao concurso que avaliaria o corpo mais bonito



Fonte: EU SEI TUDO, edição 188, 1933, p. 85.

A publicação surge como uma informação referente a mais um dos tantos concursos de beleza que ocorrem pelo mundo, todavia, reforça-se o que a autora Sullerot (1969) chama de “a mulher puramente tida como objeto”, exposta com o corpo sendo julgada pela sua forma física. O padrão de beleza é algo que se faz presente diariamente na revista, mesmo ela emitindo informações e ações do movimento feminista, compreende-se que a revista busca atingir o interesse pelo feminino por meio dos concursos, que consistia em um dos assuntos de grande movimentação feminina. Para Lopes (2015) a “Eu Sei Tudo” era um exemplo de como a propaganda possuía um cunho importantíssimo na comercialização dos produtos: “[...] a propaganda comercial tem como função mostrar o produto de forma esteticamente agradável, incitando o desejo do possível consumidor. Para isso utiliza, com frequência, elementos verbais e textuais para compor a mensagem” (LOPES, 2015, p. 284)

Como complemento ao que afirmara Lopes, Sasaki (2011) pontua o momento importante representado pelo período Entreguerras que formenta e reforça a comercialização de produtos em geral, sobretudo voltados à mulher. A publicidade é a responsável por alavancar este meio:

No contexto de seus aparecimentos, as publicidades evidenciam construções de identidades através do consumo, onde ter também significa ser, demarcando-se claramente os modelos inseridos socialmente como padrões esperados pela cultura vigente. Voltados para a higiene, cosmética, comportamento e hábitos, as publicidades veiculadas vão muito além do consumo, produzindo percepções e guiando condutas sociais. Assim, através das diferenciações das publicidades entre as décadas abordadas, é possível analisar os interesses por parte da produção do periódico, bem como as modificações dos discursos em relação ao tempo, construídos a partir da veiculação e repetição de produtos que, conforme os discursos, também necessitam de certa conduta esperada em seus usos. As ideias de desenvolvimento e modernidade ficam marcadas na maior parte das publicidades veiculadas. Novos produtos são apresentados, oferecidos para serem consumidos de acordo com as novas realidades cada vez mais presentes nesses (SASAKI, 2011, p. 99).

As roupas são outro fator determinante e encontrado de forma recorrente nas matérias no período aqui analisado. A conquista pelo direito de usar calças, medidas frente às roupas de banho, vestidos mais decotados, saias, blusas e fantasias proporcionaram uma variedade de notícias que chamavam a atenção do público. Isto ocorre de dois modos: tanto para ficar a par das novidades e tendências do Brasil e do mundo; quanto para, de certa forma, polemizar ao comentar sobre calças, vestimenta que era de uso masculino e que naquele cenário já poderia ser utilizada por mulheres. A temática é, de fato, ampla, polêmica e cria gatilhos para discussões tanto no campo feminino como no feminista.

O exemplo de como a categoria vestimenta era algo de destaque na revista “Eu Sei Tudo” pode ser identificado pela cronologia que a revista construía no que diz respeito às mudanças nas formas de vestir. Foi bem frequente encontrar durante a pesquisa, nas páginas da revista, informações sobre a mudança das roupas femininas, de trajes a rigor até roupas de banho. À vista disto, o humor por meio de charges utilizava-se das roupas para acirrar a temática feminino/feminismo e questionar até que ponto a mulher tinha autonomia em suas roupas. O desenho abaixo satiriza a troca de papéis: a mulher vestindo calças e sendo o homem em seu casamento e o homem de vestido e sendo a noiva. O objetivo era buscar gerar a discussão do aumento da liberdade de escolha da mulher, tanto no que diz respeito à escolha da roupa, como do parceiro e até mesmo da vontade ou não de realizar o matrimônio.

Figura 13 - A inversão dos papéis um casamento polêmico



Fonte: EU SEI TUDO, edição 105, 1926, p. 47.

A charge expressa o reflexo do pensamento da época. Lutas e conquistas femininas são ironizadas. Isto ocorria pela falta de informações e as constantes mudanças de uma geração para a outra, a quantidade de tecido diminuía, mas, ao mesmo tempo, passou a se usar calças e fardas. O corpo continua sendo um paradigma que pertence a mulher, mas confere as opções de julgamentos de outros indivíduos, da mesma forma que o peso é taxado e medido para combinar com as tendências mundiais que influenciam o nacional. Cabelo, vestimenta e manequim são assuntos assíduos nas páginas da revista “Eu Sei Tudo”. Geram um conjunto de futuras novas informações, abrindo, inclusive, a publicidade e os anúncios para mais leitores e leitoras, como também, em consequência, o aumento da circulação da revista. Mesmo que estivessem apresentados em tom de humor, os assuntos emergem de forma histórica, embora não recebendo a devida importância, a menção ao tema se faz presente como poucas vezes e, porventura, nunca antes falada.

Inicia-se um momento de progresso da mulher como sujeito pertencente à sociedade, esferas como o trabalho¹¹⁸, escolha de parceiro, divórcio, família, vida sexual, imagem, afirmação social tornavam-se temas a serem debatidos. As revistas tiveram, então, papel destacado na vinculação de inúmeros fatores que ajudam na consolidação da figura feminina de modo mais amplo. Na revista “Eu Sei Tudo”, isso pode ser demonstrado a partir das categorias de análise escolhidas que denotam pontos estruturais de sua visão de mundo, de suas intenções, ou seja, de como, afinal, representavam a figura da mulher em suas páginas no período Entreguerras.

2.2.4 Trabalho

A categoria *trabalho* se mostra um campo em constante desenvolvimento e que gera diversas indagações devido à falta de informações e bagagem historiográfica atrelada a inferioridade da mulher neste meio. A revista “Eu Sei Tudo” aplica a temática do trabalho em suas matérias e notícias de forma bastante direta e constante. São encontradas, assim, diversas informações sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho. Em suas páginas, a figura feminina agora seria encontrada fora dos lares. Pode-se dizer que as guerras (1914-1918 e 1939-1945) foram fator determinante na fixação da mulher no mercado de trabalho.

Os pontos ocorrem por dois caminhos, um relacionado à participação da mulher no meio de um campo antes dominado pelo sexo masculino e outro de exploração e dominação que tonificaram a desigualdade. Dentro desta perspectiva, a representação do masculino e do feminino é associada a transformações, pois a cada época novos costumes são adquiridos e os papéis sociais e sexuais também tendem a se transformar, sobretudo pela relação estabelecida entre avanços tecnológicos e mudanças histórico-culturais.

A revista “Eu Sei Tudo” ortografava a categoria trabalho de duas formas: mostrando o homem em suas funções na sociedade, como membro ativo e detentor dos atos no mercado de trabalho; e a mulher adentrando a este meio, tendo os trabalhos do lar para conciliar. Ambos os sexos passavam, então, a dividir os trabalhos fora e dentro de casa, diferenciados por atitudes, crenças e códigos na sociedade. Isto é, a concorrência aumenta, e profissões antes compreendidas apenas como parte do universo masculino, para homens, portanto, através da caracterização de objetos, lugares, condutas, biotipo, força física e influencia social, passavam, pouco a pouco, a serem associadas às mulheres, ainda que em comparação,

¹¹⁸ Essa categoria foi desenvolvida nas próximas seções deste mesmo capítulo.

permanecendo a relação da dominação masculino sobre o feminino, mudanças e permanências que se fazem presentes e que são encontradas recorrentemente nas notícias.

É evidente a relação do trabalho com o gênero e que ocorre pela aplicação das relações de poder existentes na sociedade. Scott (1986) disserta sobre a divisão sexual do trabalho¹¹⁹ em que a presença feminina é tratada pelo seu porte físico e não por sua capacidade, a autora coloca que esta relação está amplamente relacionada ao gênero e as características históricas empregadas a ele: “Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma maneira primordial [primaryway] de significar relações de poder” (SCOTT, 1986, p. 1067).

Retratar no início do século XX mulheres como responsáveis pelo trabalho masculino foi algo significativo e importante na conquista por espaço na sociedade. É necessária uma observação dos magazines pela historiografia feminista. É preciso perscrutar a forma como essas revistas divulgavam as notícias e tratavam de temas sobre a presença feminina frente ao tempo também para vislumbrar qual é medida do avanço das conquistas feministas em expansão com a sociedade ao longo do século XX que partia (e ainda parte) do homem como principal membro social.

Identificam-se menções a inúmeras profissões até então dominadas pelo sexo masculino, algumas delas nem possuem o gênero feminino como exemplificação, pois até então só homens realizavam este trabalho. Podem-se citar mulher como inaugural de áreas como torreira (edição 128, pg.106 de 1928), pregadoras (edição 130, pg.34 de 1928), taxidermista (edição 130, pg.69 de 1928), inspetora, policiais, gerente (edição 130, pg. 23,38 e 50, respectivamente, de 1930), piratas (edição 132, pg. 24 de 1933), e tantas outras que são citadas ao longo da circulação da revista “Eu Sei Tudo”.

A contar da primeira edição analisada, do ano de 1918 até a final, de 1939, encontram-se consideráveis números de matérias expondo a presença feminina no mercado de trabalho. A constatação de mais de uma notícia evidenciando a mulher como importante membro social frente à categoria trabalho é identificada de diferentes aspectos, ora se coloca a mulher como importante indivíduo atuante, ora como mera necessidade de substituição masculina nos serviços em geral. Na edição de 09 de 1918, um exemplo encontrado é a matéria que inicia os debates a frente do trabalho feminino, com o título “O trabalho feminino no mundo”, na

¹¹⁹ A divisão sexual do trabalho consiste em um termo empregado para as diferentes tarefas realizadas por homens e mulheres referentes ao sexo biológico. É uma caracterização do homem para indústria, agricultura, empreendimentos e política, e a mulher para o lar e os afazeres que se relacionem a este campo, desvalorizando historicamente a presença feminina no mercado de trabalho. Para maiores informações ver: GUEDES, M. C.; ARAÚJO, C. Desigualdades de gênero, família e trabalho: mudanças e permanências no cenário brasileiro. **Revista Gênero**, v.12, p.61-79, 2011.

página 137, o tema passa a ser abordado de uma maneira mais evasiva, expondo como a mulher possuía a capacidade de realizar tarefas que não eram somente voltadas ao lar, com potencial a executar atividades que envolviam eletricidade, marcenaria, pilotagem de navios, trens, aviões e demais veículos que pudessem ser úteis para a sociedade. A imagem abaixo mostra duas mulheres na realização das atividades citadas:

Figura 14 - Mulheres realizando trabalhos que antes eram tido como masculinos



Fonte: EU SEI TUDO, edição 09, 1918, p. 37.

E ainda, no mesmo ano, porém na edição 012 e na página 59, o intelectual feminino é colocado em pauta e como importante informação a ser conhecida pelas leitoras e leitores, com a inscrição “O título de doutora”¹²⁰.

O título de doutora não é tão novo como se pensa. Em 1733, Laura Bassy de Bolonha, obteve o seu diploma de doutora em physica e o próprio papa Benedicto XIX a nomeou professora. Fez conferencias muito concorridas, e não deicou por isso de ser uma dona de casa exemplar. Casou com um medico chamado Verrati, e deu-lhe onze filhos, que educou com o maior cuidado. Por essa época houve, também como doutoras, Maria Agnesi, professe de mathematicas na universidade de Bolonha: Helena Piscopia, professora de philosophia em Padua e Novella d’Andrea, que professou direito canônico (EU SEI TUDO, 1918, p.59).

¹²⁰ O termo doutor é utilizado desde a antiguidade e vem do latino doctor, oris (‘preceptor, mestre’) e é empregado àaqueles que transmitem conteúdo. Atualmente, para obter o título de doutor é necessário ter doutorado em alguma área, assim, uma mulher no ano de 1733 possuir um título como este e ser reconhecido pela ciência e pela igreja consistia em um grande reconhecimento.

O trecho retirado acima mostra a conquista de algumas mulheres como doutoras em alguns campos de atuação e ao mesmo tempo, exaltam a conciliação destas como boas esposas e donas de casa. A matéria, como o perfil da revista, exalta as conquistas femininas ao longo da história e ao mesmo tempo coloca que a mulher tem mais outras tarefas como necessidade, elas são desde o matrimônio e a família, como em ter a casa arrumada.

A revista utiliza-se das imagens como uma das ferramentas para vincular a mulher ao trabalho, como reforço à ideia de mulher neste campo. Peter Burke (2017) coloca que, em inúmeros momentos, o significado de um texto pode ser mal compreendido e que o mesmo acontece com a imagem. Na revista “Eu Sei Tudo”, a utilização de texto e imagem com os mesmos sentidos servem para reforçar ou mesmo garantir que o sentido seja efetivamente compreendido pelo leitor.

Naturalmente, como no caso de textos, qualquer um que queira usar imagens como evidências, necessita estar constantemente em guarda para o aspecto – muito o óbvio, ainda que algumas vezes esquecido – de que a maioria delas não foi produzida de propósito. Algumas delas o foram, como já vimos, mas a maioria foi feita para cumprir uma variedade de funções, religiosas, estéticas, políticas e assim por diante. Elas, frequentemente, tiveram seu papel na “construção cultural” da sociedade. Por todas as razões, as imagens são testemunhas dos arranjos sociais passados a cima de tudo das maneiras de ver e pensar o passado (BURKE, 2017, p. 48).

O autor coloca a complementação que a imagem e o texto acabam possuindo ao longo da história. Equivalentemente, Burke exemplifica que a imagem pode falar por si só. Porém, no período analisado das edições d revista “Eu Sei Tudo” a imagem tornava-se um reforço e uma confirmação dos ocorridos, dando ênfase à ideia da mulher no trabalho, vindo a realizar inúmeras atividades que eram questionadas ao serem realizadas pela figura feminina. Ao nutrir a curiosidade dos leitores com uma matéria de nome “A primeira mulher impressor” (na edição de 1926) o público poderia analisar a imagem de mulheres como impressor¹²¹, e ler o texto que acompanhava a imagem para saber dos detalhes.

¹²¹ A revista traz o termo “impressor”, pois até o presente momento, não existiam mulheres que realizavam a profissão de impressão na sociedade, assim a palavra não existia e não era empregada a mulheres.

Figura 15 - Figura importante na história, a primeira “impressora”



Fonte: EU SEI TUDO, edição 108, 1926, p. 53

O questionamento levantado aqui entorna a questão do trabalho feminino em sociedade e o amparo das imagens para moldar/fortificar a mulher em profissões antes apenas masculinas. A revista “Eu Sei Tudo” manipulava a ideia da mulher como membro social com as imagens; afirmava a informação com a figura, em seguida explicava a informação com a legenda de lugar e nome dos envolvidos, proporcionando um referencial para a localização de onde a informação chegara. Assim, as imagens buscavam exemplificar o que a revista gostaria de ter como atenção. No caso das mulheres, o reforço à ideia do homem estando ao lado e a utilização de um termo masculino para uma profissão que foi realizada pela primeira vez por uma mulher como na imagem referida acima. É possível observar ao longo das matérias, notícias e imagens a utilização deste estilo de vinculação de informação, a “Eu Sei Tudo” carrega suas páginas com imagens gerando maior curiosidade, para que assim as próximas edições possam dissertar sobre.

A mulher não carrega apenas o peso histórico de estar subalterna ao homem, ela possui uma bagagem de inferioridade que se propaga pelas categorias aqui expostas. Mesmo que perceba o avanço em conquistas e direitos, é nítido na análise da revista “Eu Sei Tudo” como a mulher permanece sem equiparidade de direito frente ao social. Simone de Beauvoir (1980) escreveu uma de suas mais célebres frases, que dizia: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980. p. 9). Pois, quando a mulher nasce já existe uma construção social imposta do que é mulher, seja na ideia de família, padrões de beleza, vestimenta, trabalho ou comportamento. Indubitavelmente, em algum momento de sua jornada como mulher, a mesma terá fatores predeterminantes impostos, o que condiz com a colocação de

Beauvoir, e ainda, a autora coloca o corpo feminino como algo indesejado, pois este aprisiona a mulher as suas funções biológicas, fazendo referência à gravidez e ao ciclo menstrual, que acabam por limitar a mulher da liberdade que o homem tem ao natural.

Beauvoir (1970), Bourdieu (1999) e Lauretis (1994)¹²² se cruzam, mesmo que em momentos de escrita diferentes e dissertam sobre a naturalidade que envolve o tema. A autora da obra “O Segundo Sexo” exemplifica que nada tende a ser natural na coletividade humana; Bourdieu já se alinha a ideia de diferenciação biológica que acaba por ser considerada natural e possui suas diferenças apenas na construção social que carregam; e já Lauretis coloca que o gênero é uma representação desta austeridade. O que os autores conversam em seus escritos se dão pela forma como a sociedade já impõe inúmeros fatores à figura feminina, de modo a considerá-la natural mesmo que carregada de subordinação, ou seja, a ideia de gênero passa a tomar o tom de organização social com ampla relação prática que as constituem em seu espaço de influência. Esta condição não é deveras escolhida, mas sim reproduzida pela construção social que é imposta à mulher, considerada condição de destino e não de escolha.

A mulher é a Bela Adormecida no Bosque, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; ele mata dragões, luta contra gigantes; ela acha-se encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um rochedo, cativa, adormecida: ela espera [...] Os refrões populares insuflam-lhe sonhos de paciência e esperança. A suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépida, aventurosas, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza (BEAUVOIR, 1970. p. 33-34).

A neutralização das práticas naturais faz parte da cultura que a mulher se encontra submissa, e isto vai desde a própria vaidade feminina até a busca por espaço no mercado de trabalho ao competir com os homens. A vivência em uma sociedade hierarquicamente pré-estabelecida acaba por dissuadir a construção do gênero como importante ferramenta social e que auxilia na propagação do feminismo, seja dentro ou fora da revista “Eu Sei Tudo”.

Mesmo com o advento do século XX conseguiu feitos que antes não ocorriam, assim, auxilia não só em uma aplicação das conquistas, mas também o lucro das profissões com a entrada de mulheres nos diversos ramos. O homem obriga-se a buscar o aperfeiçoamento, como também a olhar a figura feminina como mais igual e, assim, algumas barreiras passam a ser transpassadas. Para Bourdieu (2002) essa divisão entre masculino e feminino está atrelada

¹²² Teresa de Lauretis é professora e escritora americana, de origem italiana, que escreve sobre feminismo, sexualidade e gênero.

à enraização das relações de dominação masculina e que acarretam uma sucessão de atos que perpassam o social e particular, o real e o imaginário dos indivíduos.

Exemplos encontrados na revista “Eu Sei Tudo” mostram a necessidade de ascensão social das mulheres por meio de matérias como a da edição de 1928, número 129 de página 61:

Figura 16 - A mulher mais bem paga do mundo



Fonte: EU SEI TUDO, edição 128, 1928, p. 61.

Na imagem referida acima se identifica a importância de ressaltar o valor que a mulher ganha anualmente, com os dizeres de “A mulher mais bem paga do mundo”, como meio de

exaltar a presença feminina dentro do mercado de trabalho em geral. O mesmo acontece para retificar que a mulher poderia almejar cargos importantes na sociedade, e que com a meritocracia¹²³, conseguiria estar no mesmo patamar que os homens. A destacar ainda a revista não informa matérias sobre o “O homem mais bem pago do mundo”, pois não é tido como necessário a exposição do sujeito nem das cifras que recebem, uma vez que é comum na sociedade em que a revista estava inserida os homens possuírem bons salários pela recorrente participação nos trabalhos em geral.

É possível identificar ao longo das matérias a fortificação de ideais masculinos como a força, os trabalhos realizados, as vestimentas e até mesmo a coragem. Tem-se como exemplo na edição 136, de 1928, página 46 com a imagem “Uma mulher homem”, ao tratar de expor uma mulher que realizava a profissão de caçadora na África, Edmond Foljambe, tem seu trabalho relacionado à necessidade de comparação com o homem, mesmo com imagens e comprovações de sua capacidade, ela ainda é intitulada “mulher homem” por carregar a subalternidade da mulher para com o homem.

Figura 17 - Uma mulher homem na África



Fonte: EU SEI TUDO, edição 136, 1928, p. 46.

¹²³ Meritocracia consiste em um termo que remete a ideia de que o indivíduo é capaz de prosperar apenas com suas capacidades e esforços sem precisar da sociedade. Sua origem ocorre após a Revolução Francesa e ascensão de Napoleão Bonaparte. Para maiores informações ver: ARBOSA, L. **Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

2.2.5 Esportes

Ao categorizar a mulher dentro do esporte na revista “Eu Sei Tudo”, percebe-se o avanço das conquistas do sexo feminino em um campo antes altamente dominado pelos homens e carrega um dos, se não o maior, preconceito de gênero. Isto ocorre em referência historiográfica à antiguidade, na qual apenas os homens possuíam o direito de competir e praticar este tipo de atividade; os parâmetros só mudam a partir de da Revolução Francesa, na qual os avanços tecnológicos passam a ser constantes, auxiliam na quebra das amarras da mulher com o privado, abrindo mais espaço, anos para a frente para desfrutar do que os homens já praticavam desde a Grécia antiga.

Inicialmente as mulheres passaram a frequentar bailes realizando atividades como a dança. Passaram a ganhar mais destaque na sociedade por este olhar com novos interesses a assuntos que prendiam a mulher a casa, como a alta taxa de natalidade e as atividades domésticas – criam-se novas máquinas que agilizaram o trabalho. Para Dunning (1999), as mulheres buscaram ser inseridas dentro dos esportes por desejo de uma maior participação dentro do grupo social que se encontravam, mas também para criar uma identidade frente aos homens. O autor coloca a igualdade como outro ponto de desejo do sexo feminino para atingir outras e novas oportunidades além dos já considerados papéis femininos tradicionais.

Os papéis femininos dentro da maior competição de esportes do mundo, as Olimpíadas¹²⁴, só foi aplicado no ano de 1900, em Paris, quatro anos depois do marco do início da era das Olimpíadas modernas. O feito histórico das mulheres contou com a participação de 19 mulheres em dois esportes: golf e tênis¹²⁵. Ao adentrar no século XX, período que a revista “Eu Sei Tudo” circulava, as mulheres passam a praticar esporte como, rugby, boxe, hockey e atletismo, esportes taxativos como indevidos para o sexo feminino e quem os praticasse estaria concordando com a masculinização delas e mesmo que as praticantes fossem adeptas do movimento feminista, estas estariam compactuando propositalmente contra os comportamentos de aprovação da sociedade em que se encontravam incluídas.

¹²⁴ As Olimpíadas são realizadas desde 776 a.C na Grécia como maneira de homenagear os Deuses e integrar sentimentos como amizade e união entre os povos. Os homens realizavam os jogos desde o seu princípio realizados dez tipos de modalidades: corrida, salto em distância, lançamento de dardo, pentatlo, arremesso de disco, boxe, luta, corrida de bigas e corrida de cavalo. Os jogos Olímpicos modernos vieram a ser realizado na data de 1896.

¹²⁵ O tênis foi um dos primeiros esportes a ser praticado por mulheres, por ser considerado um esporte de elite e que poderia colocar a família em contato com a atividade. Wimbledon, um dos torneios mais importantes do mundo, foi criado em 1884 e 1890 com competições para o sexo feminino. Maiores informações: <https://www.itftennis.com/en/>. Acesso em 12 de dez de 2019.

Assim, Bourdieu (2002) chama de *habitus* ou poder simbólico¹²⁶, s termos vão ao encontro da maneira como os esportes são expostos na revista, ora mostrando a importância para a saúde, pela necessidade, ora pejorativamente colocando a masculinização da mulher ao praticá-los, a ideia de capital cultura condiz com as regras que organizam a sociedade que os indivíduos se encontram, para assim perceber e adaptar-se ao mundo social.

Os primeiros indícios da presença feminina dentro da revista “Eu Sei Tudo” são encontrados no ano de 1919, na edição 020, com uma imagem que ocupava praticamente a página inteira e uma legenda autoexplicativa. O objetivo era inserir e apresentar aos leitores o mais novo “passatempo” das mulheres da época, praticar algum “sport” que pudesse deixá-las cada vez mais belas. Na imagem abaixo se observam mulheres realizando diversas atividades esportivas que antes não eram comuns; mulheres com armas nas mãos e dirigindo automóveis são as que mais chamam a atenção.

Figura 18 - A mulher e os sports



Fonte: EU SEI TUDO, edição 20, 1919, p. 87.

A atenção se dá para a legenda que explica a imagem referindo-se às práticas esportivas com o objetivo de manter a beleza feminina e, ainda, utilizando de termos que reforçavam a ideia de apenas possuir o esporte como “único e verdadeiro passatempo”.

¹²⁶ O *habitus* acontece através da aquisição de poder conforme a posição que o indivíduo se encontra, de acordo com o campo que se está inserido, formando assim posições relevantes sobre o respectivo tema ou a forma como os demais devem se portar, isto ocorre em diversos âmbitos da sociedade, aqui refere-se a mulher dentro do esporte e suas ações.

Partindo da conquista por espaços dentro deste campo, apenas a partir de meados do século XX, as mulheres passaram a ver os esportes como um meio de ocupação, além do ambiente das casas, iniciando uma jornada na prática, ora como lazer ora voltados à competição. A legenda informativa da revista “Eu Sei Tudo” já colocava “As damas contemporâneas são entusiastas “sporwomen”. E, por isso, as vemos hoje obter prêmios e triunfar quer no “tennis”, no “golf”, no automóvel, na aviação, como nas caçadas e partidas de pescas” (EU SEI TUDO, 1919, p.87). É importante ressaltar que as mulheres em questão fazem parte da elite, desenvolvendo alguns tipos de esporte específicos.

Distingue-se que nesta primeira edição a revista buscou alinhar a prática de esportes como lazer e, ao mesmo tempo, fomentar a participação em possíveis competições. Mesmo com este encorajamento, o período de análise aqui levantado, de 1918 a 1939, o Entreguerras, aparecem vinte e sete notícias/matérias (27) que relacionam a mulher ao esporte durante os 21 anos de revistas analisadas. Outra recorrência é a presença em apenas um ano, o de 1934, na edição 277, de uma matéria com mais de uma página com a temática. A constatação gira em torno da circulação da informação do assunto “mulher no esporte”, mas não possui um elevado número de matérias/reportagens especificamente referentes a essa participação. As que aparecem acabam permanecendo como atividade relacionada à ginástica e ao exercício físico da busca pela melhor aparência.

Esta relação do esporte com a feminilidade estava diretamente ligada com o conceito de um território demarcado pela presença masculina desde suas primeiras práticas. À figura feminina cabia exaltar e desenvolver atividades que expusessem, por exemplo, a flexibilidade, a leveza e a delicadeza nas práticas. Já o homem é enaltecido pela sua força, resistência e musculatura, possibilitado a realizar um vasto conjunto de esportes, criando assim uma barreira hegemônica de um campo onde a presença feminina encontrou extrema dificuldade de se fixar. Exemplos de esportes considerados masculinos até a idade moderna, como casos do futebol, automobilismo e diversas modalidades de lutas, mesmo quando se encontra a presença de mulheres, até em algumas matérias da revista “Eu Sei Tudo”, não deixam de denotar uma bagagem histórica de preconceito, dúvidas e de proporções pejorativas.

Com constantes divergências a introdução, mesmo que de forma gradativa, das mulheres no campo esportivo, foi considerado um avanço do feminismo em geral. O chamado “sexo frágil”, a inferioridade de porte físico e a perda da feminilidade foram assuntos que passaram a ser questionados e não apenas sentenciados a uma opinião geral. Para Ferreira (1997) “O esporte, em sua dimensão social, ainda é um lugar de predominância masculina. O fato de o esporte ter emergido de um passado de desigualdades, carregado de valores

masculinos, influencia na menor participação das mulheres na prática esportiva” (1997, p. 126).

Através do diagnóstico de análise da revista “Eu Sei Tudo”, por meio das matérias que exemplificam a categoria esportes, é possível observar a recorrência da matéria “Mulher e o sport”, com imagens de mulheres praticando esportes como natação, pular corda, ginástica, tênis e salto em distância. As respectivas edições que trazem as matérias são a de 1927, de número 122, no ano de 1934, edições 209 e 210. Nas imagens abaixo pode-se estrear as figuras femininas praticando alguns esportes e que ganharam destaque nas páginas da “Eu Sei Tudo” por se tratar de conquistas em áreas até então dominadas pelos homens. Percebe-se duas imagens que mostram as distinções do que vem a ser a mulher no esporte, em um momento a participação em uma disputa de nado com as duas vencedoras, sem muitas informações a respeito, apenas coma identificação das campeãs e do local; na mesma página outra mulher é exposta praticando esporte, porém o intuito desta é de “não engordar”, como a legenda da época já colocava. É perceptível que as duas formas eram aceitas e vinculadas nas páginas da revista com a finalidade de exaltar tanto o feminismo da conquista de novos espaços em sociedade sem perder a feminilidade.

Figura 19 - A mulher e os sports



Fonte: EU SEI TUDO, edição 122, 1927, p. 51.

Na edição de outubro de 1934, número 209, página 95, é possível discernir a necessidade de se expor uma categoria como está a respeito do esporte a mulher dentro da revista “Eu Sei Tudo”.

Isso só se pode explicar pela educação sportiva que as mulheres recebem ultimamente. Os homens sempre a tivera. Com o tempo trocaram a massa d’armas pela raquette de tennis, a lança pelo remo, o cavalo pelo foot-ball. Por isso seu corpo se manteve tal qual era. A mulher, só ultimamente começou a ter cultura phisica e seu corpo, agora, é mais semelhante ao das Amazonas da Grécia do que a de suas avós do tempo de Ricardo Coração de Leão ou Henrique VIII (EU SEI TUDO, 1934, p.95).

O trecho retirado da íntegra da revista “Eu Sei Tudo” revela três tipos de informações que fomentam a categoria “esportes” neste trabalho de pesquisa e que se apresenta neste capítulo. O primeiro consiste na comum utilização da figura masculina, de modo introdutório, para incitar o interesse do público pela temática encontrada no decorrer da matéria. Outro ponto, é a forma como referem-se à mulher como ser retrógrada na sociedade, exaltando que a presença masculina já se fazia ativa nos esportes desde os primórdios. E o terceiro ponto, qual seja, a frequência da comparação da figura corporal da mulher com o de uma Amazonas¹²⁷, reforçando o estereótipo da utilização do esporte como fator de melhora na condição física e beleza feminina. Três imagens acompanhavam a matéria e que exemplificam os pontos supracitados, Fearuley Whilturgstall a nova campeã da Inglaterra, vestindo roupas apropriadas para a prática esportiva de tênis, como também Leila Row a primeira oriental a vencer o torneio de Wimbledon, sendo indiana. E como complemento, Pamela Kingemill, atriz inglesa que no ano de 1880 praticava tênis com roupas longas, volumosas e utilizadas no seu dia a dia. A finalidade desvela como a mulher custou a chegar a equiparidade dentro do esporte em um total, não apenas em algumas profissões, e que a questão física sempre foi algo relevante e de causa.

A categorização da mulher no esporte a partir da análise do teor da revista “Eu Sei Tudo”, em alguns momentos, se mostra muito menor comparada à presença dos homens no mesmo período. Enfatizam-se algumas notícias como a interessante matéria com o título “Os menos graciosos dos esportes”, encontrado na edição de 1919, edição 029, que retratava mulheres jogando o que chamavam de “Basket-ball”, utilizando roupas pesadas e algumas ferramentas:

¹²⁷ Amazonas eram um grupo mitológico grego que vivia em uma ilha, Lesbos, apenas com mulheres, estas eram guerreiras bem treinadas que possuíam corpos esculturais e grande beleza, qualidades estas que teriam sido fornecidas pelos Deuses. O termo amazona é utilizado para mulheres que montam em cavalos fazendo referência ao grande domínio sobre o animal que as mulheres possuíam.

Figura 20 - Mulher praticando “basket-ball” algo considerado nada gracioso



Fonte: EU SEI TUDO, edição 29, 1919, p. 126.

Na mesma linha, encontram-se matérias falando sobre a musculatura, como na edição 037, de 1920, ou a prática de lutas, como no caso do boxe, encontrada na edição de 1924, número 083, as famosas que são atletas ao mesmo tempo, com no caso da edição de 1927, número 116 e até mesmo a colocação de esportes considerados femininos, presentes na edição 121 de 1927. Scott (1995) coloca que existe relação direta da aplicação de um poder sobre outro, ou seja, o mais forte para com o mais fraco “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995. p. 86).

Reiterando as informações referente a presença feminina dentro da maior competição esportiva do mundo, as Olimpíadas, a revista “Eu Sei Tudo” traz apenas uma matéria que indica a mulher no evento. O assunto apareceu na edição 088 de 1924, vinte e quatro anos depois da primeira participação feminina e apenas mostrou as representantes femininas dos Estados Unidos da América em duas imagens com os respectivos nomes¹²⁸. Na tabela abaixo é possível identificar o número de participação feminina na história das Olimpíadas, sendo estas realizadas de 1896 até a sua última edição em 2016. Entre o período de 1918 a 1939 é possível observar que o número de mulher cresce consideravelmente, mas ao mesmo tempo ainda se mantém distante da equiparidade masculina, como por exemplo em 1932, ano em

¹²⁸ A Olimpíada de 1924 ocorreu em Paris na França e contou com a presença de 2956 atletas, entre eles 136 mulheres. O Brasil se fez presente com 13 atletas e nenhum deles era mulher. A primeira brasileira a disputar uma competição olímpica foi Maria Lenk, na natação, apenas no ano de 1932 o Brasil teve a representatividade de uma atleta mulher disputando a competição nos jogos Jogos de Los Angeles-EUA, a mesma não atingiu o pódio, porém tem seu nome na história pela exordial introdução da mulher brasileira nas Olimpíadas.

que as mulheres conquistam o direito ao voto¹²⁹, as mulheres equivaliam a 126 participantes e os homens 1.206, mesmo ano que no Brasil apenas uma mulher se fez presente nos jogos.

É possível analisar o crescimento da participação feminina dentro do esporte na era moderna, todavia o mesmo ainda não atingiu 50%, não apenas em âmbito nacional, mas como no mundial também. Bourdieu (1983) coloca que o espaço social é estruturado através da força dos dominantes sobre os dominados, e que aplicam as desigualdades a fim de manter uma hegemonia do mais forte para com o mais fraco. No esporte a questão física fica mais exposta, ao comparar o corpo masculino com o feminino fazendo com que a mulher não tenha o mesmo destaque ao praticar a mesma atividade que o homem. Mesmo que não competindo uns com os outros, e também por carregar uma bagagem histórica desde a antiguidade, a mulher necessita enfrentar não apenas suas adversárias, mas também o julgamento de ser mulher em um campo amplamente dominado pelos homens – um exemplo que também pode ser observado na tabela abaixo, é a Olimpíada de 1924 em que foram 2.954 homens competindo e apenas 135 mulheres – e que afeta diretamente o *habitus* presente na sociedade como efeito de absorção e reprodução cultural.

Tabela 1 - Participação feminina na história dos Jogos Olímpicos da Era Moderna

ANO	LOCAL	GERAL		BRASIL	
		PARTICIPANTES	MULHERES	PARTICIPANTES	MULHERES
1896	Atenas	241	-	-	-
1900	Paris	997	22	-	-
1904	Saint Louis	651	06	-	-
1908	Londres	2008	37	-	-
1912	Estocolmo	2407	48	-	-
1920	Antuérpia	2626	65	29	-
1924	Paris	3089	135	11	-
1928	Amsterdã	2883	277	Não participou	-
1932	Los Angeles	1332	126	85	01
1936	Berlim	3963	331	95	06
1948	Londres	4104	390	79	11
1952	Helsinque	4955	519	108	05
1956	Malbome	3314	376	48	01
1960	Roma	5338	611	82	01
1964	Tóquio	5151	678	70	01
1968	México	5516	781	83	03
1972	Munique	7134	1059	89	05
1976	Montreal	6084	1260	93	07
1980	Moscou	5179	1115	109	15
1984	Los Angeles	6829	1566	151	22
1988	Seul	8391	2194	174	35
1992	Barcelona	9356	2704	178	51
1996	Atlanta	10318	3512	225	66
2000	Sydney	10651	4069	206	94
2004	Atenas	10625	4329	247	122

¹²⁹ Esta questão será abordada mais detalhadamente no capítulo 3 desta dissertação.

2008	Pequim	11040	4637	469	132
2012	Londres	10500	4620	252	122
2016	Rio de Janeiro	11303	5180	265	209
2021 ¹³⁰	Tóquio	12750	-	-	-

Elaborada pela autora

Fonte: Comitê Olímpico Internacional, 2020 e Comitê Brasileiro, 2020

Maturar o delineamento de uma categoria destinada ao esporte nas edições analisadas da revista como a “Eu Sei Tudo” justo em um momento de afirmação das mulheres nas outras categorias citadas aqui, tem o objetivo de identificar o ponto de princípio da temática no magazine. Assim, conduz-se para outras possibilidades, de modo a questionar a submissão histórica feminina presente. Isto ocorre pelo fator determinante e pré-estabelecido pelos padrões sociais da época, 1918-1939, de potencialização dos corpos de maneira a romper as barreiras da naturalização da inferioridade de gênero que era imposta. Foucault (2013) coloca que existem diversas manifestações de poder que são produzidas por intermédio, sobretudo, de condutas de controle, em que as posições mais altas definem o norte que as ações devem seguir segundo o corpo social. Não ocorrendo apenas no esporte, esta aplicação de poder vem nas regras de beleza, nas oportunidades do mercado de trabalho, no padrão de peso, nas regras impostas para lidar com a família e tantas outras que se fazem presentes na história das mulheres. A revista “Eu Sei Tudo”, mesmo que indiretamente, vinculava essas relações de poder entre e nas categorias analisadas e, desta maneira, reforçava o poder masculino sobre o feminino nos contextos em que se deu sua circulação no Brasil. Para Foucault “a genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos” (FOUCAULT, 2013, p: 55). Ou seja, a constante reprodução de um discurso masculino e patriarcal acaba por perdurar ao longo da história, e, mesmo com momentos de reforço destas relações de poder masculino sobre o feminino nas páginas da revista, a mesma ainda conseguia retratar os avanços da mulher e do feminismo no período aqui escrutinado.

¹³⁰ A Olimpíada do ano de 2020 foi adiada para o ano de 2021 por conta da Pandemia do Novo Corona Vírus, COVID-19, tendo sua realização posta no ano seguinte.

III. A AMBIVALÊNCIA DA REVISTA “EU SEI TUDO” AO EXPLORAR O FEMINISMO E MANTER *O STATUS QUO* FEMININO

O capítulo que segue nas próximas páginas busca perscrutar informações presentes na revista “Eu Sei Tudo” com relação à reprodução do *status quo* da mulher na sociedade e, ao mesmo tempo, dos ideais feministas apresentados nas edições. A sistematização das informações se dá através de análise das matérias presentes na revista, considerando seu teor, no que diz respeito ao conteúdo, e também à forma como o periódico exemplificava as experiências do feminismo no mundo.

Complementarmente, realiza-se a observação das imagens que ilustram os fazeres e espaços da mulher na sociedade no momento de circulação da revista “Eu Sei Tudo”. Este estudo se efetiva com a análise de matérias encontradas nas edições que representavam, sobretudo, os hábitos e costumes no período do Entreguerras e a visão paradoxal da revista em diversos momentos, ora com matérias exaltando o feminismo, ora outras fomentando o feminino como essencial.

3.1 *Status quo* presente na revista “Eu Sei Tudo”

Pode-se dizer que as relações de poder aplicadas às questões de gênero norteiam os pensamentos e os rumos das sociedades como um todo. A construção da vida pública da mulher, a sua participação em sociedade, a conquista de direitos, a realização de trabalhos no ambiente público, dentre tantas outras atividades, depende dos interstícios do predomínio do sexo masculino nas ações dentro da sociedade. O poder do homem aplicado sobre a mulher é questionado, todavia, a estrutura social de inferioridade da mulher reproduz a ideia de um superior detentor de maiores direitos. Isso passa a ser inquirido em algumas notícias, mesmo que de forma mais contida, nas páginas da revista “Eu Sei Tudo”.

O que se constata na análise das páginas da revista “Eu Sei Tudo” é a reprodução do *status quo*¹³¹ da sociedade do século XX e a forma como a mulher estava inserida nesse contexto. Utilizar-se da presença masculina era um meio de reforçar a inferioridade feminina, ou seja, a mulher tinha espaço para trabalhar, conquistar direitos, ascensão social e política,

¹³¹*Status quo* vem do latim e significa “no estado das coisas”, ou seja, no estado que as coisas estavam antes do ocorrido, utilizado para identificação de mudanças na sociedade.

porém, antes disso, ela não deixaria de ter relação direta com o homem por meio de autorização, julgamento. No conteúdo analisado, sempre que as mulheres conseguiam espaço era através de comparações e menções ao sexo masculino.

A reprodução constitui-se na chave do patriarcado, por meio do reforço de certas práticas que auxiliam na sua propagação. É assim que o ideal patriarcal hegemônico se solidifica e, ao ser questionado pelo advento dos avanços feministas, não deixa de gerar conflitos no âmbito dos papéis de gênero, sobretudo no período foco desse estudo. Foucault (1999), sobre as relações de identidade, observa: “As relações que devemos manter conosco mesmos não devem ser relações de identidade, mas sim relações de diferenciação, de criação e de inovação” (1999, p. 421). Pode-se dizer que essas relações ocorrem em diversas temáticas abordadas na revista “Eu Sei Tudo”, comumente presentes em matérias em que ocorre um silenciamento das possibilidades de diferenciação identitária feminina. Em numerosas edições a mulher é adjetivada como “divorciada”, “solteira”, “casada”, “viúva” e “noiva”. Já em outras passagens as matérias trataram de comparar os feitos de mulheres aos dos homens e a sua realização “satisfatória” em comparação a estes, pois, até então, somente eles teriam capacidade corporal e mental para realizar algumas tarefas.

(...) para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la (FOUCAULT, 1999, p.29).

Dessa forma, gera-se um conflito, porque uma mulher realiza o trabalho que anteriormente só era realizado por homens, como expõe Foucault (1999), pela produção ou reprodução de ações baseadas nas relações de poder. Assim, profissões eram questionadas ao serem exercidas por mulheres e as mesmas sofriam diversos julgamentos em todas as áreas, pois os homens as contestavam e eram eles que detinham o poder.

Transformações mais amplas das relações de gênero nos espaços de atuação social e pública são recentes, com maior recorrência a partir do século XX. As reivindicações e movimentos, hoje já bastante conhecidos, são, em grande parte, deflagrados ao longo do século XX¹³². Ainda assim, a equidade não é uma realidade em inúmeras áreas mesmo no século XXI.¹³³ Perrot (1988) alia os números do presente e do passado à necessidade do

¹³² Existiam movimentos que almejavam os direitos femininos, porém estes não eram tão explanadas e nem possuíam aceitação, um exemplo são as ondas feministas já citadas.

¹³³ Em pesquisa realizada pelo jornal norte-americano, Wall Street Journal, em 449 profissões as mulheres ganham menos em 439 profissões. Está informação é válida para o estudo comparativo do início do século XX

questionamento da história de “todos”, abrangendo os homens neste campo, pois envolve sexualidade, família, classes sociais, poder, sociedade, gênero e representações do masculino e feminino. O eixo da história das mulheres se dá no processo de construção da visibilidade na conquista de espaços, tanto no público como no privado, incorporando a ideia de existência, o que requer destruir as memórias hereditárias e patriarcais carregadas na bagagem histórica, somada às vozes silenciadas e às imagens distorcidas do feminino como fator cultural.

A revista “Eu Sei Tudo” não possuía nenhuma assinatura feminina. Deste modo, os avanços das mulheres perpassavam olhares masculinos enviesados. Tem-se o exemplo das assinaturas masculinas com pseudônimos femininos, ou como no caso da “Eu Sei Tudo”, a falta de assinatura, para que a leitora ou leitor não interpretasse a informação de forma influenciada. O que ocorria pela captação do tom do discurso reproduzido, ora agressivo ora conciliador, determinado diretamente pelos interesses da revista, influenciando, assim, as vontades do grupo a qual se direcionava. O que Aries (2005)¹³⁴ chama de “histórias das mentalidades”, considerando que o desenvolvimento histórico da humanidade não sofria transformações rápidas e nítidas, demorando para aceitar o novo, neste caso, a presença das mulheres em equivalência aos homens, ou seja, formas duradouras de pensamento que caracterizam longos espaços de tempo. Neste ponto, pode-se afirmar que a revista buscava falar da mulher para a mulher com tônicas voltadas mais ao feminino do que propriamente ao feminismo, reproduzindo o *status quo* hereditário de costumes e regras. Mesmo que vinculasse a informação do cotidiano da mulher em diferentes áreas, como no caso das operárias, professoras, atrizes e cantoras, o foco central se detinha às donas de casa, pois estas eram as mesmas que realizavam estes outros trabalhos¹³⁵ não tendo a devida valorização que o movimento feminista buscava.

A busca por desconstruir condições pré-estabelecidas na reprodução dos códigos da construção do feminino, concomitantemente a reafirmação dos estereótipos. A revista cita como exemplos: na edição de 1918 número 08, o mercado das noivas; na edição 020 de 1919, em seis páginas, o penteado; na edição 38, a juventude da mulher no ano de 1920; os suplícios da necessidade de ser bonita aparecem na edição de 1921, edição 45; joias e bonecas são assuntos debatidos no ano de 1922, edição 67; como uma mulher deve ter sua atitude, tem

e o século XXI. Mesmo com lutas, avanços e conquistas as mulheres não estão igualmente no mesmo patamar que os homens. Informações disponíveis em: <http://graphics.wsj.com/gender-pay-gap/>

¹³⁴ ARIES, Philipe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques (Org). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹³⁵ A mulher realizava trabalhos fora do ambiente dos lares, porém continuava tendo afazeres do lar, com jornadas duplas ou triplas, que envolviam além dos cuidados da casa, os do marido e filhos. Assim, realizavam o chamado “trabalho invisível”, termo utilizado por Perrot (2006).

destaque em 1923, edição 68; uma feira de casamentos é matéria disponível a leitura na edição 88 de 1924; o comparativo da inteligência entre homens e mulheres se faz presente no ano de 1925, edição 96; a venda de mulheres, na edição 112, remete o peso e a figura feminina como moeda compra e venda, no ano de 1926; em 1927 informações sobre os maridos reprimidos na edição 123; a revista fazendo referência a disparidade numérica populacional entre homens e mulheres edição seguinte, 130, ano de 1928; como tantas outras reforçando a permanência da mulher sujeitas ao homem¹³⁶.

As imagens presentes nas matérias da revista “Eu Sei Tudo” possibilitam a compreensão dos costumes da época. Isso ocorre, pois, mesmo tendo algumas matérias apenas com textos, as imagens tornaram-se um complemento fundamental para a revista, a comprovação se dá pelo aumento de imagens fazendo parte do escrito, para Madio, (2007):

O aumento significativo das imagens publicadas, com a introdução do sistema de rotogravura, deixa patente o quão determinantes são os diferentes processos mecânicos de reprodução da imagem para, em primeiro lugar, viabilizar a reprodução da fotografia, sem a intermediação do desenho ou da gravura (processos que a deixavam ainda muito longe do “real capturado” nas imagens), e, depois, garantir sua circulação e difusão, de forma maciça, rápida e sistemática (p.3).

Algumas imagens da reprodução do *status quo* presentes na revista “Eu Sei Tudo” dialogam com as ações encontradas na sociedade e espelham atos do público leitor. Assim, as imagens se mostram em expansão, facilitando e aumentando as áreas de conhecimento dentro da sociedade, ao se tratar da revista “Eu Sei Tudo”, as imagens se tornam ferramentas de compreensão e conhecimento da sociedade em questão. A vestimenta, as práticas, gostos, aspectos culturais e costumes são observados nas figuras.

Assim, explana-se este campo em desenvolvimento:

Campo aberto e em franca expansão, o estudo das imagens pela história, propicia a ampliação do conhecimento sobre a sociedade, uma vez que permite um outro olhar, que revela traços ainda não estudados, possibilitando a compreensão da realidade passada e presente, em seus múltiplos aspectos. A análise das imagens, nesse sentido, constitui-se num “caminho a mais” para o alcance desses objetivos (MAYER, 2012, p.110).

Como no exemplo presente na edição 181 de 1932 é possível identificar um grande número de imagens, sem uma constância de conteúdo, apenas com a intenção de informar o leitor. Observa-se na figura abaixo que a imagem é uma fonte geradora de conteúdo e em diversas ocasiões, externa a informação diretamente, mesmo sem texto. Assim, o título

¹³⁶ Cronologicamente conforme a categorização livre realizada na análise.

manifesta o teor da matéria, porém se as imagens estivessem sozinhas, seriam identificados pela clareza de atos que buscam exhibir.

Figura 21 - “A educação feminina”



Fonte: EU SEI TUDO, edição 181, 1932, p. 16.

A imagem se une as informações textuais presentes na revista “Eu Sei Tudo”, como método de análise da reprodução do *status quo* e das possíveis modificações históricas da presença do feminismo em suas páginas. A questão cultural passa, então, a ser exposta através das imagens, textos, charges e gravuras como forma de identificação do estilo do receptor da informação da revista “Eu Sei Tudo”.

Deste modo, o periódico trata de aliar as imagens à questão cultural e à informação em suas páginas. Identifica-se essas ações em uma cronologia sobre o penteado: a matéria utiliza-se de um grande número de páginas para falar sobre os diferentes arranjos dos cabelos, informando às leitoras a maneira pela qual a ornamentação destes evoluiu ao longo do tempo. Outro ponto destacado é a mulher como influência direta deste tipo de moda e a forma como a mulher adaptava-se, no decorrer dos tempos, aos cortes indicados em cada momento. Ora o cabelo era comprido, ora curto. Em alguns momentos os fios estavam presos, em outros

soltos. A peruca era considerada artigo utilizado por homens da alta hierarquia social. Até os dias atuais, é possível dizer, o uso se mostra comum no Reino Unido, Austrália e África como um acessório de advogados, juízes e promotores. A matéria não só vincula a informação sobre os estilos e tipos de cabelo, por meio da escrita. Ela é reforçada com as imagens, tornando-se influência a ser seguida dentro do campo da feminilidade. Escreve-se, publica-se e mostra-se a informação de forma direta:

Figura 22 - “A mulheres e os penteados”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 20, 1919, p. 19.

Na edição 08 de 1919 o *status quo* se faz presente no momento da escolha do homem por sua noiva, intermediado pela questão financeira, e expondo a mulher como o equivalente a um produto adquirido. A matéria busca informar ao leitor um tipo de costume encontrado na sociedade de Rumania, atual Romênia, e como eram tratados os casamentos. Para justificar estas ações, tem-se demandas presentes nos estudos da terceira geração dos Annalles¹³⁷, o qual explica estas questões apregoando as inquietações de ordem estrutural que a sociedade vivia, os costumes basilares são perceptíveis ao analisar a matéria, perpassados de geração em geração. Conforme Foucault (1995), “uma descrição total reúne todos os fenômenos ao redor de um único centro – um princípio, um significado, uma visão de mundo, uma configuração geral; uma história geral, ao contrário mobilizaria o espaço da dispersão” (1995, p. 10).

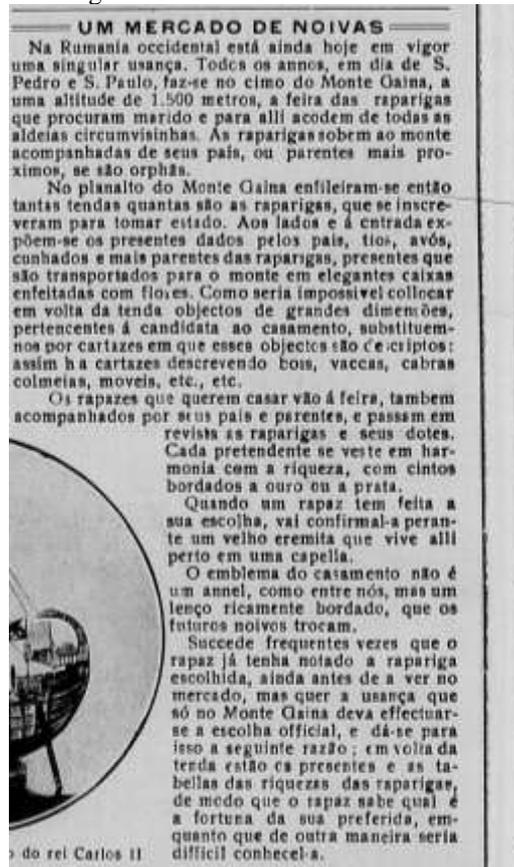
¹³⁷ A terceira geração dos Annales tem como autores pertencentes, François Furet, Georges Duby, Jacques Revel, Michelle Perrot, Pierre Nora, entre outros. Esta geração é conhecida pela história fragmentada que aponta várias perspectivas e possibilidades dos estudos históricos. Outra característica são as abordagens inovadoras de temas como casamento, família, mulher, reprodução de hábitos, entre outros, conhecida como Nova História Cultural, que explica a reprodução de costumes como o mercado de noivas e a forma como perduravam as tradições, mesmo com a evolução temporal.

A composição do título com a palavra “mercado de noivas”, faz alusão a compras, ou seja, divulga-se na matéria uma espécie de aquisição de produto. Tem-se fatores comumente reproduzidos ao longo do tempo, como a troca por diversos materiais, os dotes e também a passagem da mulher pela hierarquia masculina, a matéria expõem que as moças são acompanhadas pelos pais, tios ou familiares, para serem “adquiridas” pelo futuro marido.

As relações conjugais passaram por transformações significativas nos últimos séculos. No início das civilizações humanas as pessoas viviam de acordo com uma rígida divisão sexual dos papéis. As atividades e funções dos indivíduos nos grupos eram determinadas pelas questões sexuais e biológicas (DINIZ; FIGUEIREDO, 2018, p.108).

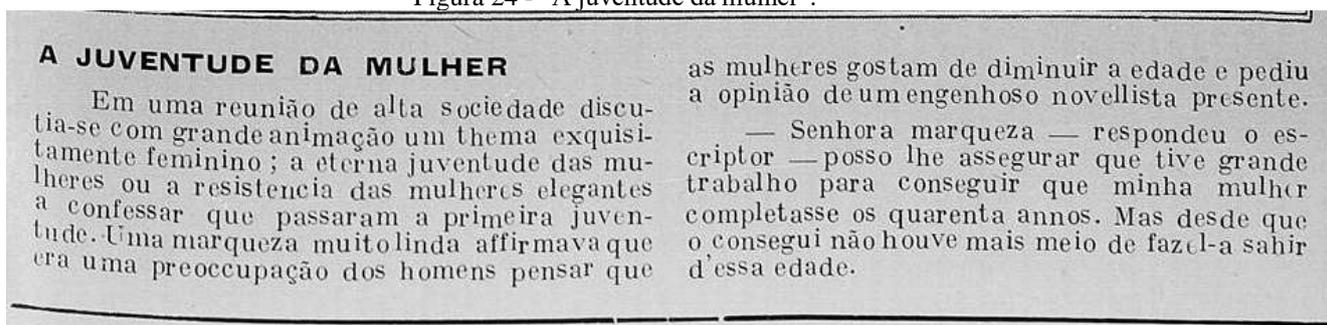
A questão central reside na normalização da descrição. Mulheres são expostas acompanhadas dos seus dotes em uma feira onde serão escolhidas pelos futuros maridos. Objetificadas e equiparadas aos dotes, sem indicativos de estranhamento pela narrativa, a não ser pela substituição do anel pelo lenço como símbolo da união.

Figura 23 - “Um mercado de noivas”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 08, 1918, p. 28.

Figura 24 - “A juventude da mulher”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 38, 1920, p. 61.

De forma satírica, a informação contida na edição de 1920 utiliza-se do humor para falar sobre a idade da mulher e de como esta deseja a jovialidade e, em muitos casos, omite a real idade. A sociedade induz a mulher a pensar que a velhice não a favorece, entram questões relacionadas diretamente à figura central do homem, pensando em não estar vivendo seus dias de beleza e o homem poderia vir a lhe substituir por alguma moça mais nova, entra neste ponto questões como o sexismo, misoginia e divórcio, subentendidas em uma disposição humorística. Sommer (1999) justifica que: “A cultura onde a mulher está inserida em muito contribui para que a atitude dela seja favorável ou desfavorável” (1999, p. 868).

Com frequência, as notícias não possuíam relação direta com o teor principal da revista. Por inúmeras vezes, as matérias se mostravam perdidas e soltas nas páginas, como no caso do ano de 1921, edição 45, página 24, a imagem mostra a mulher realizando procedimentos de beleza, a legenda informa as benfeitorias a serem concretizadas. Mesmo que possa sentir dores ou ocasionar algum mal à saúde, a mulher se sujeita para o resultado final de ficar bonita. Evidencia-se mais um reforço à feminilidade feminina e os cuidados assíduos com a beleza e o corpo:

Na busca pelo histórico-discursivo que diz e constrói esse corpo, enveredamos por caminhos e traçados ideológicos materializados em discursos produzidos ao longo de milhares de anos, numa tentativa de resgatar sentidos sobre a beleza feminina e compreender as questões ideológicas que envolvem esses sentidos, e quais os trajetos percorridos por eles, a fim de compreendermos porque eles se apresentam (SOUZA, 1999, p.9).

Ainda é possível encontrar nas páginas da revista “Eu Sei Tudo” inúmeras passagens que se voltam à conquista da beleza e que simbolizam as ações das mulheres: cabelos, pele, boca, nariz, mãos, pés e demais membros do corpo são expostos em matérias e propagandas que visam os padrões de beleza da sociedade e, mesmo indiretamente, afetavam as ações das mulheres.

Figura 25 - "Os suplícios que a mulher suporta para ser bonita".



Fonte: EU SEI TUDO, edição 45, 1921, p. 24.

Figura 26 - "Jóias de mulheres e de bonecas".

Jóias de mulheres e de bonecas

As jóias foram, em todos os tempos, grande moda, por que a mulher guardou em sua alma primitiva, o amor pelas gemmas e soffreu a attracção dos enfeites brilhantes; e a serpente, que a tentou, ainda sob a forma de uma serpente de ouro, tenta-a ainda hoje sob a forma de uma serpente de ouro... e brilhantes, que encerra seu braço.

Ora, a moda da jóia evolúe, como qualquer outra cousa. Agora os grandes joalheiros europeus distinguem as jóias do verão das jóias do inverno. As jóias do inverno, perolas, diamantes com reflexos de fogo, opalas translucidas ou rubis sangrentos, abrigam-se nos escrínios e cedem lugar ás alegres jóias de verão todas de côres vivas que cantem a alegria do sol. Jade preciosa, ambas de ouro, perolas de Veneza enfeitam as toilettes leves e os grandes «pendeloques» orientaes, os pesados braceletes, os longos collares com encantos exóticos accrescentam suas graças ás da mulher. Mas o valor d'essas jóias é apenas o de uma moda ephemera, e quando cessarem de agradar não voltarão para os escrínios em que se conservam as gemmas preciosas, por que seu fim será mais romanesco.

A boneca que jaz sobre a almofada do divan, outro luxo, ephemero, ahi está para recolher os despojos d'essa moda morta. Boneca vestida de brocar-

O homem triste curvou-se e deixou cair uma moeda num sapato do mendigo.

dos e de rendas frisadas, *maquillée*, nada te falta senão jóias. Tu as tens, e o collar abandonado, dez vezes enrolado em torno de teu pescocinho, será um maravilhoso enfeite.

Mas aprende a desconfiar da inconstancia feminina. Tu herdarás apenas o que deixou de agradar.

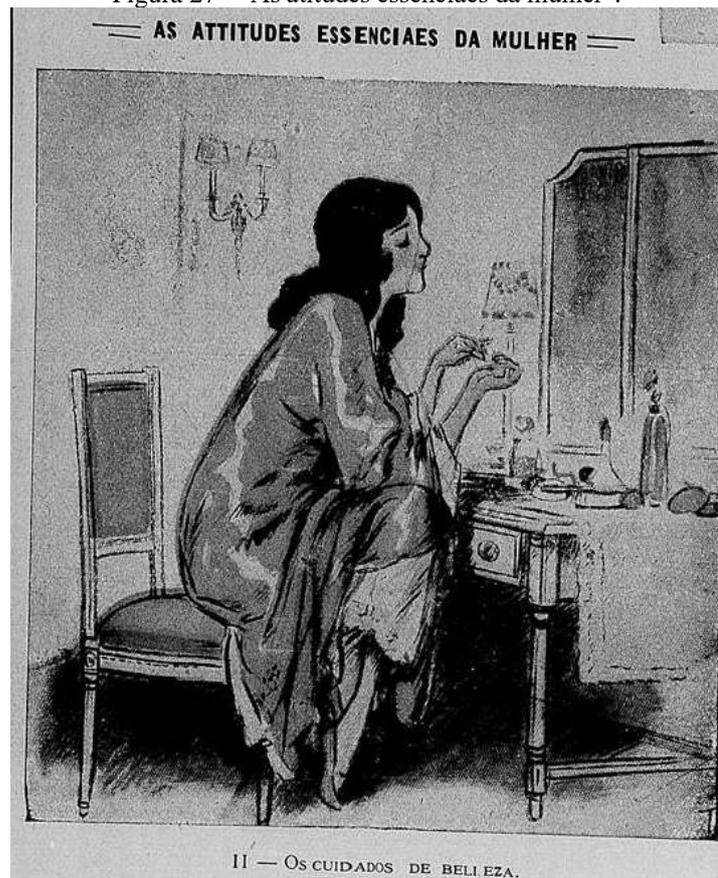
Fonte: EU SEI TUDO, edição 67, 1922, p. 95.

O gosto da mulher por jóias é descrito na matéria exposta acima como algo histórico, passado de geração em geração. De modo semelhante refere-se à boneca. Ambas, jóias e bonecas, são remetidas à ideia de passagem de tempo. A boneca, por ser um brinquedo que a

mulher utiliza em uma época da vida, deixando-a de lado com outros anseios; as joias fazem um correlato ao enjoo de uma menina a boneca e da mulher para com as joias, desejando outras – bonecas e joias – logo em seguida. Percebe-se um tom de vulgaridade e luxúria, características relacionadas à figura feminina.

Na matéria de uma das edições do ano de 1923, percebe-se o incentivo a atitudes femininas: preceito para o cuidado com a beleza. Dispostas em três páginas, as ações da mulher para portar-se da melhor forma comportamental na sociedade. Características como a beleza, atitude, vestimenta, o banho (relacionado a alguma atividade de lazer, na matéria, especificamente, cita-se a natação), a maquiagem, o cabelo, os acessórios, práticas e objetos que se mostram julgados perante as mulheres expostas na revista “Eu Sei Tudo”. O periódico destacava as atitudes essenciais que as mulheres deveriam ter em sua rotina, para atender as imposições da sociedade em que se encontravam.

Figura 27 - “As atitudes essenciaes da mulher”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 68, 1923, p. 08.

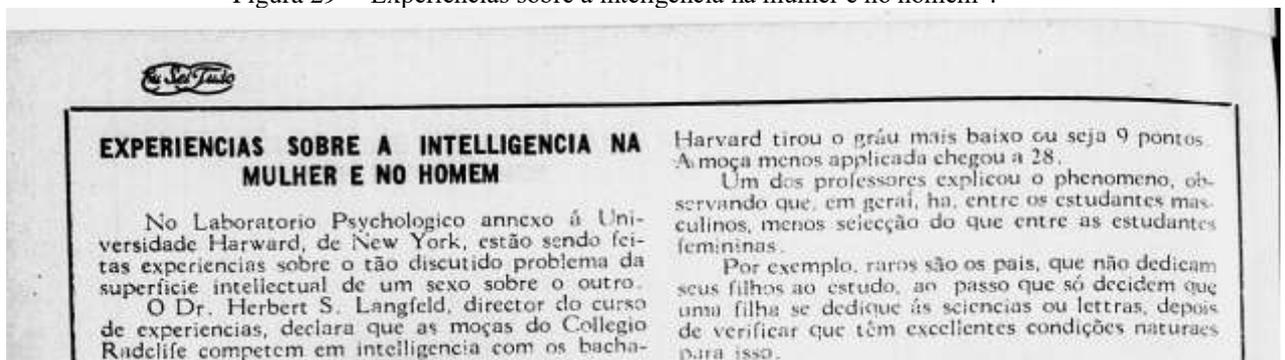
Figura 28 - “Uma feira de casamentos no Alto Tonkin”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 88, 1924, p. 49.

Mais uma edição carrega em suas páginas os casamentos como tema a ser noticiado, agora Alto Tonkin, no Vietnã, uma feira de casamentos colocava as mulheres com suas melhores roupas para serem escolhidas por seus futuros maridos. A evidência presente no texto reforça o discurso dos casamentos arranjados fixados nas culturas pretéritas cuja escolha cabia ao homem, por sua posição financeira. Como a matéria supracitada, da edição 148 de 1929, p. 86, não há estranhamentos sobre o costume na narrativa, fazendo alusão a idade correta que para a realização do casamento, estas ações envolvendo o matrimônio são recorrentes nas páginas da revista “Eu Sei Tudo”, tema extremamente valorizado nas páginas da revista.

Figura 29 - “Experiencias sobre a intelligencia na mulher e no homem”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 96, 1925, p. 96.

A matéria referida acima cita um comparativo relacionado à inteligência entre mulheres de um colégio de Nova York com homens estudantes de Harvard¹³⁸. Conta com uma explicação de um professor de um importante curso dos Estados Unidos. Informa que a mulher que estuda, neste momento histórico, tem a sua inteligência natural, pois as mulheres que estudavam recebiam educação escolar apenas após suas famílias identificarem que suas filhas dispunham de inteligência desde os primeiros dias de vida. Ou seja, que já haviam nascido capazes. Às mulheres não estava reservada a ideia de estudar apenas para obtenção do conhecimento, como no caso dos homens. Esse laboratório compara a inteligência feminina com a masculina. No diagnóstico, a mulher teria uma vantagem: quando identificada sua inteligência, é porque já teria nascido assim. “Saber e poder implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (FOUCAULT, 1989, p.21). Alça-se a relação direta do poder com o saber, mesmo que carregado pela cultura pré-estabelecida no momento da publicação do texto.

“Onde as mulheres são vendidas a kilo e a prestações”¹³⁹ é o título da matéria da edição 1926, 112. A informação sobre “a venda de mulheres” parte de tribos Africanas e dos Esquimós, ao expor o mercado de compra e venda de mulheres por quilos e prestações. Partindo dos costumes locais, comunicam o valor em geral, bem como o que é preciso ter para atingir um valor alto. Trocas por mercadoria como, por exemplo, peles, carnes e até mesmo por cães são realizadas pelos chefes das tribos ou pelos pais das mulheres.¹⁴⁰ O apógrafo induz ao leitor o poder do homem para com a mulher, ao ponto de comercializá-la por diversos produtos, sem que esta tenha a opção da negação. Desta forma, os agentes das ações são caracterizados pelo volume do seu capital e sua influência, assim, estes determinam a estrutura do campo como as realizações.

¹³⁸ Harvard é uma universidade privada situada na cidade de Cambridge, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, fundada em 1636, uma das mais reconhecidas universidades do mundo em todas as áreas de estudos.

¹³⁹ A mulher como produto, comercializado por seus pais e adquiridos por seus maridos.

¹⁴⁰ No ano e 2017 foi publicada a matéria: “Índia: Noivas-crianças são vendidas em “pacote de ofertas” no Golfo”, disponível em: <https://medium.com/@yatahaze/noivas-crian%C3%A7as-vendidas-em-pacotes-de-ofertas-na-%C3%ADndia-767c48571144>.

Figura 30 - "Onde as mulheres são vendidas a kilo e a prestações".

Onde as mulheres são vendidas a kilo e a prestações

Em algumas tribus de povos selvagens, as mulheres são vendidas por seus pais como simples mercadorias. O preço depende dos atractivos da jovem e da astucia do comprador e do vendedor.

Entre os Esquimós o preço estipulado é pago em pelles, carnes salgadas e, muitas vezes, atrelagens de cães.

Em alguns pontos da Africa, o preço de uma mulher oscilla entre uma a dez vaccas. A obesidade é considerada o maior encanto, que pode ter uma mulher, pelo que, depois de engordar as filhas, os pais as vendem litteralmente a kilo!

A comunidade de Kikuyu tem, nisso, costumes espezias. O chefe é o unico, que tem o direito de vender esposas. Antes da guerra podia-se comprar alli uma mulhersinha por uma quantia equivalente a onze mil reis.

Hoje, não se encontra uma esposa kikuyu por menos de 32\$. Verdade seja, que, para facilitar o negocio, foram instituidas vendas a... prestações!

Fonte: EU SEI TUDO, edição 112, 1926, p. 46.

Figura 31 - “Os maridos oprimidos”.

Os maridos oprimidos

Ha já algum tempo existe em Vienna o “Club

dos Maridos Oprimidos”, que conta um numero consideravel de socios, muitos dos quaes, são personagens muito conhecidos.

Para fazer parte d’essa sociedade é sufficiente provar, que se vive aborrecido sob a tyrania de uma mulher despotica.

No principio de cada mez os socios recebem o Boletim do Club, quasi inteiramente dedicado a dar aos “oprimi-

dos” sabios conselhos e conselhos piedosos.

Nas cerimoniaes, os socios têm a faculdade de usar uma insignia especial.

Agora, sabendo dos recentes desgostos matrimoniaes de Carlitos, o grande comico da tela, o “Club dos Maridos Oprimidos” enviou-lhe uma expressiva mensagem de sympathia, offerecendo-lhe a presidencia honraria do Club.

Fonte: EU SEI TUDO, edição 123, 1927, p. 62.

A edição de 1927 trouxe a criação de um clube intitulado “Clube dos maridos oprimidos”, criado para atividades a serem realizadas por homens que se sentissem oprimidos, aborrecidos e vivessem sob a tirania de uma mulher. Conselhos, ajudas e conversas eram propósitos do “Clube” que servia para melhorar o ânimo dos maridos ao longo do casamento. A indagação da figura do homem como responsável pela família é questionada pela

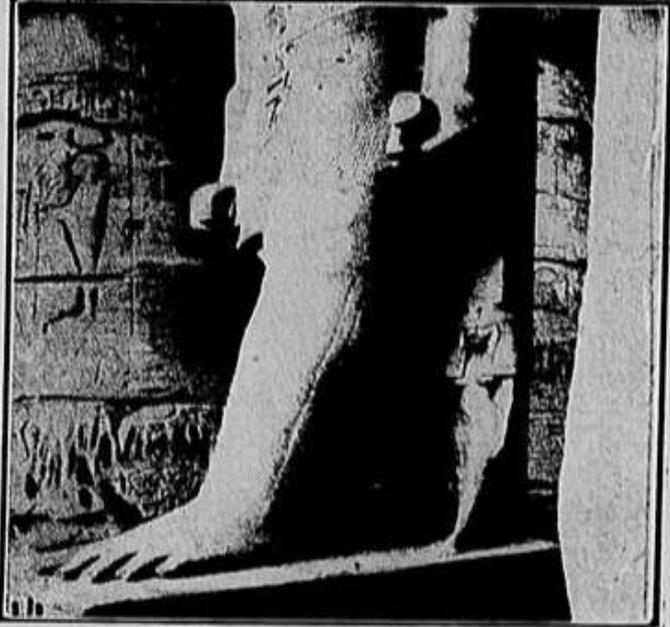
informação dita na matéria, indubitavelmente este “Clube” não fazia parte da estrutura social comum vigente na sociedade. No entanto, coloca a mulher no polo oposto, entre Maria e Eva, estas são as Evas, aquelas que dominam com tirania. Aplica-se a ideia de mulheres imperantes. Por serem desta forma, realizam a substituição do masculino pelo poder feminino. O homem seria infeliz e descontente com sua vida. A matéria questionava a estrutura de poder e propriedade imposta pela mulher ao homem. O “Clube” era como um refúgio a estas ações.

É importante assinalar que cada conceito e tema elencado foram elaborados pelos próprios agentes envolvidos no processo histórico sem que lhes atribuíssem categorias ou temas formulados por nós e alheios ao debate do qual se tratava. A maior incidência de alguns deles e a maneira como são tratados mostra a direção assumida por aquele debate (VIEIRA; et.al, 2007, p.52).

Uma matéria sobre o número de habitantes no mundo, na edição 130 de 1928, expunha informações sobre a considerável diferença do número de pessoas do sexo feminino em relação ao número de pessoas do sexo masculino. Países como Rússia e Alemanha, conforme a revista, destacavam-se por ter seis e dois milhões, respectivamente, a mais no número de mulheres. Outro dado fornecido pela revista “Eu Sei Tudo” é sobre Índia, Estado Unidos e Japão, em sequência, nove, dois e um milhão de homens, como o periódico se refere: “estão condenados ao celibato” pela desigualdade de números, a solução indicada na mesma matéria é de racionalização, ou seja, buscar-se o equilíbrio. O assunto gira em torno da densidade populacional. Era um tema recorrente, principalmente, depois do fim da 1ª Guerra Mundial. Em um cenário Pós-Guerra, a população feminina maior em número seria reflexo da partida dos homens aos campos de batalha¹⁴¹.

¹⁴¹ FRANÇOISE Thébaud, A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente**, Porto: Afrontamento, 1995, p. 38.

Figura 32 - "Divisão desigual".



Divisão desigual

Na Europa ha muito mais mulheres do que homens, ao passo que na Asia na Africa e na America, predomina o sexo forte.

Assim, pelo menos, informam as estatisticas recentemente publicadas na Alemanha.

O paiz em que existe maior excedente de mulheres é a Russia, pois conta seis milhões de mulheres mais do que homens. Depois collocca-se a Alemanha onde o excedente feminino alcança a respeitavel cifra de dous milhões.

Ao contrario, na India, ha nove milhões de homens condemnados ao celibato, por falta de mulheres disponiveis; nos Estados Unidos, dous milhões e, no Japão, um milhão.

O jornal allemão, que publica estas noticias, aconselha com a maior seriedade "a racionalisação dos nascimentos", afim de corrigir tão desigual divisão.

Sim, a racionalisação, seria o unico remedio...

Mas como conseguil-o ?



Fonte: EU SEI TUDO, edição 130, 1928, p. 26.

Continuando, a edição de 1929 traz outro elemento considerado histórico quando se pensa a relação mulher e cultura: o véu. Em uma sequência de fotos, uma modelo é fotografada com véus. A autora Michelle Perrot (2007) alude a “longa história” do véu a passados longínquos, muito veemente enfatizados pela religião¹⁴², em sua obra ela direciona um capítulo exclusivo para tratar deste assunto:

¹⁴² Perrot (2007) cita o apóstolo Paulo como referência religiosa da mulher para com o véu.

Porque a mulher foi criada para o homem, "a mulher deve trazer o sinal da submissão sobre sua cabeça, por causa dos anjos". As mulheres devem calar-se nas assembléias. Usar o véu ao profetizarem. Usar o véu como sinal de dependência: "a mulher deve trazer sobre sua cabeça o sinal da autoridade" (2007, p.56).

Ainda, pelo mesmo caminho, afirmando o véu como acessório presente na trajetória feminina. O véu é a assimilação e decalque da submissão das mulheres e de seus corpos:

O véu é sinal de autoridade: já em Roma, uma mulher casada que sai sem seu lenço, a rica, pode ser constringida ao divórcio. As moças não usam véu; reivindicam não usá-lo. A mulher casada é propriedade de alguém, logo deve ser velada. O véu é instrumento de pudor. Tertuliano considera as toucas e os lenços insuficientes. E preciso velar o corpo das mulheres e sua cabeleira, objetos de tentações (2007, p.56).

Figura 33 - "A mulher e o véu".



Fonte: EU SEI TUDO, edição 148, 1929, p. 69.

Retratar mulheres com o uso do acessório é o reforço do estereótipo da mulher dependente, submissa. Usos – e não usos – e seus símbolos aparecem combinados na cultura. Não usá-lo é resistência e libertação frente ao patriarcalismo e a história das mulheres.

Figura 34 - “A origem da mulher”



de um quadro de *Murillo*, na idade em Sevilha.

Sol, as lagrymas da nuvem, a inconstancia do vento, a timidez da lebre, a vaidade do pavão real, a dureza do diamante e a crueldade do tigre.

A ORIGEM DA MULHER

A verdadeira origem da mulher, segundo uma lenda indiana, é a seguinte :

Twashtri, o deus Vulcano da Mythologia indiana, creou o mundo e quando quiz fazer a mulher, viu que se haviam exgottado todos os materiaes creadores na feitura do homem e não lhe restava elemento solido algum.

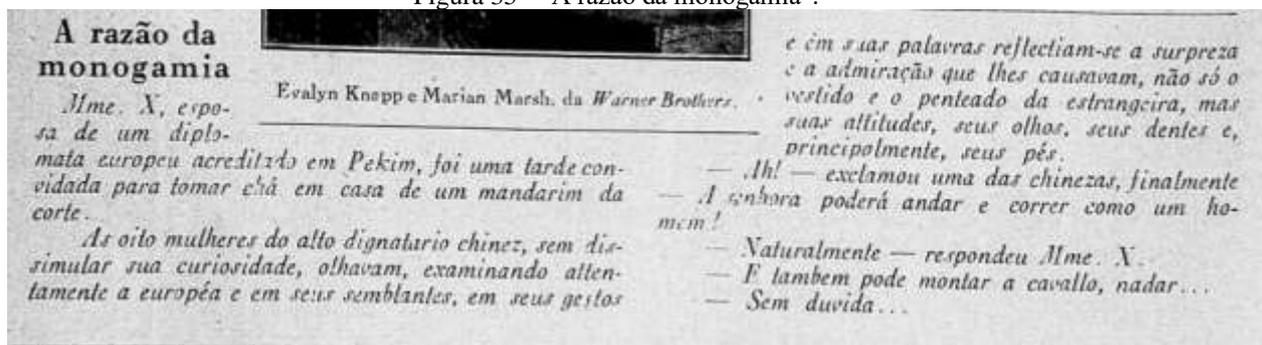
Cheio de desanimo, o deus poz-se a meditar profundamente e encontrou a solução tomando a curvatura da Lua, os meneios ondulantes da serpente, as graciosas voltas de uma planta trepadeira, o ligeiro estremecimento das folhas, a delicadeza e o perfume das flôres, a leveza das pennas, o gentil olhar do gamo, a alegria de um raio do

Fonte: EU SEI TUDO, edição 153, 1930, p. 24.

3.2 A figura feminina e sua importância na revista “Eu Sei Tudo”

A origem da vida sempre foi tema recorrente na revista “Eu Sei Tudo”. Ao se tratar da mulher, matérias relacionadas tanto à religião quanto à ciência também foram publicadas. Na edição 153 de 1930, buscou-se a explicação para a origem da mulher de modo a comparar as características mais marcantes destas na sociedade com fundamentação nas lendas da cultura indiana. Expondo a mulher com as idiosincrasias encontradas na natureza, nos animais e em elementos da natureza, visava explicar os motivos das ações femininas. Desde o corpo até a personalidade, exemplifica-se a insinuação da beleza e do perfume a partir da alusão às flores. A crueldade aparece como uma característica associada a um tigre. Pode-se dizer que a revista “Eu Sei Tudo” tornava-se a porta voz dos interesses e objetivos de classes sociais, dando forma a opiniões por intermédio de histórias narradas em terceira pessoa tendo em vista cativar os leitores, moldando sua visão de mundo, o que demonstra, assim, os interesses de representação (VIEIRA; PEIXOTO; KULCSAR; KHOURY, 2007, p.52).

Figura 35 - “A razão da monogamia”.



A matéria da edição 171 de 1931 cita um tema delicado, mas que ao mesmo tempo foi tratado com naturalidade e humor: a misoginia. Por intermédio de uma piada, a revista explica a razão das traições dos maridos (traição de suas esposas). A matéria relacionava a traição, às semelhanças que viam como mais recorrentes, em a mulher ter atitudes e ações que eram corriqueiras nos homens. Para Bourdieu (1990) a manutenção de um poder, o de trair a mulher por esta realizar tarefas ditas para os homens, mascara as relações de poder inserida na concepção de mundo. A mulher terá a fidelidade masculina só se portar-se de modo feminino, caso contrário a misoginia¹⁴³ seria justificada e não julgada.

Figura 36 - “Concursos excêntricos”.



Frequentemente, a revista “Eu Sei Tudo” informava aos seus leitores sobre diversos concursos que ocorriam pelo mundo, desde disputas da mais bela moça, como também

¹⁴³ BORGES, Zulmira Newlands. et al. Patriarcado, heteronormatividade e misoginia em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas. In: **Latidade Revista**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/latidade/article/view/1065/722>. Acesso: 11 mar. 2019.

voltados aos esportes em geral. Nessa edição, proporcionaram enfoque para um concurso de lavagem de pratos, em que as competidoras mulheres recebiam o julgamento e nota dos avaliadores, todos do sexo masculino. A revista informava ao público curiosidades, eventos e afins que pudessem chamar a atenção e gerar consumo. No caso específico, o agente do discurso salientou a importância da mulher no seu lar, realizando a tarefa de lavar pratos e ser reconhecida por isso. A revista “Eu Sei Tudo” explorou esses e outros assuntos domésticos, não só em matérias como a dita anteriormente, como também em propagandas com lava-louça¹⁴⁴ que buscavam “facilitar” a vida da mulher.

No ano de 1933, especificamente na edição 193, a revista se mostrou impactante ao tratar das mulheres: a primeira mulher eleita deputada na Inglaterra, Lady Astor¹⁴⁵, na matéria da página 98, cujo título era “A superioridade masculina”. Narra-se um fato ocorrido na Inglaterra para o apoio da eleição de Lord Milner para vice-rei da Índia, Astor buscou diversas assinaturas, chegando a uma figura importante do gênero de alimentos e lhe explicou detalhadamente as ações que iriam acontecer, os intuitos, variáveis, quem eram as personalidades envolvidas e atividades políticas. Ao final da conversa o lord questionou: “As mulheres podem assinar?”, sendo informado que não, ele completou: “Ah, bem. Então está bem. As mulheres não podem entender d’essas cousas” (transcrição livre do autor). A matéria e seu teor irônico apresentam ao leitor uma mulher deputada, eleita por mais vezes, explicando política a um homem que pouco entendia, assim gera-se a aplicação do título e os questionamentos que norteiam o *status quo* presente no feminino, as conquistas feministas e o julgamento de parte dos homens envolvidos.

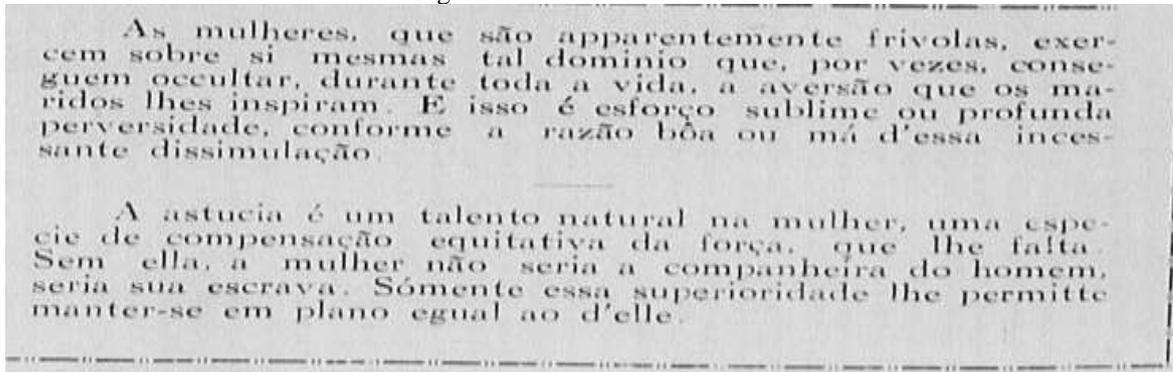
Outro ponto significativo presente nas páginas da “Eu Sei Tudo” são as notas expostas nas páginas seguintes a respeito da mulher e seu desejo sexual, muitas vezes a falta deste, o que acarretava a denominação de “frívolas”. Logo em seguida, aplicam a ideia de astúcia da mulher, pois se ela não fosse inteligente, não seria companheira do homem, mas seria sua escrava. A afirmação de que a astúcia é a compensação equitativa para força masculina é reveladora da falsa equidade. Astúcia: “Habilidade de enganar; esperteza, manha, sagacidade; qualidade de quem age de modo a buscar benefícios e vantagens às custas de outras pessoas;

¹⁴⁴ A máquina de lava-louça diretamente ligada a água teve sua fabricação relacionada aos anos de 1920, sendo criada anteriormente em 1866 por Josephine Cochrane, mas é marcada como patenteada no ano de 1850 por Joel Houghton. Com relação a energia os modelos foram comercializados nos anos de 1940. Ver: <https://web.archive.org/web/20100116000913/http://www.csupomona.edu/~plin/inventors/cochrane.html#>

¹⁴⁵ De nome Nancy Witcher Langhorne casou-se primeiramente com Robert Gould Shaw com quem teve um filho, o casamento se desfez em 1902, casou-se novamente com Waldorf Astor, no ano de 1906, tendo quatro filhos. A vida política se inicia em 1909 com a entrada do casal para a política, Nancy Astor foi a primeira mulher a sentar no parlamento, até o ano de 1921, trabalhou pelos direitos das mulheres e crianças. Ver: <https://www.greelane.com/es/humanidades/historia-y-cultura/nancy-astor-facts-3529776/>.

ardil. Característica da pessoa astuta, ardilosa, velhaca”. Estereótipos como estes polarizam e ratificam a posição das mulheres Evas.

Figura 37 - “Mulheres Frivolas”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 193, 1933, p. 60.

A edição de 1934 retratou as reivindicações femininas com o apoio dos homens notáveis da época, destacando-se a presença do rei Feiçal que incentivava as reivindicações das mulheres. Expõe o significativo atraso que as mulheres possuem em diversas áreas, como o sucesso em algumas, por puro esforço. Citaram, ainda, que os anti-feministas, utilizam-se do desprezo e alegam que as mulheres querem ser melhores, porém a justificativa e a intenção do movimento é de igualdade de direito e maior visibilidade na área pública.

Hooks (2019) coloca que o movimento feminista não afetou apenas as mulheres, mas sim a sociedade em geral:

O movimento feminista criou mudanças positivas profundas nas vidas de raparigas e de rapazes, de mulheres e de homens que vivem na nossa sociedade, num sistema político de patriarcado capitalista, imperialista e de supremacia branca. E, apesar de a crítica ao feminismo se ter tornado banal, a realidade permanece: todos beneficiaram das revoluções culturais postas em prática pelo movimento feminista (...). E, no entanto, o movimento feminista não criou uma revolução feminista constante. Não acabou com o patriarcado nem erradicou o sexismo, nem a exploração nem a opressão sexista. E, como consequência, as conquistas feministas estão sempre em risco (2019, p.10).

Figura 38 - "As reivindicações femininas apoiadas por grandes homens".

As reivindicações femininas apoiadas por grandes homens

Em duas linhas, Montaigne fez toda a justificação do feminismo:

"As mulheres têm toda a razão quando recusam as regras de vida, que foram in-

Quantas vezes já se provou que se a mulher, até agora, não produziu tantas obras-primas como os homens, não foi por ser incapaz, nem por ser ella inferior ao homem e s'm porque a impediram de se instruir e de desenvolver sua intelligencia.

Isso só lhe foi permittido ha poucos annos!

Meçam o caminho que ella percorreu, desde que se abriram para ella as portas dos lyceus e das faculdades. As mulheres marcharam com passos de gigante. Em toda parte, nas artes, nas sciencias, no commercio e mesmo nas competições sportivas, provaram que não são inferiores e sim eguaes, que um cerebro feminino tem o mesmo valor de um cerebro masculino, que ha enfim uma paridade completa nos valores humanos, apesar das distincções de sexo."

Ha sobretudo uma phrase nas declarações do rei Façal para a qual deve ser chamada a attenção. Elle acha que a mulher deve se tornar, na sociedade, "um factor tão são e tão poderoso quanto o homem".

Naturalmente, Façal não se referiu ao verdadeiro espirito cavalheiresco, aquelle que leva o ente humano a voar em socorro de uma pessoa em perigo, ou infeliz, aquelle im-



Scena photographada na ilha Got Millet em sua famosa tela. Camilla e de Maria e de

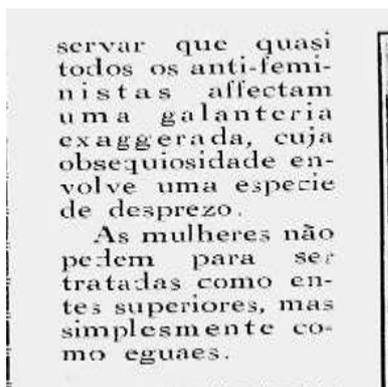
pulso espontaneo e corajoso, esse desinteresse absoluto, essa nobreza d'alma, que é o apanagio dos grandes corações. E' ao espirito cavalheiresco da Edade-Media, do tempo dos torneios e das côrtes de amor, que elle se refere.

Diminuiam a mulher com seu culto protector, porque a consideravam um ente fraco, incapaz de se defender e, por conseguinte, em estado de inferioridade.

Incensavam-a, atordoavam-a com flôres e madrigaes. Pareciam erguel-a sobre o throno, tratá-la como um idolo, mas era para melhor fazel-a escrava.

Tirando-lhe toda a iniciativa, que ganhava com isso sua dignidade?

Uma galanteria excessiva não é uma prova de respeito; a contrario, é a prova de que consideram a mulher um ente submettido á dependencia do homem, uma vassala. De resto, deve-se ob-



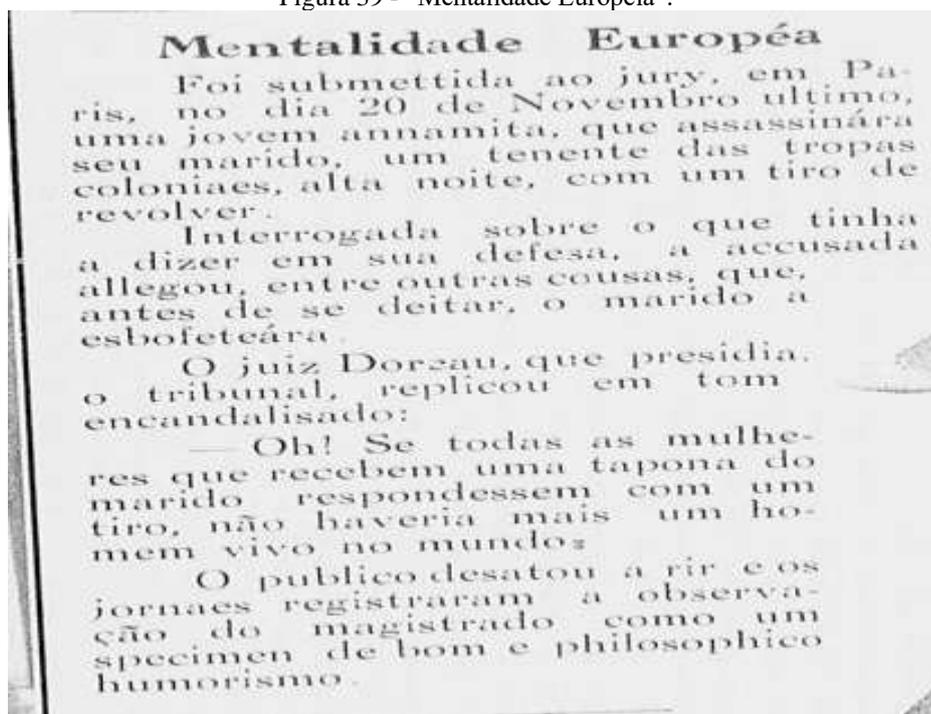
Fonte: EU SEI TUDO, edição 205, 1934, pgs 58, 59, 60.

A violência simbólica, atrelada à recidiva dos maus tratos sofridos pelas mulheres também pode ser visualizada nas páginas da revista “Eu Sei Tudo”. Uma matéria sobre o julgamento de uma mulher que assassinou o marido é salutar nesse sentido. Em uma das edições de 1935, a de número 213, especificamente, o argumento do juiz em relação à justificativa de que se todas as mulheres repetissem o ato não haveria mais homens. É interessante notar que, além da violência física narrada, há, no próprio discurso do juiz, replicado na revista, o incremento da violência simbólica que acaba, implicitamente e possivelmente sem querer, reafirmando os altos números de agressões ao sexo feminino. Vale salientar os crimes com óbitos de mulheres que, pelo menos até a década de 1980, em inúmeros casos, nem eram registrados¹⁴⁶. É preciso lembrar ainda que as mulheres não possuíam autonomia para realizar as atividades sem o aval masculino¹⁴⁷ e, se realizavam, sofriam sérios julgamentos. Foucault (2001) argumenta a respeito do poder como ferramenta de dominação unido à conjectura da definição de algo fixo e, assim, é detido por alguns indivíduos ou grupos, como no caso da matéria citada: o homem e a defesa do juiz, em seu discurso, bem como a reação cômica do público, partem da constância e da naturalidade da violência contra as mulheres. Dito isso, justificando os pontos que caracterizam a matéria: “a racionalidade é o que programa e orienta o conjunto da conduta humana. Há uma lógica tanto nas instituições quanto na conduta dos indivíduos e nas relações políticas. Há uma racionalidade mesmo nas suas formas mais violentas” (2010, p. 319).

¹⁴⁶ Ver: MASSUNO, Elizabeth. “Delegacia de Defesa da Mulher: uma resposta à violência de gênero”. In: BLAY, Eva A. **Igualdade de oportunidades para as mulheres**. São Paulo, Humanitas, 2002.

¹⁴⁷ Ver: BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**. São Paulo, Edusp, 1999.

Figura 39 - “Mentalidade Européia”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 213, 1935, p. 87.

O casamento é assunto corriqueiro na revista “Eu Sei Tudo”. Mostram-se diversas edições que tratam do tema, ora informando aos leitores a importância do casamento, a beleza e esplendor da união matrimonial, ora casos que refletem o casamento como algo induzido por um responsável específico, em grande parte pela figura paterna, e ainda um vasto número de feiras ou academias de casamentos¹⁴⁸. Beauvoir (1970) cita, utilizando o conhecido antropólogo Lévi Strauss, em *Les Structures elementares de la Parenté*¹⁴⁹: “O lado de reciprocidade que estabelece o casamento não se firma entre homens e mulheres e sim entre homens através de mulheres que são apenas a principal oportunidade dele” (1970, p.91-92). A citação de Lévi Strauss por Beauvoir (1970) parece sintetizar, em boa parte, o eixo basilar da matéria de 1936, edição 226, que unia diversos temas e informações, desde política, história, imigração e costumes e que se fez presente nas páginas da “Eu Sei Tudo” em diversas edições, tendo em vista que o tema do casamento era bastante frequente na revista.

¹⁴⁸ Utilizam-se destes meios para informar os leitores dos costumes de casamentos arranjados presentes em alguns países.

¹⁴⁹ LEVI-STRAUS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira: Petropolis: 1982, vozes. Disponível em: <https://classicos12011.files.wordpress.com/2011/03/lc3a9vi-strauss-claude-as-estruturas-elementares-do-parentesco.pdf>.

Figura 40 - "O Estado, agencia matrimonial - Uma escola de noivas".

O hymineu como funcção publica

O Estado, agencia matrimonial — Uma escola de noivas

Como se sabe, o Sr. Mussolini decretou medidas especiais, dando varias regalias aos noivos e aos que estão em viagem de nupcias; por sua vez, o Sr. Hitler regulou o casamento com leis mi-



Em marcha para o campo de experiencias agricolas, militarmente alinhadas, ao rythmo do tambor da felicidade.

nuciosas, que vão desde o exame pre-nupcial até a determinações detalhadas sobre a cor da pelle, dos cabellos, raça, etc.

Agora, é o governo japonéz quem resolveu intervir no *conjugo vobis*, sob o seguinte criterio:

Quando uma moça chega a certa idade, não deve contar unicamente com seus encantos, para arranjar casamento. E' claro que lhe será facil seduzir o coração de um ou mais rapazes. Mas isso é bastante apenas para casar. Para depois, para a vida de casada, entende o governo japonéz que as moças precisam de um verdadeiro bacharelato.

Ishni, a era de renovação total

O Japão faz tudo de modo bem diverso dos Europeus. Por exemplo. Todas as nações do Velho Continente



Uma alumna trabalhando alegremente na colheita do arroz.

tomaram ultimamente providencias severas para impedir ou reduzir a emigração.

No Japão vêem-se, justamente agora, por toda a parte, nas cidades como nos campos, cartazes exaltando as vantagens de viver num paiz estrangeiro. Verdade seja que esse paiz é a Mandchuria, estado creado pela diplomacia japoneza e que o Japão tem grande empenho em japonizar. Ora, para isso, o melhor meio é ter nelle uma grande colonia. Então, os cartazes dizem: "E's camponez? A Mandchuria te offerece terra fertil e mesa farta".

"Vives numa cidade? A Mandchuria é um verdadeiro paraizo industrial".

"Mulheres! Na Mandchuria a vida é alegre, cheia de festas e fogos de artifício".

"Homens! Trabalho, lucro, prosperidade. Só na Mandchuria".

"Japonezes e Japonezas! Comerciantes, operarios e camponezes. O caminho da Mandchuria é o caminho da felicidade. Vossos filhos serão felizes".

Esse é o melhor chamariz, porque os Japonezes têm pelos filhos adoração sem igual.

Quanto a annunciar as vantagens da emigração como as de um dentifício, isto tem por cusa o contraste entre a população e o territorio. A população cresce de um milhão por anno. Attendendo aos brados auspiciosos do governo, milhares de homens têm ido se installar nessa nova terra de promissão e, tendo encontrado, de factos, meios de vida



Assim do ensino estritamente utilitario, as alumnas da Escola das Esposas de Tokio recebem noções especiais para dar graça ao lar, aprendendo a combinar e dispor flores.

A matéria fala sobre a relação de governantes, totalitários, como Mussolini e Hitler que proporcionavam regalias aos homens, sendo estes os que atendessem as particularidades que as ideias políticas daqueles combinassem¹⁵⁰. O Japão, citado na matéria, buscou o caminho contrário da Itália e Alemanha, o país incentivou o casamento de suas mulheres com emigrantes para realizar o que chamaram de “japonização”. Com falas que incentivavam a construção de famílias felizes, a indústria e o trabalho buscavam a instalação destes indivíduos em sua sociedade, evitando assim a diminuição da população. Para atrair os homens, as mulheres recebiam diversos treinamentos, envolviam-se com agricultura, regras de etiqueta e cuidados com o lar. Beauvoir (1970) complementa:

A condição concreta da mulher não é afetada pelo tipo de filiação que prevalece na sociedade a que ela pertence; seja o regime patrilinear, matrilinear, bilateral ou indiferenciado (não sendo nunca rigorosa a indiferenciação), ela se encontra sempre sob a tutela dos homens; a única questão consiste em saber se após o casamento ela fica sujeita à autoridade do pai ou do irmão mais velho — autoridade que se estenderá também aos filhos — ou se ela se submete, a partir de então, à autoridade do marido (1970, p.92).

¹⁵⁰ Itália e Alemanha possuíam regimes totalitários governados por Benito Mussolini e Adolf Hitler, a população seguia as orientações do governo, censura, intolerância religiosa, xenofobismo, racismo e homofobia eram ações comuns. Ver: ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Figura 41 - "A onde está a felicidade?".

ONDE ESTA' A FELICIDADE?

Formou-se, ultimamente, uma liga de mulheres — justamente as que são consideradas mais felizes, as esposas dos grandes homens de negocios, multi-millionarios, que podem gastar e esbanjar, certas de que encontrarão sempre os respectivos maridos com o caderno de cheques aberto.

Essas mulheres adoptaram o nome de *Business Widows* (Viúvas dos Negocios) e protestam, bradando:

Um marido, que nunca está em casa, que almoça dictando ordens e cartas a suas stenographas, que janta com os socios e volta para a casa extenuado, sem um minuto para conversar um pouco e adormece immediatamente para sonhar com algarismos e negocios! Mil vezes ser a esposa de um artista, um pintor ou um escriptor, que passa o dia inteiro em casa e diverte a familia com seu bom humor, sua fantazia...

Bocca que tal disseste.

Surgiram dezenas de outras infelizes protestando.

"A fantazia, o bom humor dos artistas? Que pilheria! Até os *clowns*, por isso mesmo que riem e fazem rir nas horas do trabalho, estão sempre de mau

humor, em casa. Os pintores só pensam em sua arte e os escriptores, principalmente os humoristas, são quasi sempre neurasthenicos".

Isso lembra a historia contada pelo inglez F. Milne.

Um burro mirava-se na agua de um rio e suspirava por se achar tão feio.

Mas reflectiu e teve uma ideia. Atirou-se na agua, atravessou o rio e, chegando á outra margem, mirou-se de novo.

Seu suspiro foi ainda mais profundo. Do lado de cá como de lá sua feialdade era a mesma.

A matéria da edição 234, de 1937, buscou uma conversa entre as mulheres insatisfeitas em seus casamentos e que aderiram a ideia de um clube “As viúvas dos negócios”, formado por mulheres que estavam infelizes pela falta de atenção dos maridos dentro do casamento. Elas dialogam questionando a sorte que mulheres de artistas, pintores e outros homens de profissões teriam, pois assim seriam felizes. Em contrapartida, as esposas dos citados revelam que não seria apenas questão de sorte. Os artistas, pintores e outros homens de profissões “valorizadas” também teriam defeitos. Ao final, conta-se uma história a respeito do desejo da vida do seu semelhante e que nem sempre a vida que se imagina como sendo a vida dos demais seria, afinal, perfeita. A insatisfação, a luxúria, a vaidade, a avareza, a falta de diálogo e a busca constante por problemas são elementos indiretamente enfatizados no texto da matéria para caracterizar a mulher. Bell Hooks (2019) coloca que: “[...] mulheres são os alvos, pois os homens não receiam sofrer ou ser gravemente punidos se magoarem as mulheres, sobretudo as suas esposas e namoradas” (2019, p. 95).

Figura 42 - “As sete cousas de que uma mulher precisa saber para ser feliz”.

21.º Anno — N. 9 — Fevereiro 1938

MALEFICIOS DO GULF STREAM —
Essa corrente de água — verdadeira rio — que surge dos abismos vulcânicos do pólo do Mexico e vai até a

AS SETE COUSAS DE QUE UMA MULHER PRECISA SABER PARA SER FELIZ

Segundo um concurso de resposta realizado nos Estados Unidos.

Alguns amigos para conversar com intimidade.

lha da longevidade de seus filhos.

Este banquete presidido pelo prefeito do departamento, em homenagem aos mais velhos na comuna, reuniu dezoito habitantes maiores de 82 anos. O mais velho, o Dr. Massicard tem 98. As idades dos dezoito convivas, somadas, davam o total de 1.500 annos.

Note-se que Courmentin tem apenas 1.108 habitantes.

Um marido...

Uma família...

Fonte: EU SEI TUDO, edição 249, 1938, p. 26.

Figura 43 - “Quatro e cinco”.



Um filho para cuidar.

Um jardim para tratar.

Fonte: EU SEI TUDO, edição 249, 1938, p. 26.

Figura 44 - “Seis e sete”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 249, 1938, p. 27.

A revista “Eu Sei Tudo” apresentou, em uma de suas edições, em 1938, “Sete coisas que uma mulher precisa para ser feliz”, indicando, em uma sequência de fotos, as razões que

fazem uma mulher feliz. Novamente, o assunto casamento se faz presente. O status de mulher casada, na matéria, foi colocado como significativamente importante para a felicidade feminina. A beleza, os filhos, os cuidados com a casa e a vida social ao lado do marido eram fatores determinantes para a felicidade feminina. À mulher, a reserva da ideia de felicidade é atributo de construção identitária: “Ora, na construção das identidades, a glória é masculina e a felicidade, feminina. A felicidade, para as mulheres, é uma obrigação ardente, individual e familiar, e às vezes coletiva (sendo então a chave dos engajamentos sociais)” (PERROT, 2007, p. 99).

A felicidade da mulher sempre foi assunto debatido nas páginas da revista “Eu Sei Tudo”, pois o “ser feliz” não dependia apenas da figura feminina e sim de uma imagem utópica das ações que acarretam a felicidade. Beleza, estabilidade financeira, bom casamento e família, introduzidos pela cultura patriarcal de que o comportamento da mulher melhora com estes elementos, ofereceriam as bases da felicidade. A revista buscou vincular essa específica ideia de felicidade a ser conquistada, por intermédio de determinadas atitudes, sobre o dia a dia feminino. A edição a seguir, cita a matéria de entrada do número 261, ano de 1939, que traz Adão e Eva como personagens em destaque em um quadro pintado pelo pintor americano George Wetherbee. As informações que chamam a atenção dos leitores referem-se ao título: “O primeiro homem que não pode ficar solteiro”, seguido de informações que subentendiam a mulher como o equivalente da tentação que levou o homem ao erro e ainda, um questionamento que pairava a recompensa por ele ter se arrependido de seguir as ordens fornecidas por Deus.

A religião é um tema bastante abordado na revista “Eu Sei Tudo”, diversas matérias apontam Adão e Eva como temática central abordada. A partir delas é possível aludir à questão do pecado: a tentação que a mulher proporciona ao arrastar o homem para fazer algo proibido. A expulsão do paraíso, o erro seguido de uma culpa e tantas outras inquirições que se fazem presentes, principalmente nos preceitos do catolicismo. Tem-se também outras religiões como discussão e apontamentos a cargo de curiosidades em geral. Muitas delas têm a mulher envolvida em seus escritos e em imagens. Na matéria o surgimento humano aparece delineado por meio das culturas. Citam-se diversos povos primitivos. A mulher leva o título da obra, indiretamente, mas não é citada na primeira página. O destaque mais significativo e que estrutura o texto da matéria circunscreve-se na origem do homem e as consequências negativas que recebe pelas ações da influência feminina.

Bourdieu (1995) coloca que a questão religiosa parte de concepções invisíveis, mas que são responsáveis para formar pensamentos inesperados. O pensamento livre que os

indivíduos julgam ter está, via de regra, marcado por interesses, ações, resultados, preconceitos e julgamentos de pessoas alheias. Bourdieu (1995) ainda coloca que isto ocorre por se tratar de uma relação desigual de poder e que traz consigo a aceitação dos grupos dominados. O argumento do sociólogo francês serve para compreender o caso da mulher na religião que carrega o fardo da expulsão do paraíso. Assim, a submissão, a violência, o preconceito e a desigualdade são decorrências dessas relações de poder implantadas e encontram-se, fundamentalmente, nas histórias religiosas.

Um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais” (BOURDIEU, 1995, p.156).

Figura 45 - “O primeiro homem que não pode ficar solteiro”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 261, 1939, p. 7.

Através da análise das matérias é possível observar as constantes mudanças do posicionamento da “Eu Sei Tudo” ao referir-se à mulher e suas ações. Indubitavelmente o *status quo* permanece presente nas matérias em sua grande maioria, mesmo veiculando informações sobre o feminismo pelo mundo. A reprodução do *habitus* está constantemente presente nas matérias e anúncios da revista, pois visa atingir um público afeito com a mulher

na submissão. Todavia a entrada da primeira onda feminista, segundo Cisne (2014) foi a aproximação das lutas sociais e a busca das mulheres da burguesia por direitos políticos, educação e maior voz frente a um assunto bastante corriqueiro da revista “Eu Sei Tudo”, o casamento. O segundo momento dos avanços das mulheres perpassa a análise estabelecida, todavia a revista expunha alguns dos feitos realizados, como no caso de edições de 1918, 09, p. 10, que contava aos leitores piadas/frases como um teor ácido: “Entre duas mulheres não pode existir verdadeira amizade se não quando uma delas é feia”. Dois pontos podem ser encontrados aqui: a questão da competitividade feminina em diversas áreas (pública ou privada) e a juventude como temas de grande importância.

Em compensação, a mesma edição de 1918 traz na página 83: “Mulheres famosas” falando a respeito das ações femininas ao longo da história.

Na presente guerra tem aparecido notícias de varias mulheres que, por diversos motivos e sob variados pretextos, têm se batido nas linhas de fogo com soldados; especialmente na Servia e na Russia já ouve muitos casos d’esses gênero, mas ao que parece o único exemplo de uma mulheres pertencendo regularmente a um exercito como combatente de linha é o de Alexandrina (aliás Rosa Liberté) Barreau, que serviu no tempo de Napoleão I, foi condecorada e teve no fim da vida acolhimento do Asylo de Invalidos de Paris, como veterano da grande época (EU SEI TUDO, 1918, p.83).

O mesmo acontece ao se referir às mulheres na cultura marroquina e todo o desprezo de uma vida baseada apenas em servir seus maridos, que as escolhiam. É velado na revista e institucionalizado no Marrocos uma cultura em que costumes como casamentos infantis, com dotes¹⁵¹, a poligamia e a perseguição às mulheres é comum.

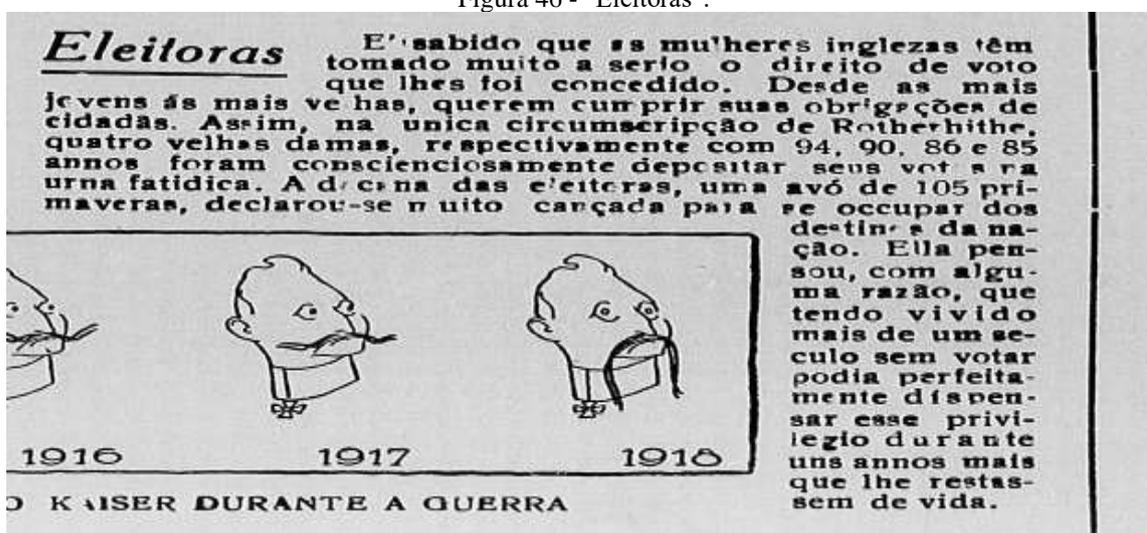
É possível verificar um comparativo de exaltação da mulher em partes e em outros momentos retém-se o *status quo*. Cita-se na matéria, “Mulheres famosas” informações sobre documentos que marcam a veracidade das informações da presença feminina em feitos históricos, a cargo de reforçar com fatos a importância destas. E na outra matéria, “Mulheres no Marrocos”, o tema se mostra outro:

Encantadoras verdadeiramente são as raparigas berberes. Mais envelhecem muito depressa: aos doze anos são mães e aos vinte e cinco anos, avós. As núpcias são acompanhadas de cerimoniais interessantes. E’ sempre o homem que paga os pais o preço da mulher (EU SEI TUDO, 1918, p.97).

¹⁵¹ Dotes são práticas antigas de transferência de propriedade família, no caso as filhas, em troca de dinheiro ou bens, por um casamento. Ver: NAZZARI, Muriel. **O Desaparecimento do Dote**: mulheres, família e mudança social em São Paulo-Brasil, 1600-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Na edição de 1919, o tema abordado é o voto, cita-se a Inglaterra como cidade que recém havia conquistado esse direito, ocorrido no ano de 1918. Então a matéria expõe a comodidade de senhoras com mais de 90 anos em não em exercê-lo. Identifica-se que mesmo atingindo a capacidade de expor opinião, a demora para a realização eleitoral ocasiona uma aceitação histórica, seguida da não necessidade de votar, dispensando assim, as mulheres da oportunidade de exercer seus direitos políticos. Constata-se que mesmo tendo o voto, as mulheres acabaram abstendo-se de votar. Por não estarem acostumadas com o ato de votar, ocasionado tanto pela demora, quanto pela falta de conhecimento ou mesmo pelo atraso histórico e falta de proximidade com a temática que lhes foram ações negadas por anos.

Figura 46 - “Eleitoras”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 23, 1919, p. 51.

A revista “Eu Sei Tudo” se mostra neutra em uma grande quantidade de edições, nas quais não se encontram a presença de fatos ou informações femininas ou feministas. É preciso dizer que um pouco mais de seis edições não possuem matérias, imagens ou anúncios vinculados à mulher. Entende-se que essa ausência demonstra a não alteração do *status quo*. Mantem-se as características do feminino sobrepondo o feminista, que ocorre pela inalterações, no que é dito ou nos não ditos, do posicionamento da revista e dos sujeitos sociais. A ausência de matérias ligadas ao feminino ou ao feminismo se dava, também, pela rotineira falta de informações e incertezas que o período Entreguerras, de certa maneira, impunha. Fomentada pela falta de material, a revista “Eu Sei Tudo”, acabava publicando matérias sobre o passado, como já demonstrado anteriormente. A vista disto, a revista “Eu Sei Tudo” superlotava seus leitores com um vasto número de temas, assuntos e elementos, muitas vezes, como supracitado, recorrendo a reedições de matérias, sendo possível observar esta

maneira de elencar tanto o feminino quanto o feminista com a dissimilitude de poucas páginas. É possível encontrar uma interpretação da imagem da mulher dos anos do período Entreguerras com uma ruptura de ideais femininos, sem a rotulação de esposa, boa mãe, vaidosa e dona do lar, substituído por uma trabalhadora, votante e com liberdade sexual, por intermédio da revista. Porém, logo esta ideia se revoga voltando *ao status quo* de inferioridade e de dependência masculina. Esta troca pode ser justificada pela falta de um público único disposto a apenas um tipo de informação sobre os temas.

A revista “Eu Sei Tudo” não só mantém o *status quo* da mulher como feminina e toda as atitudes que esta palavra carrega, como propaga, inúmeras vezes, estes atos com diversos exemplos e discursos, piadas, charges, histórias e até mesmo pelo reforço da inferioridade em inúmeras culturas. O mesmo corrobora com a beleza, a vaidade, vocação de casamentos e boa mãe em inúmeras ocasiões. “O bom feminismo”¹⁵² é encontrado na edição de 1922, 58, página 22, em que mostram moças realizando exercícios que auxiliem em casos de incêndios, escondem por trás da proposição de certa “autonomia” – no caso, socorrer pessoas em situação de emergência -, o papel perene de cuidadora. Compreende-se que essas atividades, realizadas por mulheres, consistem na ambivalência do feminismo; na mesma edição, o “Bom feminismo” volta a ser tratado, agora com a figura feminina realizando atividades físicas ou quebrando recordes mundiais em categorias como atletismos, corrida com obstáculos, ou lançamento de “javelot”. Em ambas as situações as mulheres realizam atividades novas e de destaque, carregando o ideal de que o feminismo possui dois lados, o bom e o mau. O mau é possível ser encontrado nas edições de 1923, 69, página 33, com o “Cumulo do feminismo”, onde duas toureiras são expostas.

¹⁵² “O Bom Feminismo” aparece com uma coluna na revista “Eu Sei Tudo”, das edições analisadas, em um primeiro momento, no ano de 1920, na edição 35, após a coluna aparece dezenove vezes expondo informações sobre o favorável feminismo, com colocações a respeito da mulher dentro da sociedade. Identifica-se diversas imagens que colocam a figura feminina em diversas situações, com o intuito de evidenciar fatos sobre o feminismo e o feminino conforme as ideias da sociedade. Isto ocorre por ser um elemento importante de análise do feminismo em expansão dentro da revista, a coluna não é recorrente, porém aparece em diversas ocasiões e também de maneira consecutiva nas edições, variando conforme o tema. Como contraponto, encontram-se duas edições que trazem a coluna: “Péssimo Feminismo”, opondo-se a aqui citada, com a intenção de explorar os pontos negativos do feminismo na revista “Eu Sei Tudo”.

Figura 47 - “O bom feminismo”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 58, 1922, p. 22.

Figura 48 - “O cumulo do feminismo”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 69, 1923, p. 33.

O mesmo é encontrado na edição de 1928, 135, com duas matérias a respeito do “Bom feminismo”, página 22 e 66:

Figura 49 - “O bom feminismo”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 135, 1928 pgs 22 e 66.

As duas matérias informam o lado positivo do feminismo com a mulher dominando saberes e práticas que antes eram reservadas aos homens, como no caso da montaria em cavalos e a conquista do título de engenheiro metalúrgico, “[...] as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública” (ALVES, 1981, p.40). Assim, eventualmente, conquistas e destaques obtidos eram expostos de maneira a reforçar a entrada feminina neste campo. O que para os homens era já bastante comum, para as mulheres era algo a ser notificado e informado com ênfase, recebendo um espaço em meio a outras notícias:

Com uma forte perspectiva liberal, essa tendência não associava, tampouco confrontava a desigualdade da mulher em relação aos privilégios do homem. Em outras palavras, essa tendência buscava direitos políticos para as mulheres sem confrontar o patriarcado e o capitalismo como sistema de exploração e opressão das mulheres (CISNE, 2014, p.106-107).

Veicular essas informações no Brasil era um meio de fomentar e moldar as tendências feministas do mundo de forma nacional. Assim, a revista “Eu Sei Tudo”, mostrava as conquistas das mulheres na ciência, nos estudos, nos esportes via de regrarem comparativos com os homens. Muitas destas divulgações eram informadas pelo atraso histórico da história

das mulheres no Brasil em comparação com os Estados Unidos e Europa. Em âmbito brasileiro os avanços do movimento feminista passam a ocorrer a partir de 1980, com uma diferença de um grande espaço de tempo, comparado à revista “Eu Sei Tudo”.

Cisne (2014) assevera que todas essas dificuldades possuem fundamentação histórica e completa:

Não é fácil, porém, resolver uma plataforma políticas os dilemas que a teoria política feminista faz aflorar. A afirmação de que uma única matriz de desigualdades, seja ela gênero, classe, raça ou qualquer outra, está na raiz de todas as formas de dominação faz silenciar as experiências de muitos grupos que representa uma simplificação que, hoje, é dificilmente sustentável (2014, p.151).

A revista “Eu Sei Tudo”, mesmo com sua maior circulação no Brasil, acaba tendo seu conteúdo retirado de países como Alemanha, França, Japão e Estados Unidos. A recorrência de informações sobre estes países era comum por se referirem a esses centros como lugares de avanços científicos, de conquistas tecnológicas e de moda, dispondo da influência a serem seguidos pelos demais, como no caso do Brasil¹⁵³.

Em relação aos possíveis efeitos do movimento feminista no mundo, no Brasil¹⁵⁴, figura importante foi Bertha Lutz (1894-1976) que defendia os avanços femininos no mesmo período em que a revista “Eu Sei Tudo” circulou. A partir da fundação da denominada Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM), Bertha Lutz buscou estudar questões centrais do movimento feminista e das mulheres. “Como você sabe, tenho estado à espera de encontrar algum tipo de associação destinada a ajudar o movimento feminista no país, estimulando, consolidando e reunindo esforços pessoais nesse sentido. [...] Agora eu consegui ser bem-sucedida e a iniciei este ano” (LUTZ, 1920)¹⁵⁵. Mesmo realizando trabalhos em prol do movimento feminista no Brasil, a revista “Eu Sei Tudo”, em suas páginas, não destacou esses avanços, mantendo a ideia de *status quo* presente na sociedade. É possível observar a falta de informações sobre este importante ato feminista ao analisar a edição de 1924 da revista, momento no qual a associação liderada por Lutz, tem seu nome trocado para Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e também a criação de um hino, de autoria de

¹⁵³ Ver: CAPELATO, Maria Helena. “História do tempo presente: a grande imprensa como objeto de estudo”. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do Tempo Presente**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2014, pp 299-315.

¹⁵⁴ Cita-se o momento histórico com a presença de Bertha Lutz pela proximidade de suas ações em prol do movimento feminista com o período analisado do Entreguerras dentro da revista “Eu Sei Tudo”.

¹⁵⁵ Informações retiradas do Arquivo Nacional, no conjunto de documentos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF).

Maria Eugenia Celso¹⁵⁶ e Joanidia Sodré¹⁵⁷, expondo os ideais feministas, mas que ao mesmo tempo reforça a ideia de mulher mãe e boa esposa como anseio feminista. “Desde a origem das coisas no mundo. Sempre foi meu mais alto labor. Sendo Mãe dar um gesto fecundo. As crianças e as Mães todo amor. Todas juntas na conquista. Deste novo e sagrado mister. Que é a essência do ideal feminista. Tudo à mulher, pela mulher!” (HINO FEMINISTA, 1922).

No âmbito público, Biroli (2014) coloca como a corroboração da sociedade na construção do “papel da mulher” é ponto de destaque para a reprodução do *status quo*:

[...] a esfera pública estaria baseada em princípios universais, na razão e na impessoalidade, ao passo que a esfera privada abrigaria as relações de caráter pessoal e íntimo. [...] Papéis atribuídos a elas [...], como a dedicação prioritária à vida doméstica e aos familiares, colaboraram para que a domesticidade feminina fosse vista como um traço natural e distintivo, mas também como um valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios. A natureza estaria na base das diferenças hierarquizadas entre os sexos (BIROLI, 2014, p.32).

Scott (2002) aponta que a diferença sexual não consiste apenas como um fator natural, mas sim uma justificativa plausível por parte da sociedade para a aceitação da mulher como ser inferior. O discurso presente na sociedade analisada da revista “Eu Sei Tudo” é a reprodução desta ideia de lugares distintos, ou seja, a mulher possui um lugar contido na subalternidade do homem, seja dentro dos lares ao praticar as tarefas, ou no próprio casamento, onde esta cuida tanto do marido como dos filhos. E ao adentrar no ambiente público, trabalho, esportes e vida social ainda necessita conciliar os trabalhos da vida privada, acumulando funções.

A manutenção da mulher como ser culturalmente voltado aos afazeres domésticos e à vida em família se baseia no que Butler (2003) coloca como elementos passíveis de uma lei cultural austera e de grande dificuldade de mudança, ou seja, o *status quo*.

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinante e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p.26).

Os gêneros masculinos e femininos constroem um paradoxo em relação ao discurso de identidade, mesmo com a relação direta de homem e mulher por meio da elevação do primeiro como superioridade, problematizando a análise de gênero. Butler (2003), Perrot

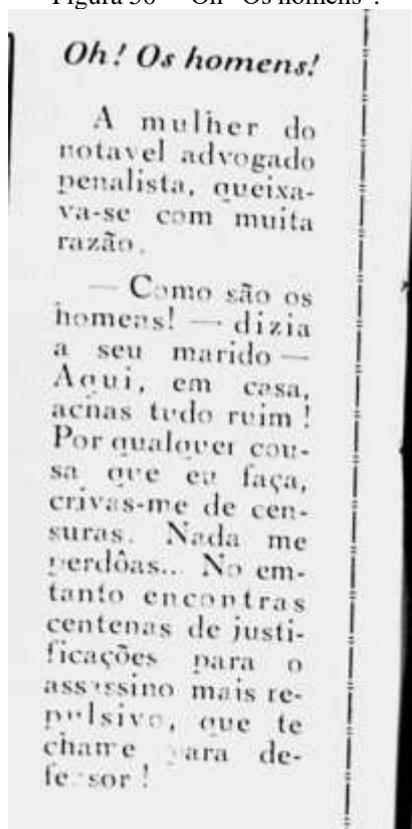
¹⁵⁶ Ver: AZEVEDO, Carla Bispo. Maria Eugênia Celso: **Entre o impresso feminino e o espaço público (1920-1941)**. Rio de Janeiro: 2015. Disponível em: http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8638

(1988) e Scott (2002) questionam a flexibilização do termo gênero como apenas feminino, pois o masculino não precisa ser afirmado e nem conquistar seu espaço. Isto ocorre, pois é afetado diretamente o substantivo, através do questionamento do significado e a forma como se estuda essa área para modificar a história das mulheres em seu todo.

A revista “Eu Sei Tudo” publicizou ideias e temáticas envolvendo: sonhos, objetivos, conquistas, áreas de estudos, vestimentas, acessórios, status de relacionamento, esporte, beleza, conquista de profissões, concursos, negócios, política e economia que abrangem os dois lados, o feminino e o feminismo, conforme as tendências da sociedade e o interesse de seus leitores. Observa-se que se mantém o artigo masculino, a exemplo da menção a Miss Elaur, formada “recentemente” no curso de “engenheiro metalúrgico”, taxidermista, entre outras.

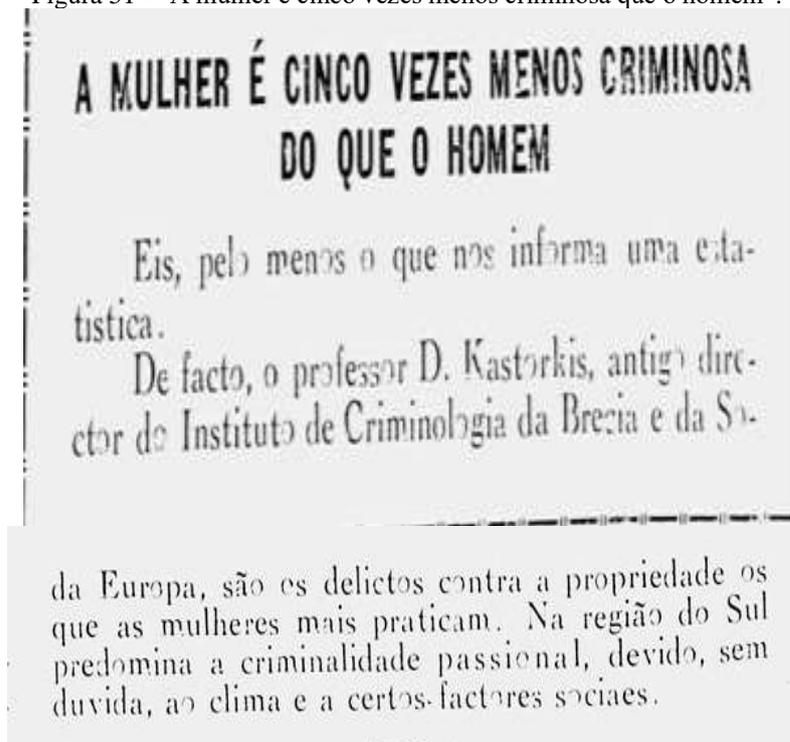
É perceptível a ambiguidade da revista ao referir-se à mulher em alguns sentidos, a exemplo dos temas do feminismo e feminino, do nacional e exterior. Esta hesitação é vista em matérias como: “Oh! Os homens” (1931, edição 175) e também em “A mulher é cinco vezes menos criminosa que o homem” (1931, edição 167).

Figura 50 - “Oh” Os homens”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 175, 1931, p. 48.

Figura 51 - “A mulher é cinco vezes menos criminosa que o homem”.



Fonte: EU SEI TUDO, edição 167, 1931, p. 24.

As ações e as atividades da mulher são comparadas concomitantemente nas matérias expostas. A relação do homem para com as situações é comum, aplicar ao gênero feminino é que era uma novidade. A questão atinente à nacionalidade da revista ser brasileira, mas, ainda assim, manter temática quase que totalmente europeizada é extremamente visível na análise do escrito, pois não se encontram informações recorrentes sobre o Brasil, em comparação, a Europa, América do Norte e Ásia, são a maioria. Para Foucault (1979), isso se deve aos regimes de verdade

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro (1979, p. 12).

Tanto Michel Foucault como Pierre Bourdieu denotam que as ações de uma sociedade estão ligadas às relações de poder que os grupos mais fortes aplicam sobre os mais fracos. É a linguagem que transporta o poder de indivíduo para indivíduo. Uma revista, como no caso da “Eu Sei Tudo”, influencia diretamente os posicionamentos de quem a lê. Por intermédio da prática é que se introduzem os costumes, chamados de tecnologias do eu, que conduzem o poder por meio da subjetividade, com aspectos comuns na sociedade que nem necessitam sua

introdução. Bourdieu (2002) afirma: “A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) [...]” (2002, p.46). Tal relação é evidente nas páginas da revista em estudo. Deste modo é possível averiguar as distinções que a revista apresenta, mesmo pontuando as ações da mulher, corroboram com a permanência do status quo feminino, sem expectativas de desenvolver e fortificar o feminismo.

Sobressai a ideia de que “Historicamente nunca houve um momento em que a mulher tenha sido plenamente aceita, de maneira fácil e natural como membro igual em uma sociedade, assim como o homem o é” (GRILLO, 2006, p. 19)¹⁵⁸. A “Eu Sei Tudo” simboliza as ideias do corpo social presente no momento histórico do período do Entreguerras, que traz a mulher como ascendente aos direitos trazidos pelo movimento feminista, como também a manutenção da vida da mulher voltada à inferioridade natural do sistema capitalista, hereditário e patriarcal.

¹⁵⁸ GRILLO, Karla Coelho. **A imagem da mulher como argumento de venda na publicidade**. Universidade de Santa Catarina. Palhoça, 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Representar, no início do século XX, mulheres como responsáveis pelos ofícios tidos até então como masculinos foi algo significativo. Divulgar e fortalecer esta importância, algo maior ainda, mesmo que, oportunamente. Passado mais de um século, ainda é possível encontrar revistas que tratam as mulheres como preocupadas apenas com a estética e, ao serem questionadas sobre o feminismo, se mostram extremamente conservadoras. É necessária uma observação dos magazines de contextos históricos anteriores para que se possa escrever uma história das mulheres, baseadas nos equívocos de representação cometidos, tendo em vista fomentar um olhar crítico que sirva para questionar aspectos naturalizados pela sociedade de modo geral.

Não se observa a igualdade de gênero nas páginas da revista. Tanto na divulgação quanto nas próprias matérias da “Eu Sei Tudo”. No entanto, já se pode perceber progresso no pensamento a respeito das causas femininas e feministas. As mulheres passaram a estampar capas não só voltadas ao corpo e ao mundo doméstico, mas também em referência ao mundo intelectual, por exemplo, representando a mulher como ser pertencente e importante na sociedade, seja dentro ou fora dos lares.

A revista não possuía um único perfil de matérias feministas, o posicionamento acaba por informar sobre o movimento feminista no mundo, porém não se exalta, não se ensina e não se fomenta a respeito do tema. Constata-se que isso ocorre pela ideia de imparcialidade e também falta de interesse da própria revista em vincular matérias que expressem as correntes feministas no período analisado. Não é possível identificar a revista “Eu Sei Tudo” como um magazine em prol do feminismo, mesmo que algumas matérias informassem sobre o feminismo, a revista não se configurou como uma referência para as diferentes linhagens do movimento no Brasil. Informar nem sempre significa apoiar. Mostrar que havia correntes em prol da equidade de gênero não significava avanços no campo das conquistas feministas. Assim, mesmo tratando do tema, a revista não coloca apoio ou divulgava um discurso feminista, pois não era a intenção principal do magazine.

A estratégia de ampliar as faces de veiculação da mulher esteve ligada a criação e ampliação de um público promissor para revista. Formar laços entre revista e leitor sempre foi o objetivo principal dos editores e, naquela conjuntura, as mulheres era um público a ser conquistado, pois estavam diretamente relacionadas ao consumismo. Isso fez com que a revista “Eu Sei Tudo” publicasse e anunciasse inúmeros produtos, em caráter de publicidade,

direcionados exclusivamente para as mulheres e que, de forma rápida e certa, geravam lucros.

Ainda que o objetivo desse estudo não tenha sido a análise das produções publicitárias, destaca-se que as empresas, em geral, buscavam patrocinadores e anunciantes que pudessem vincular seus produtos à imagem da revista e esta aproveitava-se disso para lucrar. Uniam o anúncio ao conteúdo para agradar ao público e, conseqüentemente, atrair mais leitores e mais anunciantes. Expressa-se uma relação direta de poderes por meio da relação anunciantes/revista/leitor, entre eles aqueles ligados à disputa política, com símbolos de dominação e subordinação. O anunciante aplicava dinheiro na revista, esta vinculava seu produto e o leitor consumia ambos. No topo de consumidores de produtos anunciados estavam as mulheres, dando voz a ideia do gênero feminino como importante no foco do magazine ilustrado “Eu Sei Tudo”.

O imaginário atrelado ao universo feminino se fez presente desde o princípio da revista. Em contrapartida, o feminismo teve de conquistar seu espaço e construir seu próprio discurso. Ao total das 252 edições, no período de 21 anos, foram 776 matérias que trataram do feminino ou do feminismo, nas revistas analisadas, com uma recidiva maior ao feminino e ênfase a colunas como “Canheno de uma gulosa”, “A arte de ser bela”, “Concursos de beleza”, “Tipos de beleza” e “Economia doméstica” que apareceram em maior número de edições, a despeito do número de matérias a respeito do movimento feminista.

Ao se tratar sobre o feminismo, percebeu-se nas matérias que a temática era algo que se fazia presente antes mesmo do entendimento do que era realmente o feminismo por parte do público geral no Brasil. Pode-se encontrar, nas páginas da revista, o movimento feminista – e o feminismo – em várias passagens, de maneira subentendida. De muitas maneiras, isso estava ligado ao contexto do Entreguerras onde a atuação da mulher em campos antes reservados aos homens foi essencial. Existia também na criação de inúmeras experiências e experimentos, teorias, porcentagens, produtos, entre outros, tendo em vista o diagnóstico através da revista “Eu Sei Tudo” como fonte importante na propagação destes ideais, mesmo que sem a relevância devida.

De outro modo pode-se conjecturar que a revista “Eu Sei Tudo” dividia-se ora para representar a imagem da mulher como dona de casa, adepta ao cômodo lar, interessada em ler matérias sobre organização familiar, cuidados da casa, cultivo e usos ervas e preparação de chás; ora, poderia ser o interesse pela mecânica, possibilidades de viagens à Lua ou o anseio pelo voto.

A história das mulheres não é colocada lado a lado com a dos homens e isso se reflete principalmente, na análise do passado. Assim, existe uma separação feita pelos historiadores em que se dá apenas parte do reconhecimento da existência de uma história das mulheres. Indica-se a sua participação, porém sem informações ou atos importantes realizados, sem um detalhamento, sem ser o foco principal. Sobressaem nomes importantes e já muito conhecidos, como nas páginas da “Eu Sei Tudo” onde figuraram Joana D’arc, Anita Garibaldi, Rainha Helena, Rainha Victoria, Anna Bonnuz, Helen Crowley, Princesa Mary, além de cantoras, atrizes, misses, vencedoras de concursos. Porém, muitas outras, incontáveis, inúmeras, acabavam às sombras dos nomes masculinos ou relegadas em um grande grupo sem o devido reconhecimento. Isso nos remete à necessidade de análise não só da vivência masculina e da participação feminina no passado, mas sim, a relação entre que se estabelece entre o que foi o decorrido e a história do presente, ou seja, a forma como a participação feminina é retratada.

A temática das matérias enunciadas com as figuras femininas e a maneira como se representa a mulher foram problematizadas neste trabalho. Observou-se que a figura da mulher está presente na notícia, porém nem sempre é o centro. Mesmo quando a chamada destaca os feitos de mulheres, o homem, em algum momento, aparece em equivalência. Ainda que a figura feminina leve o título e a imagem, algum ponto mostra a relação com o patriarcado, direta ou indiretamente.

Para que o trabalho de pesquisa atingisse os objetivos propostos foi necessário buscar as influências presentes na trajetória de formação do campo de produção das revistas no Brasil anterior ao surgimento e criação da “Eu Sei Tudo” e como essas revistas se referiam às mulheres. Foi possível constatar, neste aspecto, uma particularidade comum: o feminismo não era o objetivo a ser disseminado, porém a mulher era um público importante a consumir os conteúdos das revistas, próprias que vieram antes e a própria “Eu Sei Tudo”. Os assuntos recorrentes baseavam-se na mulher no ambiente privado de suas casas, após terem tido uma educação doméstica durante a juventude e, tendo como fim último, um casamento que lhe acarretasse filhos e a ideia de família feliz.

Para entender esse contexto, concomitante e anterior ao surgimento da “Eu Sei Tudo” foi necessário recorrer aos estudos sobre a cultura da mídia. Foram também fatores importantes para compreensão do contexto que antecede o século XX, ferramentas introdutórias de algumas das principais ideias feministas conquistadas ao longo do século XX. Em meio a um período marcado por uma realidade de vozes femininas silenciadas, propagar, através de revistas, mesmo com um pequeno espaço, algumas das suas lutas e conquistas,

pode ser considerado como um grande avanço. Adentrar um campo masculino carregado de preconceitos, ganhar espaço e veicular informações que propunham o questionamento patriarcal era e ainda é uma ação delicada e que propicia a indagação dos princípios que formam a sociedade ocidental.

A mulher fora da esfera privada passava a ganhar espaço no mercado de trabalho. Profissões que antes eram apenas reservadas aos homens começavam a ter que incluir a competitividade feminina. Há de se considerar que não eram todas as mulheres que almejavam o trabalho como conquista feminina, pois se viam confortadas na posição de donas do lar. Todavia o advento de tecnologias, autonomia e direitos passava a ser algo mais próximo, atrelado ao contexto de transformações ao longo do século XX. A própria revista “Eu Sei Tudo” divulgava os feitos e avanços do feminismo no mundo, possibilitando a informação chegar a um grande número de leitores, colunas sobre o “Bom Feminismo” eram comumente encontradas na revista.

Mesmo com os “bons ventos” informando as progressões do movimento feminista na revista, encontrava-se o movimento contrário, junto à ideia de possível superioridade e suposta substituição dos homens por mulheres. Pode-se observar, a partir do que foi analisado, a constante inquietação dos editores, autores e repórteres ao falar sobre a mulher na “Eu Sei Tudo” Em alguns momentos ela era frágil, preocupada com a beleza e se associava à figura da dona de casa. Em outros momentos, é a aviadora, taxidermista, engenheira e praticante de esportes, competindo visando medalhas olímpicas. Por observar esses paradoxos nas publicações da revista, buscou-se categorizar as representações da mulher e observar suas menções, tanto no feminino quanto no feminismo, objetivo central deste trabalho de pesquisa que resultou na dissertação de mestrado.

O elo entre feminismo e feminino se dá pelas constantes relações de poder presentes na sociedade no período analisado, 1918-1932, influenciados diretamente pelo contexto do Pós Primeira Guerra Mundial, perpassando algumas das transformações que o conflito acarretou e, sucessivamente, nas posições sociais ocupadas pelas mulheres. Destaca-se que feminino e feminismo, por diversos momentos, se mesclam nas matérias da “Eu Sei Tudo”, como também se sobressaem um ao outro, em outros momentos. Questionar a presença das mulheres nas guerras e nos acontecimentos históricos, por exemplo, apareceu de maneira recorrente e, sendo possível observar este fato nas matérias que citam os acontecimentos conhecidos pela história e que a revista recorta e coloca a mulher como personagem. Como no caso de rainhas e princesas que passam a ganhar nomes e às cientistas que têm suas criações citadas, detalhadas e valorizadas. As esportistas que recebem as glórias por participarem de

importantes competições, entre outros destaques. Não obstante, na mesma edição, a mulher continua aparecendo em concursos de belezas, em cuidados com o marido, casamentos, cozinha, bordado e acessórios que pudessem ser úteis para a casa ou para as vestimentas. Proporcionava-se o feminismo a cargo de curiosidade mundial e o feminino para manter a estável estrutura patriarcal.

A investigação a respeito da representação da figura feminina influenciada pelo movimento feminista dentro das edições da revista “Eu Sei Tudo” é perceptível ao longo da análise das edições, seja de maneira mais direta, com títulos expondo o feminismo, ou indireta, quando os editores relacionavam o teor da matéria ou da reportagem à mulher. Parece inteligível nas narrativas de fatos ocorridos em outros séculos ou na comparação com os homens, a positividade no resultado final que é contado ao público. Em virtude disso, esta pesquisa colabora com os estudos de gênero, propondo uma análise aprofundada a respeito da revista “Eu Sei Tudo” em um recorte cronológico de 21 anos que se vincula diretamente ao período do Entreguerras. além de procurar compreender como, afinal, as informações do movimento feminista chegaram aos leitores brasileiros e se, de algum modo, foram importantes para a mudança de perspectiva sobre o feminismo.

Confirmou-se que a revista “Eu Sei Tudo” desenvolve algumas ideias do movimento feminista, sobretudo quando divulgou informações, como o avanço do movimento feminista no mundo, atrelado a questões como o voto, o trabalho, o corpo e até mesmo o divórcio, tema que aparece em algumas edições. Em contraponto às ideias feministas que se buscou encontrar na revista, o feminino ou anti-feminismo, recorrente nas matérias, é oposição à ideia central. Lavagem de pratos, vestidos e concursos contrapõem e alavancam o feminino como sendo mais importante que o feminista.

As constatações giram em torno da permanência da sociedade, ao *status quo* patriarcal presente na época, que não modifica a situação em que a mulher se encontrava, e ainda, gerava o questionamento a respeito da importância do movimento feminista. Isto ocorria pela indiferença que as notícias eram postas, deliberadamente expostas em meio a outras matérias, com fotos e legendas indiretas que acabavam perdendo o destaque e não recebiam a importância necessária.

A aceitação do termo *gênero*, por ser mais palatável, nada mais é que uma forma de silenciamento que ocorre apenas a um tipo, ao feminino, pois é este que precisa ser reforçado e lembrado de suas ações, de modo a ter que burlar o sistema para poder teorizar a respeito das demandas presentes na sociedade, independentemente da época que se analisar.

Antes pouco se questionava sobre a inferioridade atribuída à mulher na sociedade, e neste momento inicia-se uma nova conduta sobre o feminino, legitimando e transformando a condição feminina que acarretou em inúmeras mudanças comportamentais na sociedade. Essas transformações não ocorreram de forma vertiginosa, mas sim lenta e gradual. Partiram das primeiras mulheres que outrora deram passos iniciais, conquistando o direito à educação, mais à frente o direito ao ensino superior, o direito ao voto, a participação no mercado de trabalho, a realização de práticas esportivas, a igualdade salarial, o divórcio, entre outros. A revista “Eu Sei Tudo” trata de alguns destes acontecimentos em suas páginas, informando a sociedade que o feminismo estava promovendo questionamentos e mudanças na esfera comportamental.

Percebe-se, também, uma ampla associação entre dominado e dominador, cujas relações de poder estão escancaradas. A concepção teórica de poder, referenciada neste trabalho de pesquisa, se opera por práticas particulares e auxilia na cognição de fatores importantes na teoria feminista. É possível entrever, nas páginas da “Eu Sei Tudo” elementos que corroboram essa perspectiva, tais com o corpo, sexualidade, identidade e normas. Foucault tem três abordagens que são de grande valia para a análise de revistas como essa, sendo elas: arqueológica (cronologia anterior), genealógica (meio) e ética (posterior). Essas abordagens apoiaram, em grande parte, a pesquisa desenvolvida e se encontram presentes na organização das edições da revista como documento histórico, como fonte de pesquisa para um trabalho de história. É possível constatar, nas edições da revista, menções ao passado, ao presente e ao futuro em diversas matérias.

É importante ressaltar que a representatividade feminina de 100 anos atrás é muito diferente da contemporânea. Na atualidade, as autoras possuem autonomia para construir a história feminina e, cada vez mais, mulheres escrevem para mulheres, proporcionando um novo olhar a tudo o que antes era narrado apenas pelos homens. Equitativamente, a mulher passou a buscar o seu espaço, passou, então, a construir e a fortalecer a ideia da escrita de uma história cultural feminina, de modo a questionar, analisar, citar, reformular, lutar e, principalmente, abrir campo para a percepção a respeito da cultura feminina que permanece em construção.

No campo do imaginário, de modo geral, pode-se dizer que pesam as cosmovisões de uma cultura patriarcal, conduzida pela sociedade desde a antiguidade, demonstrando que o homem seria considerado o chefe da casa, responsável pelo sustento, proteção e detentor da última palavra. Não se cogitava contrariar ou opor-se a esses costumes tradicionais. A “frivolidade” feminina encontra materialização nos cosméticos, roupas, utensílios domésticos

e a ideia de consumismo em massa se faz presente. Já o homem relaciona-se a automóveis, bebidas alcoólicas, cigarros ou ainda artefatos de esportes em geral. A revista “Eu Sei Tudo” reproduziu em suas páginas essa cosmovisão da cultura patriarcal como um meio de reforçar esse imaginário. Os resultados podem ser percebidos na utilização do magazine enquanto uma referência histórica em novelas¹⁵⁹ e demais meios de informação presentes na época e que abrangem a temática.

Os veículos impressos passaram a ter grande destaque por proporcionar o acesso às informações. Como um emaranhado de teor enciclopédico, perpassavam as informações do mundo e as moldavam/construíam conforme o que a linha editorial achasse conveniente ou desejasse. Desse modo, aumentaram a publicação de anúncios de diversos produtos sendo determinante para o aumento do consumismo.

Parte-se da ideia de que a revista “Eu Sei Tudo” transitou entre as ideias feministas e o imaginário feminino sem a preocupação de manter uma linha crítica a um dos dois campos. Sobre a revista ocorreu vultuosa influência da história e da época de cada uma de suas edições, bem como também atuação dos meios políticos e econômicos, além da herança masculina, branca, europeia e patriarcal que a sociedade perpetuava. As matérias, anúncios e atividades expostas na revista eram o reflexo do grupo social que a revista atingia, informando as novidades, porém sem deixar de reiterar o passado, as tradições. As relações de poder fazem esta intermediação da vida existente além das páginas e imagens expostas para com os textos e informações publicados. Transmitia-se a informação da maneira como o leitor buscava encontra-la. Isso é, de algum modo, o desejo de uma classe dominante. Ou seja, que determinado assunto, inserido ou orientado por uma determinada perspectiva ou olhar seja mostrado de um modo específico, seja como apreciação de conteúdo ou punição. O humor e sátira aliviam a forma direta como o sistema complacente existia e se propagava, seja para a mulher como esposa, dona de casa e mãe, como para a trabalhadora, desquitada ou esportista.

Histórias femininas e feministas eram contadas, ações eram narradas, conquistas se mostravam presentes, sem deixar a casa ou o marido desamparado. Para a época, a revista “Eu Sei Tudo” englobava os dois eixos, satisfazendo as duas esferas. Assim, existe a construção de um caminho através de novas práticas, atrelando novas funções à figura feminina dentro da

¹⁵⁹ No ano de 2016, na rede de televisão Globo, foi produzida e transmitida a novela “Êta mundo bom!”, que foi reproduzida novamente no ano de 2020, com sua temática ambientada na década de 1940, na cidade fictícia de Piracema, mas que possuía o grande centro de São Paulo como referência. Em um dos capítulos é possível observar uma das moças lendo a revista “Eu Sei Tudo”, enquanto dialoga com suas amigas sobre temas corriqueiros de suas vidas (disponível em: *Globoplay*, 11/05/2020 aos 49 minutos e 09 segundos até 51 minutos e 00 segundos), a revista compõe a cena presente na novela, é possível observar que a revista a semelhança do visual das atrizes com a capa, de modo a identificar a influência da mesma na sociedade.

sociedade, não apenas voltada ao lar, mas à vida no ambiente externo passou a ser importante. As revistas auxiliaram na criação de novas cinesias em um campo antes dominado e direcionado tão somente por homens. Com a organização de ideias e pautas que pudessem chamar a atenção e o interesse do público feminino, a revista criou, assim, transições de gêneros e uma complementação dos sexos, atrelados à necessidade comercial. A história das mulheres está secundariamente escondida nas narrativas masculinas, mas isso não significa negar a participação destas na história.

As matérias e demais publicações constitutivas das edições analisadas da revista “Eu Sei Tudo”, neste trabalho de pesquisa, transitaram entre as ideias feministas e o imaginário feminino sem a preocupação de manter uma linha crítica a um dos dois campos. Ocorre vultuosa influência da história e da época em que se encontram as edições analisadas, como também atuação dos meios políticos e econômicos, além da herança masculina, branca, europeia e patriarcal que a sociedade perpetuava.

Assim, desenvolve-se um diálogo com a alteridade de um modo geral para com uma sociedade que passava a conviver com o feminismo, além, apenas, do feminino. Adentrando em uma nova era, criam-se outros laços e memórias que irão ser seguidos, no momento que as tecnologias e as informações passavam a fazer parte do cotidiano, sobretudo das elites, alcançando um número significativo de indivíduos e auxiliando na composição de um novo imaginário cultural seguindo novos padrões. O período aqui abordado, o do Entreguerras, foi marcado por essa ambivalência. O moderno e o tecnológico se misturavam a inúmeras tensões relacionadas principalmente ao tradicional e ao arcaico, com uma forte revisão dos papéis masculino e feminino, transitando entre as classes, o burguês e o assalariado. Todavia, as relações debatidas neste período não são desprezíveis, uma vez que elas aprofundam questionamentos sobre os, até então, inquestionáveis valores sociais vinculados do à imagem da feminilidade na mesma edição em que se informava conquistas do movimento feminista.

REFERÊNCIAS

A ESTAÇÃO. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estacao/709816>. Acesso em: 23 de mai. 2019.

A MENSAGEIRA. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per352438_contente/per352438_item1/index.html. Acesso em 23 de maio. 2019.

ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: Uma força de trabalho secundária?** Tese de doutorado em Sociologia (São Paulo, Universidade de São Paulo), 2007.

ABREU, Alzira Alves de et al. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos 50.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ALVES, Branca Moreira Alves; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense. 2007.

ALVES, Branca Moreira. Ideologia e Feminismo. **A luta da mulher pelo voto no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1980

ARAÚJO, Emannuel. A Arte da Sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ARQUIVO NACIONAL; Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/assuntos/noticias/serie-brasil-republicano-voto-feminino-no-brasil>. Acesso em 30 de nov. de 2019.

AZEVEDO, Lilian de. **Mulheres revistas: educação, sociabilidade e cidadania na revista.** 2002. 13 f. Artigo apresentado no XXV INTERCOM em setembro de 2002.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade,** Porto, Portugal, (2011).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70: 2016.

BARDWICK, Judith Márcia. **Mulher, Sociedade, Transição: como o feminismo, a libertação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas.** Trad. De Wanda de Oliveira Roselli. São Paulo: Difel, 1981.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina.** São Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais/Fundação Carlos Chagas, 1989.

BIROLI, Flávia. “O Público e o Privado”. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia (Orgs). **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 31-46.

BRASIL. **Diretoria Geral de Estatística. Estatística da Instrução**. Primeira parte: Estatística Escolar, v.1, 4 seção, 1916 (Introdução de Oziel Bordeaux Rego).

BOMENY, Helena. **Quando os números confirmam impressões: desafios na educação brasileira**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. 29f.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.

_____. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

BUITONI, Dulcília Helena S. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. Edições Loyola, São Paulo, 1981.

_____. **Imprensa feminina**. São Paulo, Atica, 1986.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARVALHO, Jeferson Luís Marinho de.; Grazziotin, Luciane Sgarbi Santos. Um almanaque de cidade como objeto de pesquisa da História da Cultura Escrita: Almanack da Parnahyba (1924-1982). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 70, p. 179-195, jul./ago. 2018.

CARVALHO, Fabio Reynol de. **Ciência de Almanaque: como as imagens de Eu Sei Tudo construíram uma guerra**. Campinas, SP: 2011.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, no 11, Vol. 5, p. 173-191, jan/abr 1991.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

CLAUDEL, Paul. **Joana d’Arc entre as chamas**. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

CÓDIGO CIVIL DE 1916. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm. Acesso 22 maio. 2019.

CORREIO DAS MODAS. Disponível em
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per700053/Correiodasmodas1854.htm.
Acesso em 23 maio. 2019.

COSTA, Sergio. Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais. **Rev. bras. Ci. Soc.** vol. 12 n. 35 São Paulo Feb. 1997.

COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

CSUPOMONA, disponível em:
<https://web.archive.org/web/20100116000913/http://www.csupomona.edu/~plin/inventors/cochrane.html#lava-louca>. Acesso em 23 de jan. de 2020.

DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens: três mulheres do século XVII.** São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

DE ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres na escola:** algumas reflexões sobre o magistério feminino. Depto. De Didática da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP- Araraquara. São Paulo: 1996.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, M. C (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **A Mulher na História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong,** 2016: São Paulo: N-1 edições.

DIAS, Carlos. **Mulheres em cena:** as trajetórias de Ana Aurora e Malvina no limiar do século XX. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling; FIGUEIREDO, Mariana Grasel De. **Mulheres, Casamento e carreira:** um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. Nova Perspectiva Sistêmica, N. 60, P. 100-119, Abril 2018.

DOURADO, Tânia. **A revista “As Variedades ou Ensaios de Literatura” e os primeiros indícios de jornalismo especializado.** Bahia; 2012;

DRUMONTT, Mary Pimentel. **Elementos Para Uma Análise do Machismo.** Perspectivas, São Paulo, 1980.

EU SEI TUDO (1919-1939). Disponível no site: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/eu-sei-tudo-magazine-mensal-illustrado/>. Acesso em 22 ago. 2018.

ESPELHO DIAMANTINO. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/espelho-diamantino/700312>. Acesso em 23 mai. 2019.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. **Gênero e desigualdade.** São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1997.

FERRAZ, Salma. **Dicionário machista:** Três mil anos de frases cretinas contra as mulheres. Geração Editorial, Brasil: 2013.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens.** São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FON-FON. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm. Acesso em 23 mai. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A palavra e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade.** In: MOTTA, Manoel Barros da. Foucault: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense, 2006, p. 264-287.

_____. **Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões.** Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **História da Sexualidade.** Vol. 1: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2000.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina:** o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das culturas.** 1ª. Edição. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

HAHNER, June Edith. As mulheres e os direitos da mulher no Brasil de meados do século XIX. In: _____. **A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937.** Tradução de Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 25.

_____. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850-1937.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos:** O Breve Século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1936].

HOOKS, Bell. **Teoria feminista** – das margens ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IBGE- **Intituto Brasileiro de Geografia e Estatística**; disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?idnoticia=2017&view=noticia>. Acesso em 07 de dez. 2019.

JORNAL DAS SENHORAS. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per700096/per700096_anuario.htm. Acesso em 23 maio. 2019.

KEEN, Richard; CRACKNELL, Richard. "**Mulheres no Parlamento e no Governo**". Common Library information - Parliament of the United Kingdom, 20 de julho de 2018.

KRAUSE, Cristina da Silva Cavalcante; KRAUSE, Maico. **Educação de mulheres do período colonial brasileiro até a o início do século XX**: do imbecilitus sexus à feminização do magistério. X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, 2016

LACAN, Jacques. O seminário, Livro 5: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Seminário ministrado em 1957-58).

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago, 1987.

LASSWELL, Harold. **A estrutura e a função da comunicação na sociedade**. In: COHN, G (Org.) Comunicação e indústriacultural. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. **História, Franca**, v. 26, n. 2, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de (Org.). **Gênero em Debate**: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997.

MEYRER, Marlise Regina. **Imagem no ensino superior de História**: discussão de uma metodologia. Porto Alegre: Revista Aedos n. 11 vol. 4 - Set. 2012.

MEYRER, Marlise Regina; GEVERHR, Daniel Luciano. **Gênero, identidade étnica e poder**: mulheres na imigração alemã no Rio Grande do Sul. E-book. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014.

MUSEO UNIVERSAL: JORNAL DAS FAMILIAS BRAZILEIRAS. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/museo-universal/339369>. Acesso em: 23 maio. 2019.

O SEXO FEMININO. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/sexo-feminino/706868>. Acesso em 23 maio. 2019.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e Leituras de Almanques no Brasil**. São Paulo: 1999. Mercado das Letras Fapesp.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

_____. **Minha história das mulheres**. Editora contexto: São Paulo, 2007.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

_____. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

RECREIO DO BELLO SEXO. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/recreio-bellosexo/700070>. Acesso em 23 maio.2019.

REUTERS, Thomson. **Noivas crianças**; Reportagem de Roli Srivastava, editada por Ros Russell. Disponível em: <https://medium.com/@yatahaze/noivas-crian%C3%A7as-vendidas-em-pacotes-de-ofertas-na-%C3%ADndia-767c4857114>. Acesso em 12 de mar. de 2019.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

ROCHA, Clara. **Revistas Literárias do Século XX em Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional**- Casa da Moeda, 1985.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. São Paulo: M. Fontes, 1996.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre; 1995

_____. A cidadã paradoxal. **As feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SOARES, Barros. As propagandas da revista feminina (1914-1936): a invenção do mito da beleza. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.7, n.1, jan./jun. 2014, p. 106-120.

SOIHET, Rachel. Enfoques Feministas e a História: Desafios e Perspectivas. In: Maria Izilda Matos (org.). (Org.). **Gênero em Debate** - Trajetória e Perspectivas na Historiografia Contemporânea. 1a.ed.S. Paulo: EDUSC, 1997, v. , p. 55-73.

TAVARES, Ligia Maria Ladeira; LOIS, Cecilia Caballero. Anotações sobre a teoria feminista do direito e Catherine MacKinnon. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**. Curitiba: jul/dez:2016.

SOUZA, Aureci de Fátima da Costa. **O Percorso dos Sentidos Sobre a Beleza Através dos Séculos – Uma Análise Discursiva**. UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. **Censura no Regime Militar e militarização das artes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

VERONEZZI, Jose Carlos. **Mídia de A Z**. 2ed. São Paulo: Flight, 2004.

WEBER, Max. Sociologia da dominação. In: WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1991. p. 187-223.

ZONATTO, Daiane. **A representação publicitária na revista “Eu Sei Tudo”**. Passo Fundo: 2014.